## *O último nazi*

Antigo adjunto de Hitler e derradeiro sobrevivente da liderança nazi, Rudolf Hess morreu ontem, na prisão de Spandau, onde passou os últimos 40 anos da sua vida. Tinha 93 anos de idade.

Pags 12 e 13

*Ainda o caso do "operário" de 12 anos e o trabalho infantil no distrito de Aveiro*

# INSPECÇÃO DE TRABALHO DECLARA-SE IMPOTENTE

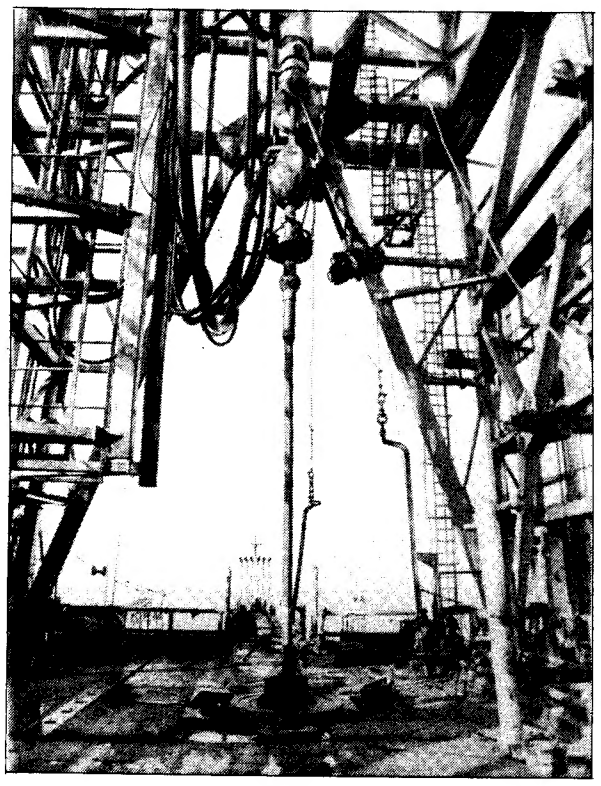
Pág. 11


# Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 440 Terça-feira, 18 de Agosto de 1987 Preço 45$00

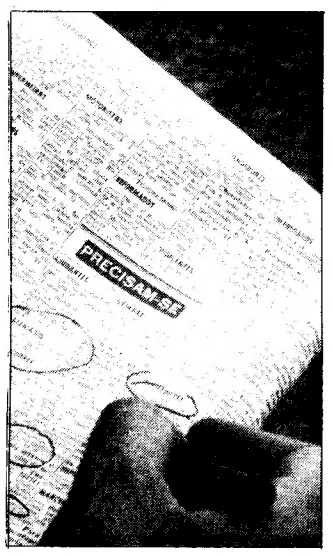

*Apesar da tensão no Golfo preços são inferiores aos níveis de Maio*

# MERCADO INUNDADO PETRÓLEO EM BAIXA



Apesar da crise no Golfo não abrandar, o petróleo, passada a primeira reacção de medo, voltou a cair, descendo desta vez a baixo dos níveis atingidos em Maio. Razão: o mercado está inundado de petróleo o que faz com que os grandes operadores, na Europa, na América e na Ásia se mostrem pouco preocupados com eventuais rupturas de fornecimentos do Médio Oriente. Especialistas internacionais indicam que, face a esta conjuntura,não se antevêem sequer razões para que os preços recuperem, como se chegou a temer.

Continua na pág. 24




## Jovens à procura do primeiro emprego vão ser subsidiados

Os jovens de idade compreendida entre os 18 e os 25 anos, que procurem o seu primeiro emprego há mais de três meses e por isso mesmo estejam inscritos nos centros de emprego da sua área de residência, vão passar a receber um subsídio mensal até ao máximo de 17.500 escudos. A lei respectiva, hoje publicada no Diário da República com o número 35/87, foi votada em Março na Assembleia, apenas com os votos contra do PSD. Pág. 11

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## *Morreu o pai do Modernismo brasileiro*

«Carlos Drummond de Andrade é o maior poeta brasileiro e, depois de Pessoa, o mais importante poeta da língua portuguesa», no entender de outro grande artífice da palavra, António Ramos Rosa. São palavras de homenagem ao grande homem de letras que foi Carlos Drummond de Andrade, ontem falecido no Rio de Janeiro. Nunca chegou ao «top» do Nobel mas era unanimemente tido como o autor de maior obra poética no Brasil e um dos mais importantes poetas do nosso século. Levou-o um enfarte de miocárdio, aos 84 anos. O seu modernismo (ele era considerado o pai deste movimento no Brasil) fica reflectido em versos como este: «Alguns anos vivi em Itabira/ Principalmente nasci em Itabira/ Por isso sou triste, orgulhoso de ferro/ Noventa por cento de ferro nas calçadas/ Oitenta por cento de ferro nas almas...».

Pág. 7

*Drumond de Andrade com a filha, quando cumpria 80 anos*

## O debate sobre a eutanásia

# O DIREITO A UMA MORTE MAIS DOCE

Robert Sole
Exclusivo «Le Monde«/«DL»

Os defensores da eutanásia, na Alemanha Federal, acabam de registar uma derrota e uma vitória. Derrota visto o tribunal de Karlsrukhe ver considerado inaceitável, no dia 29 de Julho, o pedido de uma mulher de vinte e sete anos, gravemente paralisada há quatro anos, após um acidente de viação, que pedia que pusessem fim aos seus dias. Em contrapartida, vitória para o professor Julius Hackhetal, que um tribunal de Munique decidiu, no dia 7 de Agosto, não coordenar, embora ele tivesse dado 4 gramas mortais de cianeto, em Abril de 1984, a uma doente de sessenta e nove anos atingida por um terrível cancro no rosto.

Não devemos admirar-nos com essa aparente contradição. Primeiro porque os dois casos não eram idênticos. Mas, sobretudo, porque no estado actual da medicina, da legislação e da opinião na Europa Ocidental, é impossível uma atitude única e definitiva sobre a eutanásia. A própria natureza desse imenso problema que é o «direito de morrer» leva inevitavelmente a situações muito vagas.

Ninguém está autorizado a dar a morte a outra pessoa, mesmo a pedido desta. As leis alemã e francesa são formais neste ponto. Mas os tribunais são regularmente levados a admitir casos-limite, na RFA, em França e noutros países.

No Baixo Reno, um jovem enfermeiro foi absolvido, em Outubro de 1985, depois de ter aceite pôr fim aos dias de uma doente de oitenta e cinco anos que suplicava: **«Deixem-me morrer...»** Em Quebeque, o tribunal aceitou, em Abril de 1986, que uma menina de três anos, com cancro na região pélvica, não fosse mantida viva. No Colorado, um tribunal autorizou, em Janeiro passado, um tetraplégico de 34 anos, alimentado artificialmente, a cessar os seus tratamentos...

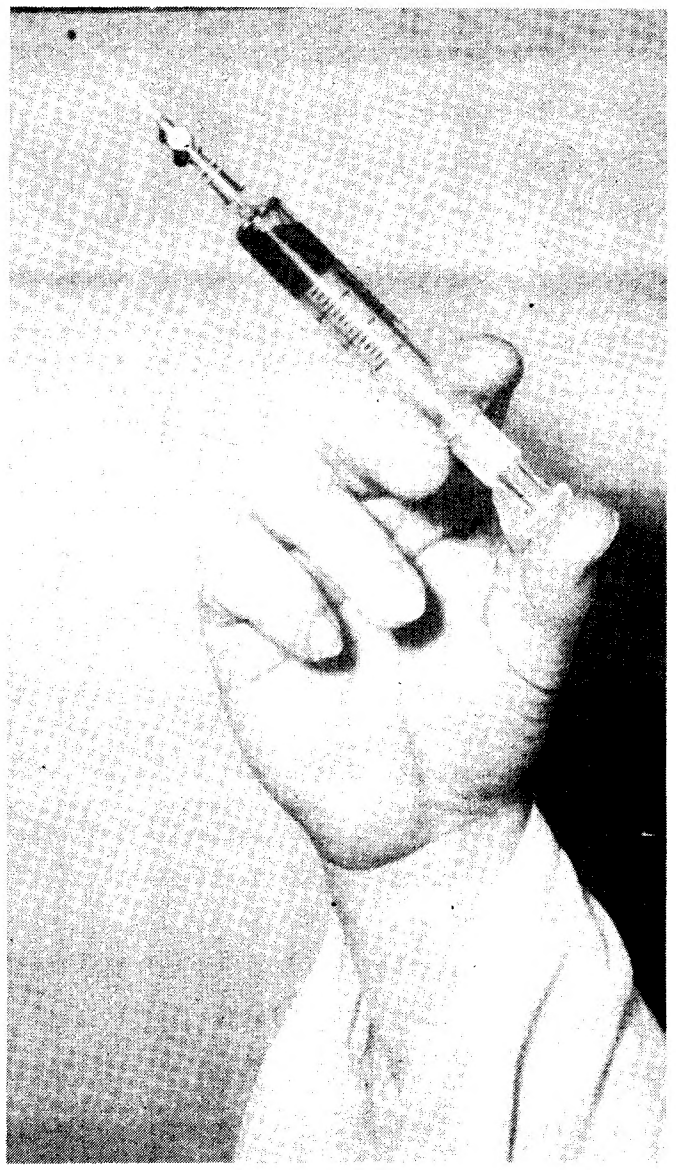
Estes casos dramáticos – e tantos outros que nunca serão conhecidos, porque são discretamente solucionados nos hospitais, – podem multiplicar-se. Pelo menos por duas razões.

A primeira é que todos os países industrializados conhecem um alongamento contínuo da duração média de vida. Há cada vez mais velhos, principalmente «muito velhos», cuja existência é, por vezes, um calvário. Mantidos em vida graças aos progressos da medicina – mas a que preço! – são tentados a acabar suicidando-se ou pedindo esse suicídio assistido que é muitas vezes a eutanásia.

Esta também é favorecida por um novo comportamento dos ocidentais perante o sofrimento – considerado inaceitável – e da morte cada vez mais compreendida como um direito.

Em Setembro de 1975, uma sondagem SOFRES indicava que uma nítida maioria de franceses de mais de setenta anos (54%) contra 31% e 15% sem opinião) queriam que lhes fosse permitido pôr fim aos seus dias em caso de grandes sofrimentos ou de doença irreversível. Mesmo entre os católicos praticantes regulares, os «sim» (42%) ultrapassm os «não» (41%).

Um estudo realizado nos Estados Unidos e publicado em Janeiro de 1986 no **New England Journal of Medecine** mostrava que um número crescente de doentes em diálise por sofrer de insuficiência renal crónica decidia interromper o seu tratamento, portanto pôr fim aos seus dias no espaço de uma semana.



### «Peço insistentemente...»

Se a eutanásia existe desde o princípio dos tempos, foi Francis Bacon o primeiro a formular a noção de morte doce. Ele escrevia em 1620 no seu **Novarum orgamum: «É função do médico dar a saúde e suavizar as dores, não só quando isso pode levar à cura mas também quando pode conduzir a uma morte doce e fácil.»**

Hoje, toda a gente — incluindo a Igreja católica — está de acordo, em princípio, para condenar o encarniçamento terapêutico, isto é, um esforço médico sem esperança e sem grande significado, que não faz mais do que prolongar o sofrimento do doente. Em contrapartida, a eutanásia, que é condenada pelas grandes religiões monoteístas, está longe de criar a unanimidade do corpo médico e dos reponsáveis políticos. Geralmente compreende-se por eutanásia activa o facto de dar a morte, administrando, por exemplo, um medicamento, enquanto que a eutanásia passiva consiste em deixar morrer um doente por paragem com o tratamento.

Em França, a Associação para o direito de morrer na dignidade (ADMD) declara ter quinze mil membros. Prevendo o caso de estarem na incapacidade de exprimir a sua vontade, esses adeptos da «morte doce» assinam com antecedência uma declaração escrita: **«Peço insistentemente** (...) **que usem de todos os remédios para me acalmar as dores, mesmo no caso em que os únicos eficazes possam abreviar a minha vida. Que, em último recurso me proponham a eutanásia».** Uma tal declaração não tem, no entanto, valor legal nem aos olhos da justiça nem aos dos médicos, enquanto que uma atitude similar obteve reconhecimento parcial nos Estados Unidos.

O presidente da ADMD, Henri Caillavet, antigo ministro, luta por uma regulamentação da eutanásia. Segundo ele, esta vale mais do que uma escolha deixada ao critério de parentes transtornados, de médicos e enfermeiros exaustos ou hesitantes. Em todo o caso vale mais do que actos clandestinos.

Para as grandes religiões monoteistas, a vida pertence a Deus. Um homem não tem o direito de se matar e não pode delegar noutro esse direito. Mas, a maior parte das vezes, os adversários da eutanásia situam-se a outro nível e fazem perguntas muito concretas: uma pessoa saudável pode decidir? O sofrimento é insuportável para o doente ou para os que o rodeiam? E segundo que critérios é possível legislar? A partir de que momento pode o sofrimento ser declarado insuportável?

### Fronteiras imprecisas

Entre o encarniçamento terapêutico e a eutanásia, surgiu uma terceira via em vários países ocidentais: os **«cuidados paliativos»** destinados a **acompanhar os doentes na última fase».** Trata-se essencialmente, em unidades especializadas, de suprimir a dor através de novos medicamentos, muito eficazes, mas sem agir numa doença considerada incurável. Este «acompanhamento» do doente — e da sua família — também tem uma dimensão psicológica e humana para lutar contra a angústia e preparar a morte. O Canadá, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos abriram-lhe caminho. A França começa a imitá-los. Uma unidade de cuidados paliativos acaba assim de ser inaugurada no hospital internacional da Universidade de Paris.

Mas os promotores dos cuidados paliativos não defendem também a ideia de «morte doce»? E certos medicamentos contra a dor não podem abreviar, em certos casos, a vida do doente? As fronteiras entre todos os que se batem para vencer o sofrimento e permitir que as pessoas morram dignamente não são muito claras. Onde pára a eutanásia passiva? Onde começa a eutanásia activa? A partir de que momento há encarniçamento terapêutico? E o que é um prolongamento «artificial» da vida com os meios fantásticos de que agora dispomos?

As fronteiras são imprecisas mas talvez seja melhor assim. A decisão terapêutica perante a morte é demasiado complexa para seguir quaisquer regulamentações. Porque ela diz respeito não só ao doente e ao médico mas também à família, aos enfermeiros e aos ajudantes de enfermagem. É preciso saber escutar o sofrimento e responder-lhe com bom senso e calor humano. Os **«cuidados paliativos»** — que exigem estruturas adaptadas, isto é, muitos meios — são decerto a via ideal. Mas seria ingénuo acreditar que eles suprimiriam em todos os casos o recurso à eutanásia.

# Adiar o coração

Lia Viegas

«Não posso adiar o coração para outro século. Não posso», disse o poeta António Ramos Rosa.

Mas nós adiamos. Não adiamos, quanto muito, o amor individualizado na pessoa querida, não adiamos o amor à nossa família. Nós queremos fazer amor, nós queremos dar e receber amor. Com o coração. E pronto?

Pronto, já chega. Estamos cansados, estamos chateados, vê-se televisão, bebe-se um copo. Olha agora do que se fala. De praia. Do tempo. Das férias. Irá Cavaco governar social-democraticamente ou ditatorialmente? Olha o que se ouve. As acções na Bolsa. As cotações. Vai subir a gasolina? Diz que o Presidente da República recebeu não sei quem. Diz que o futuro ministro disse. Diz que a oposição vai ser oposição.

Temos a cabeça cheia e a alma vazia. Tão inchados. Tão alheios. Tão indiferentes. Tão cinzentos.

E nisto. Caem no rosto dos jornais duas notícias seguidas sobre as crianças desgraçadas deste país — e, vejam só!, essas notícias são notícia. Os telexes trepidam múltiplas asas de insecto, a notícia portuguesa corre mundo.

Em Londres soletra-se: «Em 1987, Portugal, como nos romances de Charles Dickens, milhares de crianças dos oito aos traze anos, por um salário de oito contos mensais trabalham quinze horas por dia nas fábricas, tranportam tijolos, acarretam fardos, estão aos teares, amassam o barro para faianças e porcelanas». Foi preciso o Saul, com deze anos (perdão já fez treze em Abril, corrigiu o sr. inspector de Trbalho) ter perdido uma perna no moinho de barro. Já o escândalo do trabalho infantil tinha sido divulgado por organizações políticas e sindicais. E quem lhes deu atenção? Nos nossos ouvidos fizeram ninho as ninharias, as almas estão secas. Adiamos o coração.

Esses meninos que são embrutecidos com trabalho e esses meninos que se drogam e se matam com cola não são iguais aos nossos meninos queridos, aos nossos meninos, filhos, parentes e amigos de gente civilizada e com meios de vida? Quem escolheu para eles a má vida, a desgraça, o martírio? Seremos todos nós que nos demitimos de querer, de sentir, de ter uma opinião, de mover um braço pelos outros? Seremos, pelo menos, a maioria? A maioria crê na democracia? Ou crê que haverá alguns responsáveis por essa situação? Já que vivemos numa sociedade organizada. Que pagamos impostos e até votamos livremente. Por acaso até já votámos. Votámos na estabilidade.

É isto o que dizemos. E o que sentimos? Adiámos o coração — para outro século?

## AINDA A CANDIDATURA PORTUGUESA À UNESCO

REFERIMO-NOS, nestas notas cursivas, à candidatura do dr. Vítor Sá Machado ao cargo de director-geral da UNESCO, sem outro propósito que chamar a atenção para o facto de não ser «esta a primeira vez que no mercado das grandes instituições internacionais» era lançada uma candidatura portuguesa com um excesso de voluntarismo. Parecia-nos que, de um modo geral, as antenas diplomáticas portuguesas não tinham procedido à necessária prospecção, não tinham reunido, sobre as conhecidas e eventuais candidaturas concorrentes à sucessão de Amadou Mahtar M'Bow, a informação suficiente. Parecia-nos que alguns dos argumentos apresentados como favoráveis à candidatura do dr. Vítor Sá Machado lhe eram contrários. Por exemplo: o candidato ser natural de um pequeno país da Comunidade Económica Europeia (CEE).

Mas para o dr. Vítor Sá Machado, como então reproduzimos citando, existia «uma massa crítica suficiente para que a minha candidatura ao cargo de director-geral da UNESCO possa ter êxito». E, certo do apoio do Governo e da cooperação da diplomacia portuguesa, lançou-se, com empenho, na propaganda e defesa da sua causa.

Visitas a diversos países, conversações, negociações, sondagens, sucederam-se, a bom ritmo, desde 22 de Junho. Recordemos que a ideia da candidatura data de Abril. Todavia, em vários planos — a CEE, os Estados socialistas, os países africanos — a candidatura portuguesa não terá tido o acolhimento desejado. Não é a pessoa do dr. Vítor Sá Machado que suscita reservas, é, no contexto actual da vida e do funcionamento da UNESCO, a candidatura portuguesa.

Não há razão — pensa-se nos meios internacionais da organização e directamente ligados às actividades da UNESCO para supor, como parece ser convicção do Governo português, que um director-geral proposto por Portugal teria condições especiais para renegociar a situação orgânica da UNESCO e seria, naturalmente, favorecido pela solidariedade dos governos dos países europeus. A frieza, em relação a uma candidatura portuguesa, partiria da Espanha, preocupada pela sua projecção nacional e muito mais atenta ao que pensa a América-Hispânica, do que sensível às pretensões do vizinho ibérico.

Que o dr. Vítor Sá Machado tenha sido bem recebido e delicadamente escutado em Moscovo, não cabem dúvidas. Mas, uma coisa é escutar, outra coisa é um apoio empenhado. A União Soviética está interessada no regresso dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha à UNESCO. Esse regresso corresponderia a um conceito de «comunidade internacional» coexistente e cooperante, mas quererá que uma negociação com esse objectivo seja conduzida por alguém que represente um país distanciado dos blocos ou representativo de uma área internacional resistente à influência norte-americana. De resto, os países socialistas têm o seu candidato: Todorov, da Bulgária.

Os países africanos, na reunião da Organização de Unidade Africana (OUA), que recentemente teve lugar em Adis Abeba, decidiram apoiar a recandidatura do actual director-geral da UNESCO, o senegalês M'Bow. Esta decisão vem comprometer o apoio dos 5 países africanos de expressão oficial portuguesa à candidatura do dr. Vítor Sá Machado. Alguns destes países estão, pelo menos, hesitantes ou divididos. Singular é caso da República de Cabo Verde. O ministro cabo-verdiano dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz, terá declarado nos primeiros dias de Agosto que a posição dos países africanos se tinha modificado com a decisão da 23.ª cimeira da OUA, realizada em Adis Abeba, nos finais de Julho. Segundo Silvino da Luz (in «Semanário», 8/8/1987), tinha sido manifestado «apoio a Sá Machado porque não havia um candidato africano». Esta parece ser a posição de recuo e de reflexão de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau. Todavia, no dia 13 de Agosto, o primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, de passagem em Lisboa em trânsito para Moscovo, declarou que o seu país mantinha o apoio à candidatura do dr. Vítor Sá Machado. Mas, frisou que falava só em nome de Cabo Verde. Escusou-se a indicar ou comentar a posição de outros países. Sobre este ponto, num colóquio em Lisboa (12/8/1987), o dr. Vítor Sá Machado, perguntando sobre uma alteração da posição dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa, respondeu: «Não tenho notícia dessa inflexão. As resoluções da OUA não têm carácter injuntivo, são meramente indicativas, não têm necessariamente que ser seguidas pelos seus membros. Por outro lado, não tenho notícia de que os cinco países de expressão oficial portuguesa tenham mudado de atitude. Tendo comunicado ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro uma decisão tomada pelos presidentes dos cinco países, não é crível que mudem de opinião» («Diário de Notícias», 13/8/1987).

Para o dr. Vítor Sá Machado o apoio dos cinco países africanos constituía uma «motivação fundamental» e confessava-se convicto de que a candidatura portuguesa era viável desde que tivesse o apoio dos países da CEE. São palavras suas: «... acredito absolutamente nesse apoio, porque não creio que a solidariedade europeia não funcione». Citamos ainda as expressões de uma forte convicção: «um candidato europeu tem nesta altura particulares condições para ser eleito, sendo o voto da Comunidade Europeia uma espécie de aval e tendo ainda a importância de arrastar os votos de outros países do mundo». («Diário de Notícias», 13/8/1987).

Convidado pelo Governo português, o dr. Vítor Sá Machado não esconde que pretende dar à gestão da UNESCO uma orientação diferente, evitar a dispersão de esforços, promover o regresso dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Não hostilizando o actual director-geral, a sua candidatura, sem qualquer dúvidas excedendo a política nacional portuguesa, pretende vir a ser correctora da actual gestão. É um facto que não pode ser iludido e que coloca problemas a muitos países.

Entretanto, o número de Abril da publicação da UNESCO, «Le Courrier», provoca uma reacção forte, mas compreensível, do escritor Vasco Graça Moura. Com data de 2 de Julho, este envia, ao presidente da Comissão Nacional da UNESCO, uma carta com o pedido de demissão de membro do Conselho-Geral da Comissão Nacional da UNESCO. O «Diário de Lisboa» publicou essa carta na edição de 6 de Agosto (suplemento «LerEscrever»). Não importa agora analisar a argumentação do demissionário no que respeita às afirmações e omissões desse número de «Le Courrier», nem vem a propósito referir que não são admissíveis as justificações que distinguem os Descobrimentos e os «relatos de viagens». O protesto de Vasco Graça Moura não foi considerado oportuno na perspectiva da candidatura portuguesa ao cargo de director-geral da UNESCO, e mereceu, ao dr. Vítor Sá Machado, uma qualificação severa: um «assunto absurdo» que alcançou «uma ressonância que se não justificava», («Diário de Notícias», 13/8/1987).

Nesta década de comemorações dos Descobrimentos, é óbvio que não serão edições de Almeida Garrett («Viagens na Minha Terra») ou de Fernando Pessoa («Mensagem») que nos compensarão, culturalmente, historicamente, de omissões voluntárias e involuntários esquecimentos. Na «hora da Espanha», sem cultivar atritos, é preciso marcar, como é devido, a «hora de Portugal». E não será recuando perante os mal preparados, ou atrabiliários, colaboradores de «Le Courrier», que se abre na UNESCO um lugar para a cultura portuguesa. Nem será de aceitar que cálculos eleitorais nos recomendem um silêncio que pode ser prudente, mas não é serviço de Portugal.

Teria sido intempestiva a atitude de Vasco Graça Moura? Reconhecemos que ela não terá contribuído para ajudar a candidatura de Vítor Sá Machado, mas reagimos à ideia de que, no caso de um insucesso, o fracasso possa ser atribuído ao protesto veemente de Vasco Graça Moura.

*Folhetim artístico*

# AMADEO OU STUART?

José Augusto França

Teria Stuart assistido à inauguração da exposição de Amadeo, nas salas da Liga Naval, naquele dia 4 de Dezembro de 1916?...

Comemorados agora, lado a lado, os centenários dos dois artistas em espaços da Fundação Gulbenkian, e tão diferentes eles sendo, da maneira que se vê, a pergunta insinua-se, entre a curiosidade e o gozo. Nenhuma impossibilidade física ou matafísica haveria para a visita, e mesmo a proximidade dos territórios a ajudava, neste limiar do Bairro Alto, «habitat» de Stuart, em que o palácio dos Calharizes, em tal sítio, se abria à exposição do outro. É claro que uma coisa eram as tascas do bairro popular e outra os lambris do clube dos guardas-marinhas — mas o Stuart estava bem em toda a parte, e até, ao que sempre cnstou, em Lisboa, meio lendariamente, o seu apelido vinha dos propriamente ditos, em realezas muitíssimo degradadas até ao Trás-os-Montes em que nasceu, no mesmo ano em que o expositor escandaloso da Liga Naval, e quase na mesma província.

Por outro lado, Stuart e Amadeo tinham vivido em Paris ao mesmo tempo, e lá trabalhado, o primeiro para ganhar a vida, o segundo a fama que começava a sorrir-lhe quando a guerra rebentou. Stuart não voltou a Portugal por causa da guerra, mas por sua vontade ou sua saudade. Em suma: se o outro foi português à ou por força do destino, ele foi-o, em espécie lisboeta, por sinceridade própria, e tão certa que logo a seguir casou com uma varina chamada Fausta, que era certamente bela como um verso do Cesário — e como os seus próprios desenhos. Desenhos, multiplicados por tudo quanto fosse jornal em Lisboa, com redacção nos arredores do seu território necessário e sufuciente — se lhe acrescentarmos os cais do Tejo, donde , aliás, o Bairro Alto nasceu. E ali, naquela risca traçada a meio do combro alfacinha, onde o Calhariz adoptou o nome, os dois mundos, que um e outro artista representavam, entravam em contacto. Quem não entrou, porém, no palácio em questão, foi (quase com certeza) o Stuart...

No ano anterior, aliás, ele publicara, no «Século Cómico», com versalhada bem pastichada do Acácio de Paiva-Belmiro, um retrato extremamente dinâmico do Santa-Rita, paródia do «Orfeu» e dos seus «hors-textes». Que precisão teria ele de, agora, ir ver a exposição do Amadeo?...

...Dois mundos, disse-se acima: dois mundos lisboetas, de diferente e oposta necessidade, ou fatalidade, um limitando-se na observação, por toda a gente, de um quotidiano anedótico, o outro, com seu grupo restrito, vagueando em influências e ideias importadas onde, afirmava o Almada (mas ra o único a fazê-lo, e, evidentemente, de cor), Portugal se descobria Europa e século XX, ou vice-versa. Nessas duas situações, as duas obras corriam destinos diversos, como agora pode felizmente ver-se nas salas da Fundação Gulbenkian.

Uma delas logo foi vista e amada, numa cumplicidade que arregalava o olho para as pernas espreitadas acima da liga, com gostos de imaginação alfacinha e sem mais pedir à vida sentimental e triste da cidade. A outra não, nem podia sê-lo, no seio dessa mesma cidade «onanista», à qual trazia uma vista retalhada e confusa de outros imaginários formais. O seu autor «era», nas suas possibilidades, o século XX — mas ninguém tinha nada com isso. E muito menos o Stuart...

Nesse ano de 1916, quando a guerra pouco começara para o país, com suas mortes nas trincheiras e negociatas concomitantes de novos-ricos, o mundanismo não se instalara ainda nos costumes da cidade por via artística e decorativa; só nos anos vinte tal aconteceria com uma continuidade de sinais que, por exemplo, a «Contemporânea», abortada em 15, viria então a realizar, e todos os magazines com ela, em termos médio e pequeno-burgueses, nessa ltura da nossa história mais confundidos do que hoje nos aparecem.

Amadeo, falecido logo em 18, nada teria a ver com tais discursos que bem convieram à primeira parte da obra de Almada; tão-pouco Stuart, mas o acaso profissional das encomendas dos ditos magazines levaram-no a essa prática e aí nos reserva ele uma revelação da mais extrema importância social...

Que é, a par dos desenhos de António Soares, e ao contrário do sofisticado destes, a duma situação de mundanidade vista no seu falso semblante. O

Continua na pág. 4

# MACAU É O NOVO CENTRO DA ESPIONAGEM NORTE-COREANA?

Macau estaria actualmente a servir como centro da espionagem norte–coreana no estrangeiro, escreve hoje pelo jornal norte–americano editado em Paris, «International Herald Tribune»

Segundo este jornal, a principal base da espionagem norte–coreana teria sido transferida de Tóquio para aquele território sob administração portuguesa por causa do número crescente de êxitos dos agentes da Coreia do Sul. Macau, por seu lado, permitiria aos agentes norte–coreanos agir sem dificuldade.

«Os 38 norte–coreanos que se sabe viverem em Macau» — dia o «Herald tribune» — «exercem todos actividades comerciais legitimas: um restaurante, uma loja de ervanária e de produtos de saúde e duas empresas de «import–export». Mas há também provas de que eles utilizam Macau como base para espionagem, vendas de armas e operações clandestinas».

Ainda segundo o mesmo jornal, julga saber–se que foi em Macau que os norte–coreanos planearam o atentado à bomba na Birmânia, em 1983, que matou 21 pessoas, incluindo personalidades políticas sul–coreanas de primeiro plano.

Os norte–coreanos estabelecidos em Macau rejeitaram estas acusações.

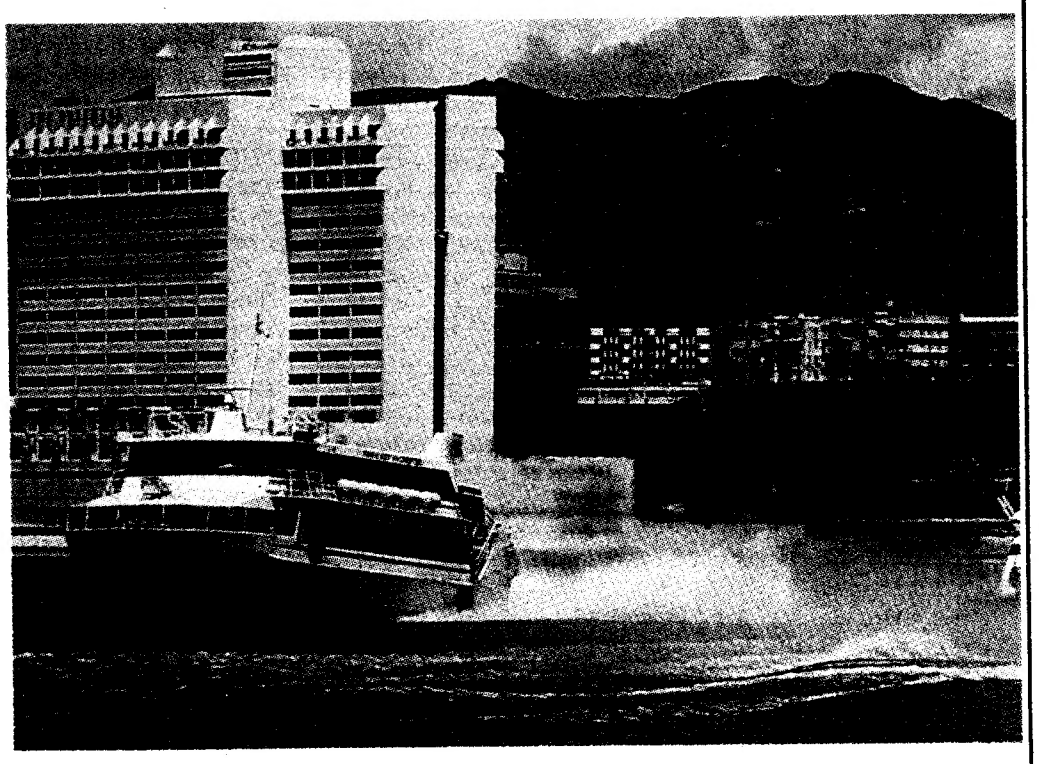
Especialistas em assuntos de espionagem dizem que o principal dirigente norte–coreano em Macau é An Gun Ho, identificado como oficial superior da contra–espionagem daquele país.

O território de Macau, onde as formalidades de entrada são quase inexistentes, é desde há muitos anos reconhecido como um dos grandes centros de espionagem do extremo-oriente, havendo suspeitas de que os próprios norte-americanos mantém ali um espécie de «centro de reciclagem» dos seus agentes naquela região.

Para além disso, o controlo quase nulo exercido sobre as zonas marítimas do território permitem que por ali circulem fácilmente armas e outros produtos de contrabando.

Da parte portuguesa, o controlo exercido pelos serviços de segurança militares é ineficiente, embora conste que mantém um arquivo relativamente actualizado das pessoas «suspeitas».

No entanto, o estatuto especial do território faz com que as autoridades portugueses «fechem os olhos» a este tipo de actividades. Há alguns meses, no entanto, e por pressão norte-americano, foram detidos e expulsos alguns norte-coreanos, denunciados como agentes secretos.



Grande parte da actividades das autoridades de segurança de Macau incide sobre os clandestinos chineses —existem algumas dezenas de milhares no território — dadas as dificuldades que colocam à vida normal da cidade.

# AMADEO OU STUART?

Continuação da pág. 3

esforço que Stuart fazia para desenhar os tipos que ilustram tal viver, mais do que efeito de sua própria veia popular desviada, reproduz o esforço dos actores em cena para representarem o papel que lhes era distribuído nesta capital de penosos anos 20... Os desenhos de Stuart, de género «fino», são imediatamente canhestros. Não era ele para isso? Ou seria que a sociedade representada fundamentalmente o não era? E então o Soares «parvenu» só o ser acreditava na sua realidade... A melhor explicação da situação vem-nos da pena de outro desenhador, o Barradas, com as suas sopeiras — «papillons» de clube; o que, em tragédia, dá a Judite do «Nome de Guerra» da.

Do Amadeo, nem falar... Gente fina ou bem chegada dos negócios (como hoje) não tinha nada com isso, isto é, com uma cultura que se debatia em modernidades. No caso em questão, o debate era inevitavelmente caricatural, no outro novo-riuismo de Amadeo, feito de admirável intuição e perdoável prosápia. E ele nos deixa ainda agora confundidos quando se vêem assim, em demasia e sem troco, os seus quadros, uns atrás dos outros, como lagartas, sem que qualquer destaque nos explique criticamente o que se passou de significativo ao longo dos seis anos de vida que o pintor teve. Imagine-se só como seria a coisa, setenta anos atrás...

Em Stuart ela seria, como foi sempre e hoje continua a ser, mais desenho menos desenho, perfeitamente legível — no seu mundo, tristezinho e espreitador, lisboeta, em suma, mesmo com Areeiros novos de outras pernas... Que a sua exposição de centenário seja tecnicamente melhor que a de Amadeo, apesar da sua modéstia, tem, setenta anos depois da Liga Naval, aonde o Stuart não foi (ao longo do folhetim fui-me afirmando nisso...), uma significação de certo modo fatal, que o prezado leitor, e visitante, logo entenderá.

Linguacoop
AVENIDA MANUEL DA MAIA, 46-1.º DT.º
(a Praça de Londres) • 1000 LISBOA
TELEFONES: 80 96 66 / 80 97 77 / 88 14 98

CURSOS DE VERÃO
— QUINZENAIS E MENSAIS —
JULHO • AGOSTO • SETEMBRO
INGLÊS • FRANCÊS • ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
EM SETEMBRO
INSCRIÇÕES PARA O ANO LECTIVO 87/88
CONSULTE AS NOSSAS TABELAS

FILARTESANATO
EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTESANATO
EXPOSIÇÃO - VENDA
FESTIVAL DA PEQUENADA
DE 21 A 23 DE AGOSTO/87
das 14.30 às 20.00h
(entrada livre)
teatro
cinema
palhaços
banda desenhada
artesanato ao vivo (juvenil)
VEM "TRABALHAR" CONNOSCO!
TEMOS "COISAS" PARA TU FAZERES.
A MALTA FICA À TUA ESPERA!
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
FIL ARTESANATO

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**

**9.º JUÍZO CÍVEL**

**ANÚNCIO**

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os Réus incertos para no prazo de dez dias, findo o prazo dos Éditos, contestarem, querendo, a presente Acção, sob pena de não o fazendo serem condenados no pedido o qual consiste em os Réus reconhecerem a posse da primeira Autora e ou da segunda Autora, à data do esbulho, e abrir mão da loja dos Autos e a restituí-la àqueles, com todas as consequências legais, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria à disposição dos citandos.

Acção Especial, n.º 5217, 3.ª Secção.

Autor Moa Foundation (na denominação japonesa Zaidan Hojin Moa Bijutsu Bunka Zaidan) e outros.

Réus Eduardo Inone, outros e incertos.

Lisboa, 16 de Julho de 1987

**O Juiz de Direito**
*a) Baeta de Queiroz*

**O Escrivão Adjunto**
*a) J. C. Marques da Silva*

**«DL» 12/8/87 — 1.ª Pub.**

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO**

**ANÚNCIO**

São citados os credores desconhecidos que gozém de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se comecará a contar da segunda e última publicação do anúncio — Execução de sentença n.º 4 912-A 2.ª secção Exequentes — CORESA-Conserveiros Reunidos, SARL — Executado — MANUEL MARTINS DIAS e mulher MARIA VIVELINDA DE JESUS PEREIRA DIAS, residentes na Rua Álvares Botelho, 38-Tavira.

Lisboa, 24 de Julho de 1987

**O Juiz de Direito,**
*(assi. ilegível)*

**O Escrivão de Direito**
*(Assi. ilegível)*

**«DL» 12/8/87 — 2.º Pub.**

# REACÇÕES À POSSE DO XI GOVERNO

## *PS e PCP indiferentes*
## *Líderes regionais ausentes*
## *CDS e CGTP descontentes*

**As ausências ostensivas da Oposição, à excepção do líder do PRD, Hermínio Martinho, as advertências da CGTP, as acusações do CDS a Cavaco por ter convidados personalidades centristas para o Executivo sem consultar o seu partido e a indiferença dos chefes dos governos regionais (Jardim viaja pelos EUA e Mota Amaral chegou a Lisboa no domingo para um «período de convalescença»), foram as reacções mais significativas à posse do XI Governo constitucional.**

PS, PCP e «Verdes» não foram ao palácio da Ajuda nem se preocuparam em explicar porquê. Já o CDS entendeu justificar a sua ausência e, em comunicado da sua comissão executiva, disse que «não se fez representar» na referida posse «porque considera deontologicamente reprovável a maneira como o presidente do PSD recrutou directamente ex-membros recentemente militantes do partido, considerados tecnicamente competentes, evitando formalmente cumprir o dever de consultar o CDS e contribuíndo assim para agravar a crise do partido».

### CDS: derespeito das minorias

O CDS «lembra» o facto de Cavaco sempre ter considerado «construtiva» a oposição dos centristas e «teve procedimento diferente quando pessoalmente pediu, e obteve, o apoio parlamentar de que necessitou para conseguir a aprovação da moção de confiança, sendo os mesmos os dirigentes do CDS».

«A maioria absoluta não revoga as regras de respeito pelas minorias políticas», sublinha a direcção do CDS que alerta os militantes «contra esta ingerência objectiva na vida interna do partido» e para «o perigo» do seu «esvasiamento, no caso de a fidelidade partidária não ser mantida».

### CGTP: «as maiores preocupações»

Em termos de reacção à composição e posse do novo Gabinete, coube à CGTP-IN a primeira opinião formal. O comunicado da Comissão Executiva da Inter considera que o discurso de Cavaco Silva «nada acrescentou às suas usuais características populistas» e, quanto à estrutura do Governo diz que ela «indicia uma orientação sobre a política laboral que motiva as maiores preocupações dos trabalhadores e da CGTP-IN».

A extinção do Ministério do Trabalho, transformado em Ministério do Emprego e da Segurança Social, é particularmente visada pela CGTP que recorda «a gravidade» dos problemas sociais no nosso país e a «necessidade imperiosa» de uma acção do Estado «correctora das injustiças e desigualdades sociais e da sobreexploração das camadas mais desprotegidas».

A «injustiça na distribuição do rendimento nacional entre o capital e o trabalho» e entre as «actividades produtivas e actividades especulativas», é razão ainda para o comentário da Inter de que o novo Governo «defende uma filosofia desvalorizadora do papel dos recursos humanos no desenvolvimento do país e de necessidade duma política laboral e social, global e articulada».

No entender da CGTP, o Governo «parece querer remeter para os ministérios sectoriais a aplicação da política da política social e a resolução dos conflitos laborais», enquanto «ficam sem enquadramento orgânico adequado importantes políticas da responsabilidade do Estado, nomeadamente o direito à negociação colectiva, a higiene e segurança no trabalho, a garantia dos direitos dos trabalhadores e a salvaguarda da liberdade sindical, etc.».

Sobre o diálogo social que — acentua o comunicado — para o Primeiro-Ministro «é necessário se corresponder nas suas conclusões aos objectivos e intenções do Governo», a CGTP alude às «ameaças veladas» feitas por Cavaco à luta dos trabalhadores para concluir que, como central sindical e no «respeito pela Constituição e pela legalidade democrática, não deixará de organizar o protesto dos trabalhadores sempre que, por acção do Governo ou do patronato, os seus legítimos direitos sejam postos em causa».

### JS comenta

Do **PS**, a única posição conhecida é a do líder da Juventude Socialista, José Apolinário, que considerou «positiva» a criação do Ministério da Juventude que pode eventualmente «contribuír para a sensibilização da opinião pública no que respeita aos problemas dos jovens».

Espera entretanto o responsável da JS que «a ideia não constitua apenas um presente luxuosamente embrulhado, sem conteúdo prático, destinado a iludir os jovens que empenhadamente participaram na campanha eleitoral do PSD» e frisa que a eficácia de uma política para a juventude «depende das medidas concretas que o Governo vier a realizar em domínios da população juvenil, como o emprego, o ensino ou a habitação».

### «Expectativas frustradas»

Do **PCP**, sem comunicado expresso até ao momento, poderá reter-se o editorial de «o diário», jornal próximo daquele partido, que diz ter a composição do Governo frustrado «profundamente as expectativas de quem tinha acreditado numa nova era».

A permanência «em postos-chave de conhecidos profissionais da rotatividade Governo-Conselhos de Gestão (públicos ou privados), responsáveis pelos piores efeitos da política de recuperação capitalista, velha de onze anos», é, segundo «o diário» é o facto «mais significativo» do novo Gabinete.

«A novidade—acrescenta o matutino próximo do PCP—continua a ser apenas a maioria absoluta de que o Governo dispõe na Assembleia da República. Mas essa é uma novidade que, ligada a um Governo igual aos que temos tido, com a mesma velha política, não irá, por certo, satisfazer qualquer espécie de expectativas».

*Com muitas "caras novas"*

# Secretários de Estado tomaram posse

**Com a posse, hoje, de 35 secretários de Estado fica completo o elenco do XI Governo constitucional que, com os seus 52 membros é um dos menos numerosos de sempre. No conjunto dos secretários de Estado, 17 são «estreias», enquanto os restantes 18 já são veteranos nestas «andanças» governamentais.**

São «caras novas» Joaquim Faria de Almeida (adjunto da ministra da Saúde), Álvaro dos Santos Amaro (Agricultura), Jorge Mendes Antas (Comércio Inyterno), Luís Morais Cardoso (Alimentação), Macário Correia (Ambiente e Recursos Naturais), Carlos Costa (Transportes Interiores), Miguel Horta e Costa (Comércio Externo), Fernando Costa Freire (Administração da Saúde), José de Oliveira Lobo (adjunto do Ministro da Administração Interna), Eduardo Correia Matos (Transportes Exteriores e Comunicações), Isabel Mota (Planeamento e Desenvolvimento Regional), Eugénio dos Santos Ramos (adjunto do Ministro da Defesa Nacional), António Ribeiro (Reforma Educativa), Nuno Ribeiro da Silva (Energia), José Borges Soeiro (adjunto do Ministro da Justiça), António Fernandes de Sousa (Indústria) e Alarcão Troni (adjunto do Ministro da Educação).

### Os «veteranos»

Por seu lado, dos 18 «veteranos», 3 jurarão pela quarta vez e um pela terceira vez. São eles, respectivamente, Arantes e Oliveira, Bagão Félix, Licínio Cunha e Rui Carp.

Eduardo Arantes e Oliveira foi secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica com Nobre da Costa e Mota Pinto e da Investigação Científica no anterior Governo. Bagão Félix, que é militante do CDS, foi secretário de Estado da Segurança Social com Sá Carneiro e nos dois executivos presididos por Pinto Balsemão. Licínio Cunha sempre esteve no Turismo, primeiro com Mota Pinto, depois com Maria de Lurdes Pintasilgo e agora nos dois governos de Cavaco Silva. Finalmente, Rui Carp foi subsecretário de Estado do Orçamento de Sá Carneiro e secretário de Estado do Orçamento nos dois últimos governos.

Nas mesmas funções se mantêm exactamente nove secretários de Estado: Teresa Gouveia (Cultura), Manuel Carvalho Fernandes (Tesouro), José Oliveira Costa (Assuntos Fiscais), José Nunes Liberato (Administração Local e Ordenamento do Território), Vitor Costa Martins (Integração Europeia), Jorge Godinho (Pescas), Falcão e Cunha (Vias de Comunicação), Elias da Costa (Construção e Habitação) e Luís Filipe Pereira (Segurança Social).

Mas há ainda os que, ficando embora no Governo, mudam de funções. São estes os casos de 4 secretários de Estado: Durão Barroso, que saiu de adjunto do Ministro da Administração Interna para os Negócios Estrangeiros e Cooperação; Correia de Jesus, transferido dos Assuntos Parlamentares para as Comunidades Portuguesas; Arlindo Cunha que passa do Desenvolvimento Agrário para adjunto do Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação; e Luís Marques Mendes, que já ontem tomou posse, saiu de adjunto do Ministro-adjunto e para os Assuntos Parlamentares (com o pelouro da Comunicação social) para a Presidência do Conselho de Ministros.

Por fim, há ainda dois secretários de Estado que já tinham pertencido a governos, mas há mais tempo: Alberto Ralha, que esteve com Pinto Balsemão no Ensino Superior, volta agora às mesmas funções; e Albino Soares, que foi subsecretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros no mesmo Governo Balsemão, é o novo secretário de Estado-adjunto do Ministro-adjunto e da Juventude com o pelouro da Comunicação Social.

Com a posse destes membros do Governo passa a ser de 517 o total de pessoas que já fizeram parte de executivos.

### Governo já se reuniu

Entretanto registe-se que, poucas horas após a sua tomada de posse, o II Governo de Cavaco Silva já teve a sua primeira reunião formal, desta vez também com a presença dos ministros da República para as regiões autónomas da Madeira e dos Açores e o secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, Marques Mendes.

A reunião, que durou pouco mais de hora e meia, realizou-se na sede da Presidência do Conselho, à Rua Gomes Teixeira, onde se efectuarão a maioria das reuniões, e não na residência oficial do Primeiro Ministro, em S. Bento, como acontecia durante o anterior Governo.

Recorde-se que os membros do novo Governo ontem empossados tiveram uma primeira reunião informal na passada semana.

### Curiosidades e um imprevisto

Mário Soares deu ontem pela primeira vez posse a um Governo desde que é Presidente da República. Mas esta estreia ficou também assinalada pelo facto de ser a primeira vez que foi empossado um Primeiro Ministro que, por sua vez, é o primeiro líder partidário a dispôr, sózinho, de maioria absoluta no Parlamento.

Demorou hora e meia a cerimónia que decorreu na Sala dos Embaixadores do Paácio da Ajuda estando presentes, entre outros, o Presidente do Parlamento, as chefias militares, o Ministro da República para os Açores, o ex-Governador de Macau Pinto Machado, o ex-Primeiro Ministro Nobre da Costa e membros do Executivo cessante que não transitaram para este. Dos líderes da Oposição, apenas Hermínio Martinho compareceu.

Apenas um imprevisto aconteceu durante a cerimónia: uma indisposição ligeira, aparentemente devido a quebra de tensão, de Maria Cavaco Silva, enquanto falava Mário Soares. A mulher do Primeiro Ministro afastou-se durante algum tempo do lugar em que se encontrava, mas regressou a tempo de ouvir o Primeiro Ministro. Manteve-se no entanto sentada quase até ao final do discurso.

*Apesar de identificado ainda não foi ouvido no inquérito*

# LEITOR DO "DL" CONTA COMO VIU MORRER A JOVEM GABRIELA NO "METRO"

**Numa altura em que ainda não foi divulgado o resultado do inquérito ao acidente que, ao fim da manhã do passado dia 10, vitimou a estudante Maria Gabriela Pereira de 17 anos, na estação do Metropolitano do Rossio, recebemos do nosso leitor Luís Rogado Dias (testemunha da ocorrência) um depoimento que, pelo seu interesse para o aclarar da verdade, decidimos publicar.**

*A jovem Gabriela Pereira*

Escreve Luís Rogado Dias, residente na Rua Carlos Mardel, em Lisboa: «Estava no cais, na estação do Rossio em direcção á Rotunda, esperando «metro» para Sete Rios,e nesse momento chegou uma composição para Entre Campos, tendo entrado e saído passageiros. Ouvindo gritos levantei os olhos do matutino que estava a ler e vi na terceira porta da primeira carruagem, á minha frente, alguém preso numa das portas pela cintura, de borco, de cabeça para baixo, com as mãos no cais tentando levantar-se. A composição no entanto seguiu a sua marcha e ouvi então o som inconfundível de uma batida, só não presenciando o que aconteceu porque fiquei com o campo de visão tapado. Corri então em direcção á cancela que dá para a linha e deparei com um corpo caído a uma dezena de metros, ao lado do «rail» externo. Abri a cancela, levantando-a, e espreitei deparando com o corpo separado em três partes. Concluindo que infelizmente nada já havia a fazer, voltei para trás, tendo-me cruzado com um funcionário do Metropolitano e pouco depois forneci a minha identidade e residência á PSP».

E Luís Rogado Dias termina a sua carta, colocando as seguintes questões: «Se alguém vai a entrar para a carruagem como é possível ter ficado preso pela cintura, de borco, com o tronco de fora? Dado que, anca de uma pessoa mede mais do que 15 cm (a sensibilidade dos mecanismos automáticos de controlo á abertura da porta permitem uma folga até essa medida) como foi possível que a composição tenha partido com a porta aberta? Apesar de pensar que a pancada foi mortal, a mesma não provocou lesões sangrentas significativas dado que não havia sangue na cancela, no cais e nas escadas. Terá sido o funcionário que vendo o sinal «porta aberta» terá aliviado a pressão do eventual volume preso e o corpo da malograda Gabriela saltou, ricocheteou na parede e foi aspirado para debaixo das rodas? Como é que tendo (conjuntamente com pelo menos mais um utente) fornecido a minha identificação ainda nem eu nem ele fomos contactados para ser ouvidos no inquérito em curso?».

Recorde-se, que tal como noticiámos, a família da jovem vitimada, que residia no Bairro das Galinheiras, repudiou há dias a hipótese de suicídio posta a circular em alguns meios, exigindo que o inquérito seja revelador da verdade.

## Quatro mortos e dois feridos no choque de automóvel com camião

Quatro mortos e dois feridos em estado grave é o trágico balanço de um acidente ocorrido ontem à tarde na estrada que liga Braga a Ponte de Lima, na localidade de Freiriz. O acidente teve lugar quando um automóvel entrou a grande velocidade numa curva fechada, tendo-se despistado e embatido contra um camião de mercadorias, e por fim numa barreira.

Os mortos, todos ocupantes do veículo ligeiro, foram José Rocha Marques, de 27 anos, Steve Dufoss, de 5 anos, José Moisés da Cunha Marques, de 15 anos, e Pedro da Rocha Alves, de 26 anos. Quanto aos feridos são Sylvie Reginejackeline Dufoss, de 23 anos, que foi conduzida para o hospital de S. João, no Porto, e António Correia da Silva, de 24 anos, levado para o Hospital de S. Marcos, em Braga.

Os dois ocupantes do camião saíram ilesos do embate.

## Assassínio do padre Alberto ainda sem "provas consistentes"

O responsável pela delegação da Polícia Judiciária de Setúbal, inspector Ilídio das Neves, disse ontem que as investigações sobre o assassínio do padre católico Alberto Neto, «prosseguem sem novos elementos», estando a PJ «a analisar alguns indícios», mas não possuindo ainda «provas consistentes».

«Estamos a atravessar» — justificou — «um período em que na zona da nossa jurisdição sucedem muitos roubos e temos que estar em alerta permanente. Mas tudo está a ser controlado».

O padre Alberto Neto, da paróquia de Rio de Mouro, Sintra, apareceu morto em 6 de Junho num pinhal em Águas de Moura (Palmela), quando regressava do Algarve. Posteriormente, a autópsia indicou a existência de crime com arma de fogo. O automóvel do sacerdote foi encontrado dias depois numa rua de Portimão.

## Recluso abatido no Hospital de Santa Marta

Guardas prisionais abateram, cerca das 14 horas de ontem, um recluso da Penitenciária que tentou a fuga quando dava entrada no Hospital de Santa Marta, em Lisboa, onde se deslocara para observação. Toxicodependente da heroína, José Manuel Valente da Palma, de 27 anos, natural de Mértola, encontrava-se detido, em regime de prisão preventiva à espera de julgamento, após ter sido capturado em 31 de Março deste ano sob a acusação de furto qualificado (assaltos a residências). Antes já fora condenado, e cumprira pena, por delito idêntico.

De acordo com a versão da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais «o recluso pediu para ser consultado no Hospital de Santa Marta. Mas quando chegou ao local conseguiu fugir do carro que o transportava, tendo os guardas disparado dois tiros para o ar. Todavia, como não correspondesse à intimidação foi alvejado pelas costas com três tiros, falecendo pouco depois no Hospital de S. José».

*E o maior do género no nosso país*

## Algarve emparcela 360 hectares na várzea de Benaciate

O emparcelamento rural dos 360 hectares da várzea de Benaciate, no concelho de Silves, é o segundo maior projecto do género alguma vez feito em Portugal — revelou à agência Lusa um técnico responsável pelo processo.

Atingiu já a fase de anteprojecto, estando actualmente patente ao público uma exposição sobre a redistribuição das terras pertencentes aos cerca de 400 agricultores da área.

Depois da nova distribuição ser aprovada pelos agricultores e após esclarecimento de todas as suas dúvidas, o anteprojecto será remetido ao ministro da Agricultura e posteriormente a Conselho de Ministros para aprovação superior.

Com estes passos e depois de concluídas diversas obras actualmente em execução na várzea, ficará encerrado aquele que é considerado o segundo maior emparcelamento rural a nível nacional, logo após o projecto em curso nas margens do rio Mondego.

O emparcelamento rural de Benaciate, integrado no chamado projecto dos regadios do Algarve, teve início em 1983, com os primeiros contactos com os agricultores.

Segundo o técnico da Direcção-Geral de Hidráulica e Engenharia Agrícola (DGHEA) contactado pela Lusa, trata-se de «uma área com boa aptidão agrícola» mas onde «qualquer investimento não poderia ser rentável devido às reduzidas dimensões das propriedades e a sua enorme fragmentação».

O mesmo técnico salientou que «grande parte das parcelas não chegavam a ter mais de dez metros de largura por uma centena de comprimento», enquanto muitas delas estavam «encravadas», ou seja, não tinham acesso, tudo isto em resultado de gerações e gerações de sucessivas divisões de propriedade.

«Para se poder pensar em investir na rega dessa várzea bastante fértil, foi preciso primeiro pensar-se em fazer aqui o emparcelamento rural», continuou o mesmo técnico.

O projecto começou com estudos de classificação das terras pertencentes a cada agricultor. Depois de definir uma nova distribuição prévia, avançou-se para a construção da nova rede viária e drenagem, actualmente em execução.

No próximo ano, depois de completados os sete furos colectivos de captação de água, será instalada a rede de rega, que incluirá também estações de bombagem, condutas e depósitos de regularização.

«Mesmo sem o processo de redistribuição das parcelas estar completado com as necessárias escrituras, foi preciso avançar com as obras para que os agricultores acreditassem e aderissem ao projecto», sublinhou o técnico da DGHEA.

Do investimento total nestas obras, que deverá ultrapassar os 200 000 contos, só uma pequena parte será paga pelos agricultores, através de amortizações.

É a eles que, completado o processo de emparcelamento, caberá também a responsabilidade de conservação dos caminhos e valas de drenagem.

«O ideal — salientou o técnico da DGHEA — era que os agricultores se associassem para poderem aproveitar ainda melhor os benefícios do emparcelamento da várzea.»

Sublinhou, por outro lado, que a várzea de Benaciate «não é muito representativa de todo o Algarve», pelo que apenas se prevê uma acção de «reestruturação fundiária através de emparcelamento na vizinha várzea do Mouricão, cujas condições são mais ou menos idênticas».

## Época balnear já fez 43 mortos

A época balnear em Portugal registou até ao momento 43 mortos nas praias, rios, barragens e albufeiras. Segundo revelou o Instituto de Socorros a Náufragos, as cerca de 200 praias vigiadas são frequentadas, durante os quatro meses da época balnear, por cerca de 60 milhões de banhistas.

Em 1986,durante esse período morreram 65 banhistas, sendo 23 em praias do litoral com assistência, 28 nas praias sem assistência e 14 no Interior (rios, albufeiras e lagos) do Continente e reiões autónomas da Madeira e Açores.

*Exposições diversas e caldeiradas*

## "Semana Sadina" decorrerá entre 13 e 20 de Setembro

Um desfile de automóveis antigos, exposições de Lima de Freitas e de Celestino Alves e uma outra sobre as obras de Hernâni Cidade, concertos musicais, entre os quais se salienta um de jazz, por Maria João e o seu grupo, uma exposição-venda de artesanato e um concurso de caldeiradas constituem este ano, o programa da «Semana Sadina», que, uma vez mais, se realiza em Setúbal, de 13 a 20 de Setembro. soube o «DL» de fonte da organização.

A «Semana Sadina» abrange, assim, o dia de Bocage, 15 de Setembro, feriado municipal em Setúbal, desde há oito anos.

Recorde-se que até 1979, o feriado municipal de Setúbal era em 25 de Julho, dia de Sant'Iago, que nem sequer é o padroeiro da cidade. A partir desse ano, começou a realizar-se a «Semana Bocaglana» que, desde 1981 passou a ser designada por sadina.

Este ano, a semana abre com uma exposição-venda de artesanato, no largo da Fonte Nova, que se prolongará até ao último dia das comemorações.

A mesma fonte adiantou que o concerto de jazz se realizará nos claustros do Convento de Jesus, onde também decorrerão as palestras sobre a obra de Hernâni Cidade, estando a organização a envidar esforços no sentido de que um dos conferencistas seja Helena Cidade Moura, filha do homenageado.

**Caldeiradas: concorrentes têm subsídio**

No que toca ao concurso da caldeiradas, que este ano se vai realizar pela sexta vez, os concorrentes, cujo número não poderá exceder os doze, receberá cada um um subsídio na ordem dos 17 mil escudos.

O concursos é abert a restaurantes, tascas e casas de pasto e as inscrições deverão ser feitas no Serviço de Documentação e Equipamento Cultural da Câmara Municipal de Setúbal, até uma data que será oportunamente noticiada, mas que, em princípio, será 10 de Setembro.

De acordo com o regulamento, os tachos das caldeiradas deverão ter 40 litros de capacidade, excluindo a massa do caldo.

«Este concurso — disse ao «DL» um porta-voz da organização — pretende explorar uma das tradições populares características da vivência citadina que, além do mais é criativa e apaladada».

Se nos é permitido acrescentar algo, fazemos votos que este concurso de caldeiradas tenha maior êxito e decorra de forma mais organizada do que o que decorreu em Abril, também em Setúbal, com o patrocínio da Câmara e cujos resultados, ainda hoje, não foram divulgados.

*Aos 84 anos, do coração, no Rio de Janeiro*

# MORREU DRUMMOND DE ANDRADE - poeta fundador do Modernismo brasileiro

**Sem conquistar o Prémio Nobel da Literatura, que segundo os seus admiradores não desejava, faleceu ontem no Rio de Janeiro o poeta Carlos Drummond de Andrade, considerado como o autor da maior obra poética brasileira e uma das mais improtantes do século XX. Tinha 84 anos de idade – e vitimou-o um ataque cardíaco. Numa das suas últimas entrevistas, o poeta, que sempre se manteve afastado da política, manifestou, no entanto, simpatia pelo pequeno Partido Socialista Brasileiro.**

Nono dos 13 filhos de uma família de fazendeiros, Drummond de Andrade nasceu em 31 de Outubro de 1902, em Itabira, pequena cidade do interior do Estado de Minas Gerais, rica em jazigos de minério de ferro que sempre recordava na sua obra.

**Modernista**

Recordação que consta, por exemplo, do poema «Confidência de Itabirano»:

Alguns anos vivi em Itabira / Principalmente nasci em Itabira / Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro / Noventa por cento de ferro nas calçadas / Oitenta por cento de ferro nas almas...

Ainda que não tivesse participado directamente na Semana de Arte Moderna de 1922, que inaugurou no Brasil o Movimento Modernista, Drummond foi o primeiro a sistematizar na poesia as conquistas da nova tendência, utilizando a matéria livre e rompendo com as velhas formas literárias. O que, aliás, se pode comprovar com o poema acima transcrito.

*Carlos Drummond de Andrade*

Em 1925 licenciou-se em Farmácia, profissão que nunca chegou a exercer, e casou-se com Dolores Dutra de Morais. No ano seguinte iniciou, como redactor do «Diário de Minas», uma carreira de jornalista interrompida há alguns anos, quando, alegando «necessidade de descanso», desistiu de publicar a sua coluna no diário «Jornal do Brasil».

**Humanista**

Por 1930, publicou o seu primeiro livro, «Alguma Poesia», no qual se encontra o poema «No meio do caminho», marco do Modernismo na literatura brasileira.

A obra de Drummond de Andrade (quase toda conhecida em Portugal) compreende 41 livros, dos quais 25 de poesia e 14 de prosa, e encontra-se disseminada, em traduções (umas bilingues, outras não) na Alemanha Federal, Argentina, Bulgária, Chile, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, México, Suécia, Checoslováquia e Venezuela.

Segundo a crítica literária mais especializada, a característica marcante da obra de Drummond de Andrade, característica que a torna universal, é o seu sentido humanista, a profunda compaixão do poeta pelo homem e a sua condição no mundo, nomeadamente pelo homem que não consegue intuir qe a vida toda não passa de uma simples «short story».

Essa característica aproxima Drummond de Andrade, principalmente, de Charlie Chaplin e Federico Garcia Lorca, dois dos constantes, homenageados nos seus poemas.

Contrariamente ao seu conterrâneo Jorge Amado, antigo militante do Partido Comunista, Drummond teve escassa participação activa na vida política brasileira, apesar de ter desempenhado na década de 30 o cargo de secretário do ministro da Educação do governo de Gertúlio Vargas, Gustavo Capamena, em funções «estritamente burocráticas», como insistia em assinalar.

Realista, afirmou um dia: «Não vejo como o artista possa influir na sociedade brasileira. Ele acaba por ser seduzido pelos poderosos e por lhes prstar serviços». Como acima se disse, só alimentou alguma simpatia pelo pequeno Partido Socialista do seu país.

*Opinião de Ramos Rosa*

## Depois de Pessoa o mais importante poeta português

Carlos Drummond de Andrade é o maior poeta brasileiro — e depois de Pessoa o mais importante poeta da língua portuguesa.

Ele foi a primeira influência decisiva da minha poesia e marcou-a para sempre.

Drummond fez sozinho uma revolução de expressão poética.

A partir dela nunca mais poderia escrever-se sem esse contributo essencial e decisivo para a poesia de expressão portuguesa.

*Jerónima Dantas Machado com seu marido Aquilinc Ribeiro*

## Faleceu Jerónima Dantas Machado viúva de Aquilino Ribeiro

Ontem, na sua residência em Lisboa, faleceu a senhora D. Jerónima Dantas Machado, viúva do escritor Aquilino Ribeiro e mãe do engenheiro Aquilino Ribeiro Machado. conheceu Aquilino no exílio, em França, onde se encontrava com seu pai, o último Presidente da Primeira República, doutor Bernardino Machado. Com Aquilino Ribeiro viveu em França e em Espanha, depois em Portugal, foi uma grande e dedicaa colaboradora do escritor.

O funeral realiza-se hoje, da Rua António Ferreira, 7, 1.º Direito, para o Cemitério dos Prazeres, pelas 15 h.30 m.

O «Diário de Lisboa» apresenta à Família, e particularmente ao engenheiro Aquilino Ribeiro Machado, sentidascondolências.

*Um sobrevivente do 5 de Outubro*

## O falecimento do coronel Manuel António Correia

Na «ordem do dia, n.º 2», datada do Quartel-General da Rotunda, dia 5 de Outubro, 1.º da República, assinada pelo comandante Machado Santos, lê-se uma extensa relação de promoções por «distinção em combate e por relevantes serviços, que vão indicados». Em relação aos combatentes do Regimento de Infantaria 16, Machado Santos determina a promoção a 1.ºs sargentos do soldado n.º 8/381 da 2.ª Companhia do 2.º Batalhão, Carlos Antunes dos Santos; do 1.º cabo n.º 31/299 da 1.ª Companhia do 3.º Batalhão, Lucas Fernandes Clemente; do 1.º cabo n.º 96/241 da 1.ª Companhia do 3.º Batalhão, José Filipe Pereira Pizarra; do 1.º cabo n.º 31/397 da 2.ª Companhia do 2.º Batalhão, Manuel António Correia. Formavam, em Outubro de 1910, o Comité Revolucionário do Regimento de Infantaria 16, cujo quartel em Campo de Ourique foi o que, em primeiro lugar, se levantou pela República.

Segundo Machado Santos, que para a História lhes regista os nomes e a acção, eles «tomaram a iniciativa da revolta seguindo à risca as minhas ordens e protegendo a minha entrada».

Foi um eles, o 1.º cabo Manuel António Correia, que morreu, aos 94 anos, com a patente de coronel e condecorado com a Ordem da Torre Espada, a Ordem Militar de Cristo e a Ordem da Liberdade, que ontem foi a sepultar no Talhão dos Combatentes no Cemitério do Alto de São João.

Republicano e resistente, o coronel Manuel António Correia conheceu as prisões, as deportações, a clandestinidade. Desde 1927 que se distinguiu e sacrificou no combate pela Democracia contra o regime salazarista. Foi um conspirador persistente. Sempre coerente na acção com os ideais que abraçara na juventude.

*O coronel Manuel António Correia, o último sobrevivente da «Rotunda», numa das comemorações do 5 de Outubro*

# OS "PUTOS DA COLA": UM GRITO DE ALARME DO "DL"

**Dirigida à Direcção do «DL» recebemos a seguinte carta do nosso leitor Artur Marques da Costa.**

«Sou leitor regular do jornal (... há 33 anos), desde os meus tempos de aluno da Faculdade de Ciências de Lisboa. Durante dois anos fui colaborador regular (Página Científica) e, por vezes, dou uma colaboração esporádica.

Não resisto, desta vez, à tentação de lhe dirigir umas palavras. Se o meu artigo recente (10 Ag. 1987) sobre Nagasaki recordou um facto histórico e um terrível drama vivido pela humanidade, nessa manhã trágica de há 42 anos, e lá longe no Japão, acontece que a reportagem, publicada no mesmo dia, do vosso jornalista José António Cerejo, e que diz respeito a algo que passa **hoje** e **aqui,** ao nosso lado, me deixou verdadeiramente impressionado.

A crueza dos depoimentos das crianças e a esperança (longínqua) de algumas regressarem a uma vida (quase) igual à nossa, a que o repórter teve a coragem de trazer ao conhecimento público, por meio do seu (nosso) jornal, fez, certamente, aflorar as lágrimas aos olhos de muita gente. Mas essa reportagem, para além da dor e das lágrimas, tem o interesse de alertar todos, nomeadamente os responsáveis públicos.

Já, mais do que uma vez, tinha lido notícias avulsas sobre esta situação, mas nunca uma reportagem tão verdadeira e comovente.

Nas minhas aulas falo dos derivados clorados do etileno (ou etano) e de outros compostos organoclorados.

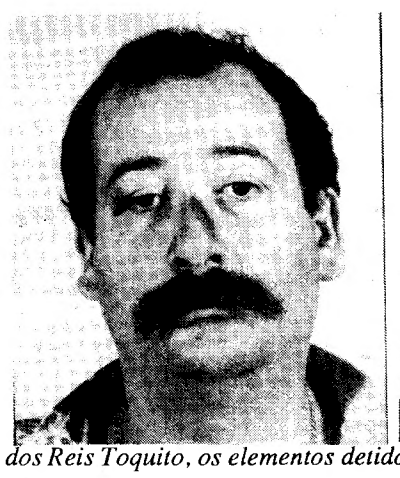
Todos os meus alunos escrevem a fórmula de estrutura do tricloretileno (ou tricloroetenò), que, por sinal, é até bem simples. Mas, na sua simplicidade, quase simétrica, encerra todo o sub-mundo de marginalidade, miséria e degradação que o J. A. Cerejo teve a ousadia de pôr bem a descoberto...

Estas três páginas de o «Diário de Lisboa», esta reportagem/documento aterrador, passam a constituir mais um elemento de trabalho do meu «dossier» das coisas más que a Química provoca. Mas não esqueçamos o mundo imenso das outras coisas, das coisas boas, que ela nos oferece e nos proporciona.

Peço para apresentar os meus agradecimentos ao vosso jornalista José António Cerejo.

Queira receber os melhores cumprimentos de leitor assíduo do seu (nósso) jornal.»

Artur Marques da Costa



*Alberto Teixeira de Carvalho, António Manuel Baptista Dias e Angélica dos Reis Toquito, os elementos detidos e o agente da PJ, Militão dos Santos, morto nos confrontos*

***Ainda falta recapturar quatro dos evadidos da Penitenciária em 1985***

# JUIZ DE INSTRUÇÃO CONFIRMOU PRISÃO DE ALEGADOS MEMBROS DAS FP-25

**O Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa confirmou ontem a prisão dos três presumíveis membros das «FP-25» que foram detidos pels Polícia Judiciária, depois de um tiroteio em que acabou por morrer um agente desta corporação, Álvaro Militão dos Santos.**

Deste modo, Alberto Teixeira de Carvalho e António Manuel Baptista Dias, já arguidos no chamado degundo processo das «FP» cujo julgemento prossegue em Monsanto, passam a figurar como réus num outro processo respeitante à morte do referido agente da Polícia Judiciária. Com eles, responderá neste processo Angélica dos Reis Toquito, que acompanhava aqueles dois elementos na altura do confronto com as forças policiais.

Os dois réus envolvidos no processo em julgamento no Tribunal de Monsanto serão ali presentes no recomeço das sessões, previsto para 6 de Outubro.

António Manuel Baptista Dias é um dos dez acusados de pertencerem às FP-25 que se tinha evadido do Estabelecimento Prisional de Lisboa em 12 de Dezembro de 1985, na companhia de um espanhol de delito comum. Quanto a Teixeira de Carvalho, conhecido por «O Xavier», era procurado pelas autoridades policiais desde há cerca de dez anos.

A detenção de Baptista Dias poderá ter começado em 17 de Julho do mês passado com a sua referenciação na companhia de Daniel Horácio Tavares, detido numa «boite» de Portimão e que enfrentou os agentes com uma pistola de guerra, sem êxito por ela se ter encravado.

Aquando da sua detenção, anteontem, Baptista Dias fazia-se acompanhar por Teixeira de Caravalho e uma mulher, Angélica dos Reis Toquito, nunca antes referida nos processos das «FP-25».

O automóvel suspeito foi interceptado no domingo pelos agentes da PJ, na Avenida Marechal Gomes da Costa, na zona oriental de Lisboa.

Segundo o comunicado da Polícia Judiciária sobre o assunto, o carro suspeito pôs-se em fuga, perseguido pelos agentes e com intenso tiroteio, para só se deter no Cais da Matinha, quando já tinha perdido a vida oa agente Militão dos Santos e ficado feridos mais dois agentes, atingidos por tiros na cabeça e nos braços.

Angélica Toquito tinha, entretanto, conseguido fugir, mas veio a ser detida nos Serviços de Urgência do Hospital de S. José, onde se dirigiu para receber tratamento a um ferimento num pulso.

**Quatrocentos contos em dinheiro armamento e documantação falsa**

Segundo a PJ, foram encontradas em poder dos dois homens duas granadas e duas pistolas de guerra, além de cerca de 400 contos em dinheiro e documentação falsa.

Nos documentos apreendidos, onde não faltam cartões da Caixa de Previdência, cartão de grupo sanguíneo, de sócio dos bombeiros e até de um Sindicato dos Professores, verifica-se que Baptista Dias usava documentação com a sua fotografia em nome de José Pires Veiga e José António Carreira Henriques.

Em contrapartida, Alberto Teixeira de Carvalho tinha documentação falsa passada num único nome: Vítor Manuel Freitas Cinto.

Como resultado do tiroteio travado entre os agentes da PJ e os fugitivos, os carros utilizados na perseguição ficaram com múltiplas perfurações de balas e os vidros estilhaçados. No caso do agente que morreu, o banco ficou coberto de sangue e os danos foram maiores porque a viatuta acabou por capotar na altura em que ele foi mortalmente atingido com um tiro no coração.

Militão dos Santos, que é o segundo agente da PJ morto em confrontos relacionados com o «terrorismo urbano»tinha sete anos de carreira como polícia e deixou órfãos dois bebés. Foi hoje a enterrar em Camarate.

O anterior caso de um políca morto em confrontos deste tipo tinha-se verificado em 21 de Março de 1978, no sítio dos Carvalhos, perto do Porto. Pela frente teve, este agente, presumíveis assaltantes de bancos conotados com o Partido Revolucionário do Proletariado (PRP).

**Ainda falta deter quatro dos evadidos da Penitenciária**

Com a captura de Baptista Dias e Teixeira de Caravalho só falta deter quatro dos dez alegados membros das FP-25 evadidos da Penitenciária de Lisboa em 1985.

Os quatro que continuam evadidos são Manule Eduardo Sousa Costa, Álvaro de Sousa Monteiro, Francisco Manuel dos Santos e José António de Sousa Madeira.

O espanhol Abillerc Caamaño, que nessa altura acompanhou os dez alegados elementos das FP-25, era um arguido de delito comum e viria a ser o primeiro recapturado, meses depois, numa praça de Lisboa.

Recapturados foram igualmente, ao longo do tempo, Joaquim Dias Lourenço, em Maio de 1986, Albino Mendes Pinto em Dezembro do mesmo ano, Manuel Maria do Couto Ferreira e Teodósio Alcobia, em Fevereiro do ano corrente.

*Algum do material apreendido no carro*

*O carro utilizado pelos três elementos em fuga*



ARTIGO DE FUNDO

**Mário Castrim**

*A noite lá foi andando e, se para contentamento de um fabiano, nem ruiva, nem morena, a verdade é que o barco brandamente balançava. Certo, o motor fazia algum barulho mas eu depois, arteiro, optei pelo faz de conta: faz de conta que aquilo era o rio Alva, no Sabugueiro, onde eu ia pescar trutas, quer dizer, onde eu ia ver as trutas passar. Assim, com este fingimento bucólico, fatigado de tantas conjecturas, adormeci.*

*Quando acordei, o barbudo tinha desaparecido, quem sabe se também ele, no íntimo, desapotado com a frigidez da companhia. Paciência, daqui é que ele não levava nada, mesmo sem o problema da SIDA.*

*Pelo meu tempo de dormir concluí que já devia ser mais que dia. Ah, poder levantar-me subir ao* **deck**, *arrrolaçar-me por aquelas cadeiras de lona, tomar uns* **drinks,** saudar, cúmplice, as guapas que toplessavam em direcção á piscina com forma (malandrice!) de coração.

Pelos modos, o Sol ainda não viera. Espreitando pela escotilha, de facto, era noite fechada. Mas nem luar, como é da praxe nestas alturas, nem estrelas. Em vão procurei a Ursa Maior. Em vão procurei a Ursa Menor. Fiquei vagamente com a impressão de que, se alguém estava ali a fazer figura de urso, era eu. Embora inquieto com a situação, acabei por adormecer novamente.

Mal eu imaginava, ao adormecer, como ia ser o meu despertar. Mas não precipitemos os acontecimentos.

Quando eu andava por não sei onde, bateu-me levemente nos ombros. Abri os olhos, que é geralmente a primeira coisa que se faz nestas circunstâncias, espreguicei-me, bocejei. E a voz disse-me: **Up!** *Podem não acreditar, mas era uma voz feminina. Levantei-me de um salto. O quê, mesmo antes do pequeno-almoço?*

**—Olá minha jóa! —** *disse-lhe, com aquele ar sôfrego, que os portuguesinhos sempre têm. Puxei-a para mim, abraceia-a. Não sei que jeito deu, torceu-me um braço, levantou-me, deixou-me cair como um saco de areia.*

**—Vista-se e venha almoçar** *— disse-me no inglês mais musical que já ouvi.*

**CENAS DO PRÓXIMO CAPÍTULO - Tudo a bordo se complica. Tirando uma excepção (e mesmo essa...) eram tudo homens.**

*Segundo inquérito realizado na semana passada*

# Bracarenses querem metropolitano

Uma maioria de bracarenses manifestou-se favorável à construção de um metropolitano na cidade, segundo um inquérito realizado a semana passada e divulgado na edição de ontem do «Primeiro de Janeiro».

No inquérito, durante o qual foram interrogadas 36 pessoas nas ruas de Braga, 70 por cento de homens e 30 por cento de mnulheres, com idades compreendidas entre os 30 e os 50 anos,33 dos inquiridos responderam «sim» à pergunta «se a cidade de Braga merece um metropolitano», um respondeu negativamente, outra considerou a questão ridícula, e o último, um agente da PSP, adiantou que a capital do Minho «merecia até dois»...

Segundo um responsável da «Anglo-Belgian», a empresa que tomou a iniciativa de promover o inquérito, esta empresa estaria interessada em construir e depois explorar durante um período de 99 anos um metropolitano em Braga, «porque se trata de uma cidade em permanente crescimento e, em consequência disso, o trânsito vai ser cada vez mais difícil de controlar».

# Rede de esgotos e água em Vila Nova da Cacela

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António deliberou adjudicar as redes de esgotos domésticos e de abastecimento de água nos sítios da Vacaria e do Pocinho, na freguesia de Vila Nova de Cacela.

A autarquia adjudicou, também, as obras de reparação e pavimentação do caminho municipal de ligação entre a Estrada Municipal 509 e o sítio da Lagoa, tendo sido também abertos concursos e aprovados os projectos relativos a obras de reparação de diversos caminhos municiáis.

Por outro lado, a Câmara prevê para breve a adjudicação das obras de reparação e pavimentação dos troços situados no sítio da Estrada Brava e das Hortas, bem como as obras de construção e ampliação da Escola Primária do Lazareto, onde será edificado um segundo piso, com duas salas de aulas, que «melhorará as condições de ensino e permitirá acolher um maior número de alunos».

# Autarcas da povoação denunciam ausência de planificação

Os autarcas socialistas da Assembleia Municipal da Povoação, ilha de S. Miguel, na Região Autónoma dos Açores, manifestaram-se contra a «ausência de planificação» nas obras do concelho.

Em comunicado, os autarcas do PS afirmam que as obras no concelho «constroem-se ao sabor de grupos de pressão, o que leva a situações de obras inacabadas e paradas por motivos muitas vezes dúbios».

Consideraram, ainda, não haver coordenação de mão-de-obra ao serviço do Município, e de recusa da maioria PSD de diálogo nas reuniões camarárias, onde a oposição «se confronta com uma política de factos consumados».

*Um ano depois de a mesma zona ter tido um incêndio*

# CHAMAS VOLTARAM À SERRA DE S. LUÍS

**Um ano depois de um incêndio ter consumido aquela área, as chamas voltaram, em «reprise», a meio da tarde de ontem à Serra de S. Luis, em Setúbal, ainda mantendo os bombeiros esta manhã homens de prevenção no local do sinistro.**

Um incêndio, cujas origens e área devastada ainda não tinham sido determinadas a meio da manhã de hoje, deflagrou ontem, cerca das 16 horas, no sítio de Barris, Rego de Águas, na Serra de S. Luis, em Setúbal, tendo sido práticamente extinto ao princípio da madrugada de hoje, segundo revelou ao «DL» o comandante dos Bombeiros Sapadores daquela cidade, Quaresma Rosa.

O fogo, que devastou parte considerável de mato e pinhal, chegou a pôr em perigo algumas habitações, tendo o sinistro sido combatido pelas duas corporações de Setúbal, auxiliadas pelos Voluntários de Palmela, Pinhal Novo e Moita, num total de 73 homens e 19 viaturas.

Segundo o comandante Quaresma Rosa, no local permaneciam 16 «soldados da paz» e quatro viaturas, com a finalidade de extinguirem alguns focos de incêndio que, a meio da manhã de hoje, ainda permaneciam ateados, bem como de prevenção quanto a um possível reacendimento das chamas.

«Ainda não sabemos se o incêndio se ficou a dever a descuído ou se foi provocado», prosseguiu o comandante dos Bombeiros Sapadores de Setúbal, adiantando que o apuramento da origem do sinistro e a extensão da área queimada só serão feitos depois do fogo ser considerado extinto.

Para as corporações de Setúbal, a Serra de S. Luis não é desconhecida pois, no ano passado, por esta mesma altura, e no mesmo local, deflagrou um incêndio com idênticas proporções.

### Incêndio também em Castelo Branco

Dois hectares de mata de pinhal no sítio de Vale da Figueira, freguesia de Almaceda, no concelho de Castelo Branco, foram destruídos pelas chamas que irromperam ontem à tarde, pelas 15 horas.

«Já lá tinhamos tido um fogo que se reacendeu devido à forte trovoada», declarou esta manhã ao «DL» um informador dos Bombeiros Voluntários albicastrenses.

Na sua luta contra as chamas, qauela corporação foi apoiada por um avião e um helicóptero da piosta das Moitas-Proença-a-Nova.

### Vila Real: número recorde de fogos

Os bombeiros de Vila Real tiveram no último fim-de-semana um número de saídas recorde, dadas as 25 chamadas para acorrerem a incêndios.

Apesar dos esforços dos «soldados da paz», foram consumidos 30 hectares de mato e pinheiral, «estranhando» os bombeiros o facto dos incêndios terem ocorrido todos na mesma área, compreendendo a Serra de Lurdes, Vila Nova de Baixo, Bustel, Ponte da Passagem e ainda a zona da Portela englobando a área onde está implantado o aeródromo.

Esta situação levou a corporação da Cruz Verde a um grande desgaste, tanto em homens como em viaturas, tendo sido utilizados carros que práticamente «já estavam postos de lado».

«O desgaste foi enorme, com um esforço extenuante, e durante mais de 24 horas ocupámos todo o material disponível e mais de 40 homens, que após tão grande luta já estavam sem forças», revelou o comandante José Pinto.

Aquele responsável mostrou-se convicto que se tratou de fogo posto e, para atestar o facto, o registo de ter havido quase em simultâneo perto das 5 horas seis chamadas para o 115 a dar conta de fogos em localidades muito próximas umas das outras.

«Estamos convencidos que são individuos que passam e pegam o fogo, esperando depois pelos bombeiros para se deleitarem com o seu labor», frisou José Pinto, sublinhando que «eles ateiam os incêndios por motivos que desconhecemos».

Entretanto, na área do aeódromo gerou-se grande pânico num restaurante onde decorria um casamento, devido à proximidade das chamas, o que levou a que a boda decorresse «sob o signo do braseiro», com todos os convivas em permanente alerta... até porque os depósitos de combustível das aeronaves estavam bem próximos.

Tal situação levou a que os bombeiros montassem um sistema de segurança especial, envolvendo três auto-tanques e duas viaturas ligeiras, tendo sido feito contra-fogo para evita futuros sinistros.

Este fim-de-semana foi também a primeira vez que os bombeiros de Vila Real foram chamados a actuar na sua área, pois até agora os «soldados da paz» daquela cidade apenas se limitaram a ajudar corporações dos concelhos vizinhos.

# Estremoz já registou este ano 15 casos de febre de malta

O Centro de Saúde de Estremoz registou este ano 15 casos de doentes moradores do concelho afectados com a febre de malta ou brucelose, disse o delegado de Saúde, Rui de magalhães.

A maioria dos casos registaram-se em Santa Vitória do Ameixial e Evoramonte, onde ainda continuam alguns doentes afectados pela brucelose. O centro de Saúde tem alertado a população, sobretudo a rural, que trabalha com animais, para vitar a propagação da doença.

A brucelose é uma grave enfermidade dos animais, que a transmitem ao homem, sendo as cabras, vacas e ovelhas os animais mais afectados.

Como medidas de precaução, o Centro tem recomendado à população que beba apenas leite fervido ou pasteurizado, e que não coma queijos frecos.

Aos que lidam com animais, o Centro pediu que lavem imediatamente as mãos e os braços após o contacto e que se desinfectem com alcool ou lexívia.

As pessoas infectam-se mais frequentemente pelo contacto com os animais atacados pela febre de malta, sobretudo com os produtos do parto ou aborto, fezes, urina, corrimentos vulvares ou ainda com os locais onde permanecem, nemeadamente estábulos, currais ou pocilgas.

O chefe de Divisão de Sanidade da Direcção Regional de Agricultura do Alentejo, Sebastião Fialho, disse à Lusa que quando os serviços são informados pelos hospitais ou centros de saúde de casos de pessoas doentes com brucelose mandam imediatamente efectuar um inquérito ao doente.

O inquérito visa detectar a origem da doença, procurando saber se o doente é pastor, trabalha com animais ou consumiu queijo fesco ou leite não fervido — disse ainda.

Após a detecção do gado contaminado, o mesmo é sequestrado e os animais cujas análises sejam positivas são abatidos, recbendo os proprietários uma indemnização, acrescentou aquele responsável.

A mesma fonte explicou também que depois são feitas colheitas sucessivamente até ser apurado se os animais estão saudáveis.

*Em Vila Pouca de Aguiar*

# Trovoada e granizo destroem culturas

A violenta trovoada que assolou na madrugada de domingo boa parte das aldeias que circundam a Serra de Padrela, no concelho de Vila Pouca de Aguiar, arrasaram todas as culturas, segundo revelou à Lusa uma fonte do Município.

«A trovoada começou cerca das 4 da manhã, acompanhada de pedras de granizo do tamanho de ovos de galinha, tendo destruído toda a produção agrícola», adiantou o presidente do Município.

Por isso, os agricultores começaram ontem a encaminhar-se para a Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar para tentarem sensibilizar a autarquia para a necessidade de se proceder a um inventário dos prejuízos, com vista a conseguirem subsídios compensatórios.

A este respeito, o presidente da Cânara, António Gil, revelou que o Município vai interceder junto dos serviços do Ministério da Agricultura, com vista à obtenção de subsídios aos agricultores mais prejudicados.

Os milheirais, as vinhas e as árvores de fruto, nomeadamente as macieiras e as nogueiras ficaram totalmente arrasadas, com os frutos caídos no chão e sem hipótese de aproveitamento. «Com esta intempérie o nosso ano agrícola terminou, faltando

nbém contabilizar os prezos havidos em muitas cas porque a torrente de água vava tudo à frente», afirou um dos lavradores afectos.

Veículos automóveis tam m ficaram danificados, m os para-brisas partidos molgadelas várias.

# Estação de Tratamento de Águas de Faro já em funciona nento

A Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) do concelho de Faro entrou ontem em funcionamento na freguesia da Conceição, segundo revelou a Câmara local.

O projecto, integrado num conjunto de estudos prévios de obras de saneamento básico nas freguesias rurais daquele concelho orçou em 16 mil contos, verba que se junta aos 12 mil dispendidos com a construção da rede pública de águas residuais, totalizando o investimento 28 mil contos.

O presidente da Câmara Municipal de Faro disse que a entrada em funcionamento da ETAR representa a «pedrada no charco no avanço das obras de saneamento básico no concelho».

Segundo Negrão Belo, a autarquia de Faro ultrapassou «a inércia em que se encontrava há 10 anos» e deixou a cauda dos concelhos algarvios em matéria de obras de saneamento básico».

O autarca revelou ainda que é intenção da edilidade lançar em 1988 projectos de saneamento, no valor aproximado a 950 mil contos, nos quais se inclui a construção da Estação de Tratamento de Águas Residuais da zona

nascente da cidade, orçada em 700 mil contos.

Esta obra, considerada de grande vulto e a primeira inscrita no Plano de Desenvolvimento Regional do Algarve para o próximo ano, foi proposta para benificiar das ajudas comunitárias.

# Quando os relógios pararam em Nagasaki

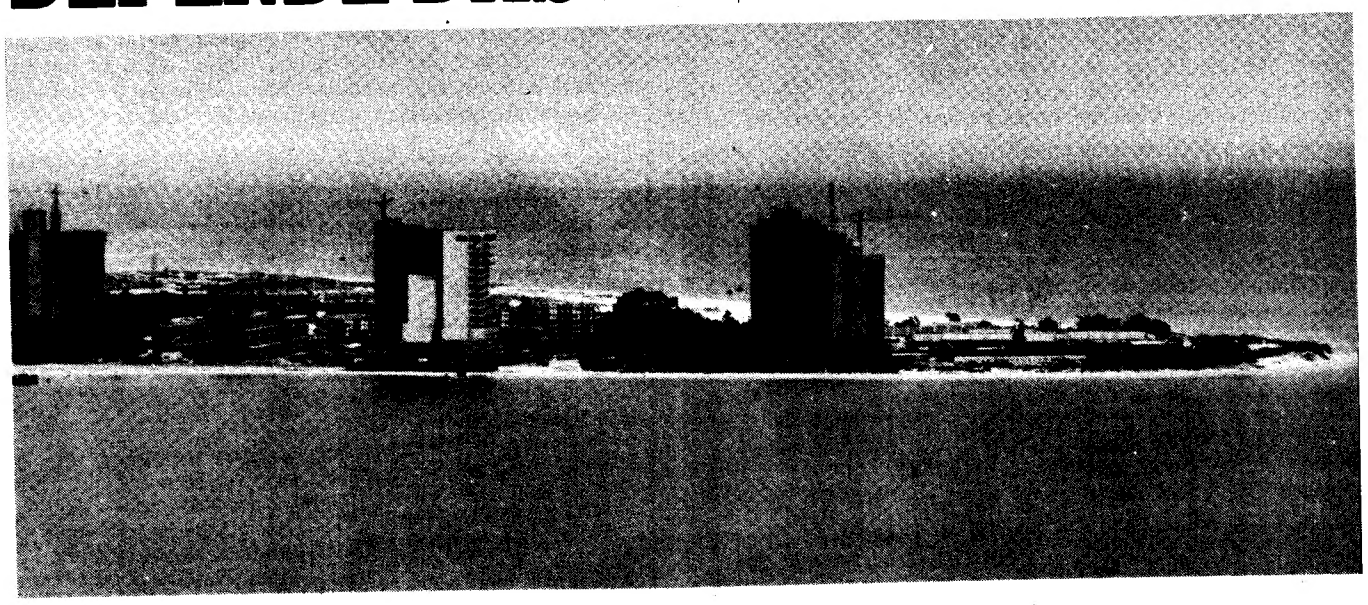
No artigo com este título, da autoria do professor Artur Marques da Costa, publicado na edição do «DL» de 10 de Agosto, cumpre rectificar que o «ponto 3» não faz referência a uma indicação dada pelo Autor. Esse ponto é a tradução de parte do livro referido, e que foi escrito pelo **Mayor de Nagasaki, Hitoshi Motoshima,** e não pela estudante.

Aqui fica feita a justa correcção, com pedidos de desculpa ao Autor e aos Leitores.

*Quando os pescadores esquecem as agruras da vida*

# SENHORA DO ROSÁRIO DE TRÓIA: UMA FESTA QUE DEPENDE DAS MARÉS

Luciano Rocha



*Tróia não é só turismo e torres e torres erguidas. Ali vivem pescadores que agora fizeram as suas festas...*

Tróia foi, no fim-de-semana, como acontece sempre por esta altura, desde há 42 anos, não apenas dos turistas, dos banhistas de sábado e de domingo, ou dos que passam a caminho de outros centros de veraneio, mas também dos que a ela mais directamente estão ligados, os pescadores, que, uma vez mais, realizaram as festas em honra da Senhora do Rosário de Tróia.

Ao todo, num cálculo feito por alto, cerca de 1.500 pessoas, entre pescadores, familiares e amigos, confraternizaram em Tróia, mais concretamente na zona da Caldeira, junto às ruínas romanas, onde, há pelo menos 160 anos, existe a capela da Senhora do Rosário, esquecendo, por momentos, as agruras de uma vida feita no mar, quantas vezes traiçoeiro e impiedoso para aqueles que mais o amam.

**Tudo começou em 1945, quando um grupo de sacristãs de quatro igrejas de Setúbal resolveram começar com as festas, com a ideia de incutir mais fé nos pescadores** — disse ao «DL» Manuel Vigário, da comissão organizadora, que adiantou, na forma simples que caracteriza os homems do mar:

**Um ano depois, no entanto, passaram-nos a bola e cá nos temos arranjado, às vezes com algumas dificuldades, que isto sempre dá trabalho, realizando anualmente as festas.**

As festas custam álgum dinheiro, já que não se ficam pela celebração de actos religiosos e estendem-se por actividades recreativas, como os fados e guitarradas, o lançamento de foguetes e fogo-de-artifício, **tudo a dar despesas.**

**Gastámos aí à volta de 40 contos, que conseguimos arranjar com subsídios das Câmaras de Grândola e de Setúbal, do Governo Civil e de algumas firmas e também com donativos dos pescadores e um peditório que fazemos pelos bairros, onde há mais marítimos** — declarou Manuel Vigário.

**E nesta verba** — referiu — **não incluímos a propaganda, que é paga pela Região de Turismo da Costa Azul.**

Mas se tudo isto custa dinheiro, bem como a banda de música, que este ano veio de Sarilhos Grandes, outras actividades há durante as festas da Senhora de Tróia, que são de graça e nem por isso deixam de ser apreciadas, como são os casos dos jogos populares, entre os quais se contam as corridas de sacos e o pau ensebado, ou das regatas de pequenas embarcações e da caça ao pato. A juntar, como não podia deixar de ser, há a caldeirada e, neste caso, **basta levar os ngredientes de casa, que o peixe, esse, há lá.**

Mas, mesmo os que não levam nada e apenas à última hora, seduzidos pelo ambiente, que se vive na hora do embarque das imagens da Senhora de Tróia e de S. Pedro, resolvem apanhar boleia numa das traineiras a caminho da Caldeira, não passarão fome, que **as gentes do mar, desde que tenham, não deixam ninguém de barriga vazia e água na boca e tacho feito para cinco dá sempre para mais um.** Quanto à pinga, essa **também se arranja.**

### Tudo começa na Sexta-Feira

As festas da Senhora de Tróia, este ano, como acontece há 42, começaram na sexta-feira, à noite, com o tríduo, na igreja de S. Sebastião, onde no sábado, à tarde, houve missa por alma dos marítimos falecidos, após a qual se realizou a procissão pelas ruas e vielas do bairro das Fontainhas em direcção ao cais, ao som da fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Setúbal, que abria o cortejo, e da banda de Sarilhos Grandes que o fechava, enquanto foguetes estalavam a anunciar o aproximar do embarque da imagem.

A festa começa aí a ganhar proporções, fazendo os turistas a caminho de Tróia ou de outras praias do Sul sair das viaturas e interrogarem-se sobre o que se passa e por que motivo o trânsito é interrompido, ignorantes da força da tradição que os homens do mar teimam em manter.

No cais do embarque, onde a multidão se acotovela e os retardatários procuram lugar numa das traineiras, engalanadas, há gente de todas as idades: idosos — eles, rostos tisnados do sol, quase tantas rugas como fainas tiveram, olhos míopes, olhando saudosos o mar e o rio, que conhecem como as mãos calejadas de puxar redes; elas, quase todas, de negro vestidas, que a companheira e a mãe do pescador, antes de tudo, é casada com o luto; — novos, vestes mais garridas, faces morenas, sim, mas menos marcadas, debaixo dos braços o transistor, a **mostrar** a fronteira entre gerações; e também crianças, saltitando de um lado para o outro, em concorrência com as gaivotas ali ao lado, sobre o rio, e os barcos, a sonharem o dia em que, agarrados ao leme, sulcarão as águas do Sado, a entrarão pelo mar dentro.

Para as traineiras continuam a entrar pessoas, transportando geleiras, tendas, baterias que fornecerão a luz durante duas noites na Caldeira. Ao nosso lado, uma mulher que era nova quando começaram as festas de Tróia, esboça um sorriso que lhe enruga mais a face e da boca desdentada deixa escapar um comentário, misto de saudade e admiração: **no meu tempo, as velas dos barcos serviam para fazermos as barracas para dormirmos e a luz era das fogueiras que acendíamos!...**

### Vestido veio dos EUA .

A Senhora de Tróia, ao contrário da maioria das mulheres (ou viúvas?) dos pescadores, traz um vestido branco, coberto em parte por um manto azul celeste.

«Todos os anos — revelou-nos Manuel Vigário — a Senhora estreia um vestido, que lhe é oferecido por uma devota.»

«O deste ano — adiantou — veio dos Estados Unidos, mandado por uma emigrante e o manto, que é o mesmo do ano passado, foi oferecido por uma senhora que está em França.»

«Tínhamos um novo para este ano — esclareceu — mas não condizia tão bem como este, era de outra cor.»

A primeira imagem a embarcar foi a de São Pedro, levada pela traineira «Rio do Fontão», que ele, apesar da devoção que se possa ter pela Senhora de Tróia, sempre ó padroeiro dos pescadores. Por isso, talvez, vá à frente, a indicar o caminho que todos já conhecem de cor e salteado. A Santa foi transportada pela «Praia do Baluarte». A escoltá-las, pelo sim, pelo não, a «Guia da Fé».

Do outro ladó, na Caldeira, junto às ruínas romanas, já há gente, muita da qual desde há uma semana, principalmente mulheres e crianças, uma vez que os homens, pese toda a devoção e gosto pela folia, não interromperam a faina de onde lhes vem o pão, muito embora alguns deles, nesta época do ano, durante mais de uma semana façam do local o seu «porto».

### A maré é que manda

As Festas da Senhora de Tróia que, como se disse, se comemoram desde 1945, não têm data certa, pois a sua marcação depende das marés. É que para os barcos terem acesso à Caldeira é necessário que a água esteja alta.

«Houve um ano em que tivemos que as fazer no dia 9, mas de qualquer modo, é sempre em Agosto» — disse-nos Manuel Vigário.

O fim das festas deste ano verificou-se ontem à tarde, por volta das 17 horas, quando a maré encheu. Nesse momento, todas as embarcações que estavam na Caldeira regressaram a Setúbal e eram muitas, ultrapassando a centena e meia. Em três delas iam asgens de São Pedro, do mártir São Sebastião, padroeiro da maior freguesia setubalense, onde habitam muitos pescadores, e a da Senhora de Tróia. Os barcos engalanados, de todos os tamanhos e feitios, com as sirenes abertas, constituíram, no Sado, um espectáculo indescritível, na hora do adeus.

Depois, a imagem da Senhora de Tróia voltou para a Ermida da Caldeira, de onde apenas sairá para o próximo ano, uma semana antes do início das festas que lhe são dedicadas, quando as mafes **disserem** aos pescadores em que data o devem fazer.


GRANDES

SALDOS

DA DECORTÊXTIL

ARTIGOS PARA REPOSTEIROS
CORTINADOS E ESTOFOS

• REDES • RENDAS • CRETONES • DRALONS • TERYLENES • TREVIRAS • VELUDOS • TAPEÇARIAS

MILHARES DE ROLOS DE PAPEL PINTADO, SUPERLAVÁVEL

VISITE-NOS E POUPE DINHEIRO

RUA FERREIRA DA SILVA, 11 • ☎ 54 93 37
1900 LISBOA
(junto ao Mercado do Chile)

# Carne mais barata no Porto

Os preços médios de venda de carne de suíno e de frango eram, em Junho último, mais baixos no Porto do que em Lisboa, informa o Serviço de Estudos da Direcção Geral do Comércio Interno (DGCI).

Um estudo levado a cabo por aquele organismo, em diversos talhos independentes e integrados em mercados municipais e supermercados, permitiu detectar diferenças de 6,6 por cento na carne limpa de suíno, de 4,6 por cento nas costeletas de lombo e de 4,8 por cento na carne de frango. Quanto à carne de bovino, o mesmo inquérito revelou diferenças de preço pouco significativas, favoráveis aos consumidores de Lisboa: 0,4 e 0,5 por cento, respectivamente, nas carnes de primeira e de segunda.

Em relação às preferências dos consumidores, o documento afirma que, tanto em Lisboa como no Porto, elas se orientaram preferencialmente para as carnes de frango, de bovino de primeira sem osso e de suíno limpa, por esta ordem. No entanto, foram indicadas, por parte dos comerciantes, alterações naquelas prioridades que se prendem com hábitos culinários próprios do Verão. Assim, registou-se uma menor apetência pela carne de bovino de segunda, e uma maior procura de peças «nobres», como bife de bovino e costeletas e febras de porco.

*Aveiro em foco depois do menor acidentado*

# INSPECÇÃO DO TRABALHO SEM MEIOS PARA ACTUAR

**A delegação de Aveiro da Inspecção Geral do Trabalho não dispõe de meios suficientes para exercer a sua actividade de controlo, limitada por reduzidas verbas que a impossibilitam de se movimentar, revelou ao «DL» uma fonte deste organismo.**

Em foco depois do dramático acidente na fábrica Faiança de S.Roque que levou à amputação da perna esquerda do menor Saul, a delegação da Inspecção do Trabalho daquele distrito, de acordo com a nossa fonte, debate-se com sérias dificuldades, restringindo a acção do corpo de efectivos, já de si, reduzido.

O contingente de inspectores - composto de onze inspectores mais dois colocados para instrução no serviço de ContraOrdenação e ainda três coordenadores de grupo - só dispõe de 11 contos por mês para gasolina de cada viatura, suficiente apenas, segundo cálculos feitos, para deslocações de doze dias por mês.

As deslocações de inspecção, geralmente motivadas por queixas ou por iniciativa do organismo, vão sendo adiadas, indo os vários casos «para a lista de espera», o que torna quase impossível qualquer controlo de reincidência.

Exemplo disso, foi a detecção, em Fevereiro deste ano, de 24 casos de emprego de menores, sobretudo na indústria de calçado, dos quais se desconhece - «só se se adivinhasse» - se terão voltado ao serviço, após a instauração da respectiva multa, recorde-se até a um montante máximo de 50 contos.

## Impossível controlar trabalho extraordinário

A contribuir para as dificuldades já sentidas, está a incapacidade real de controlar a existência de trabalho extraordinário, indevidamente remunerado. Na base dos problemas está a aprovação, «por pressão empresarial», de decreto nº 421/83 que vem autorizar o registo das horas extraordinárias depois da realização do trabalho, ao contrário do que antes acontecia, em que era obrigatório o registo prévio e descriminado por trabalhador.

Assim, só em caso de inspecção e caso se apanhe «o gato com a boca na botija», é legítimo reclamar a inscrição pelo empresário das horas realizadas em horário extraordinário. E tudo com especial agravamento quando o prazo de prescrição é de um ano, a partir do qual nada se poderá fazer.

Acrescente-se a tudo que poucos são os casos em que a inspecção questiona, mediante inquérito impresso, trabalhador a trabalhador com o fim de detectar quem se encontra «a negro». Geralmente, o controlo processa-se por via administrativa, com reduzidas possibilidades de descobrir o trabalho clandestino, sem se procurar pelas instalações quem, eventualmente, possa estar escondido, tal como já foi denunciado pelos sindicatos.

Recorde-se que, no caso da Faiança de S.Roque, o sindicato do ramo afirma haver mais quatro menores ao serviço da empresa que, juntamente com outros trabalhadores ilegais, terão sido escondidos na casa de banho durante a visita da Inspecção Geral do Trabalho.

# Despedimentos adiados no Entreposto Industrial

Foi adiada por mais um mês a decisão do Governo de despedir 300 trabalhadores da secção de metalomecânica do Entreposto Industrial de Setúbal.

Este adiamento deve-se a um pedido da administração da empresa, deferido pelo secretário de Estado do Emprego, tendo-o a comissão de trabalhadores considerado como um bom sinal. Recorde-se que expirara já o prazo para o Governo se pronunciar sobre o despedimento colectivo.

«O que nós pretendemos é que o Governo não autorize o despedimento colectivo», afirmou Hélio Bexiga da comissão de trabalhadores que se encontram confiantes «numa decisão justa que garanta os postos de trabalho.

A administração do entreposto industrial solicitou ao Governo através do Ministério do Trabalho autorização para proceder aos despedimentos na secção de metalomecânica, ficando somente o sector de frio doméstico a funcionar.

Em conferência de imprensa, realizada a semana passada, a comissão de trabalhadores da empresa comunicou ter entregue ao secretário de Estado do Emprego, Fernendes Marques, um projecto de cooperativa para o sector metalomecânico, de modo a provar a sua viabilidade.

# Jovens vão ter subsídio máximo de 17,5 contos

Os jovens com idades entre os 18 e os 25 anos à procura do primeiro emprego passam a poder usufruir de um subsídio social de desemprego, de cerca de 17 500 escudos, nos termos de um diploma hoje publicado no Diário da República.

Para tal, os jovens devem estar inscritos nos centros de emprego da sua área de residência há pelo menos três meses, e nunca ter trabalhado ou, tendo-o feito, não terem atingido a média de 180 dias nos últimos 360 dias anteriores à data do desemprego.

Por outro lado, o respectivo agregado familiar não deve auferir «per capita» um rendimento superior a 50 por cento do valor mais elevado do salário mínimo nacional, que é de 25 200 escudos.

O montante do subsídio a conceder é igual a 70 por cento do valor mais elevado do salário mínimo nacional, cerca de 17 500 escudos, e poderá ser auferido durante 15 meses.

Os jovens a quem for concedido este subsídio de desemprego têm prioridade no acesso a cursos de formação profissional promovidos ou apoiados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional durante o período de concessão do subsídio e no ano subsquente à cessação da sua atribuição.

*Anunciado por José Eduardo dos Santos*

# Angola quer aderir ao FMI

O governo de Luanda manifestará intenção de aderir ao Fundo Monetário Internacional (FMI) com base no seu programa de saneamento económico-financeiro, anunciou o presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

Eduardo dos Santos, que falava na sessão de abertura de um seminário sobre saneamento económico-financeiro, sublinhou que «não podemos dispensar a cooperação com os países ocidentais, para garantir a manutenção e o funcionamento das infra-estruturas, cuja contribuição é inevitável para a reconstrução do país».

Segundo o presidente angolano, a eventual adesão de Angola ao FMI não impedirá o aprofundamento das relações deste país com as organizações económicas africanas nem com os cinco países africanos de língua oficial portuguesa.

Na sua intervenção, o presidente referiu que a dívida externa angolano ascendia, no fim de 1986, a 4000 milhões de dólares e admitiu que Angola foi «um dos países do mundo que mais decididamente impôs uma política de austeridade interna», na sequência da queda do preço do petróleo.

## Reescalonamento da dívida externa

«O problema mais candente no tocante à dívida não está no seu montante, pois ela implica um serviço de juros inferior a dois meses de exportação, mas na elevada concentração nos próximos anos dos reembolsos de capital», disse Eduardo dos Santos.

Neste contexto, o chefe de Estado angolano defendeu a negociação com os países credores de um plano de reescalonamento à medida das capacidades do país.

O seminário sobre saneamento económico-financeiro, que decorre em Luanda, visa ajustar os meios financeiros às prioridades da planificação, bem como criar um sistema de rendimentos e preços propício ao desenvolvimento.

Participam na iniciativa representantes do aparelho central do MPLA, dos ministérios e secretarias de Estado e dos comissariados provinciais, entre outros organismos.

Para José Eduardo dos Santos, «a guerra de agressão e desgaste movida pela racista África do Sul é a principal responsável pelas dificuldades» que Angola atravessa.

Em cálculos aproximados, o presidente angolano avaliou em 12 000 milhões de dólares os prejuízos causados pela guerra, que provocou também mais de 600 000 deslocados, 150 000 refugiados, 60 000 mortos e elevado número de mutilados.

Na sua intervenção, Eduardo dos Santos apontou ainda como causas de estagnação da economia nacional «a desorganização e a má gestão das empresas, a indisciplina, corrupção e a insuficiente protecção da propriedade social».

# Desemprego baixou 6,6 em Junho

Os desempregados inscritos no Instituto do Emprego e Formação Profissional eram em finais de Junho 300 020, menos 6,6 por cento do que em Maio e menos 19,3 por cento do que no mesmo mês de 1986 — anunciou hoje o IEFP.

A «Informação Mensal do Mercado de Emprego» do IEFP afirma que, em número, os desempregados registados eram menos 21 085 do que em Maio e menos 71 709 do que em Junho do ano passado.

Esta redução — assinala o IEFP — fez-se de modo desigual, «provocando alguma alteração da estrutura do desemprego registado».

Assim, as mulheres representam agora 57,2 por cento contra 53,8 por cento em Janeiro, ao passo que a categoria do primeiro emprego representa 18 por cento, contra 16 por cento no princípio do ano.

Houve, por outro lado, uma melhoria da oferta de emprego e da decorrente actividade de colocação por parte dos centros de emprego.

No primeiro semestre de 1987 inscreveram-se 107 831 desempregados, contra 83 356 no mesmo período de 1986.

## COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | COMPRA (Por Unidade) | VENDA (Por Unidade) |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 52$25 | 58$25 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 77$40 | 78$60 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 10$95 | 11$15 |
| BÉLGICA (franco) | 3$520 | 3$760 |
| BRASIL (cruzado) | 2$100 | 3$600 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 109$50 | 111$65 |
| (notas de 5 a 1000) | 109$65 | 112$15 |
| DINAMARCA (coroa) | 20$15 | 20$55 |
| ESPANHA (peseta) | 1$110 | 1$230 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 145$35 | 148$85 |
| (notas de 5 a 1000) | 145$85 | 149$35 |
| FINLÂNDIA (marka) | 32$05 | 32$65 |
| FRANÇA (franco) | 23$15 | 23$85 |
| HOLANDA (florim) | 68$70 | 69$80 |
| IRLANDA (libra) | 208$30 | 212$30 |
| ITÁLIA (lira) | $097 | $112 |
| JAPÃO (iene) | $927 | $982 |
| NORUEGA (coroa) | 21$25 | 21$75 |
| REINO UNIDO (libra) | 232$25 | 236$75 |
| SUÉCIA (coroa) | 22$25 | 22$75 |
| SUÍÇA (franco) | 93$25 | 94$75 |
| VENEZUELA (bolívar) | 4$50 | 5$50 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

*Um membro da oposição do Panamá distribui um jornal anti governamental, a «Alternativa», a automobilistas numa rua da capital*

O presidente Ronald Reagan, em entrevista ontem publicada na revista «Time», admitiu aprovar as motivações dos seus ex-colaboradores responsáveis pelo caso Irão-Contras, mas lamentou o desenlace desta dupla operação. «Provavelmenta, a única lição que poderemos tirar das audiências do Congresso no âmbito deste caso é que o poder executivo e legislativo, ambos ligados ao governo, necessitam de manter a verdade entre si», disse Reagan, que salientou que o «encobrimento» só leva a «mentiras, fugas, divisões e erros». Reagan negou ainda runores de que as audiências do Congresso o deixaram preocupado.

*Camiões militares são usados nas Filipinas p devido à greve dos transportes em curso naquele pa*

## Pretória negoceia libertação de Mandela

A África do Sul vai realizar conversações secretas com o ilegalizado Congresso Nacional Africano (ANC) que poderão levar à libertação de Nelson Mandela dentro de três meses, noticiou hoje o «Washington Times». O jornal norte-americano cita fontes governamentais sul-africanas, segundo as quais um enviado de Pretória se encontrará em Lusaca com líderes do ANC para discutir a libertação de Mandela e «outras questões». As negociações seguem-se ao discurso do presidente da África do Sul, Pieter Botha, da semana passada no Parlamento, em que anunciou que deixará de ser exigido aos presos políticos a renúncia à violência como condição para a sua libertação. Tal afirmação parece aplanar o caminho para a libertação de Nelson Mandela, o líder histórico do ANC detido há mais de 25 anos e que se recusa a renunciar à violência na luta contra o «apartheid». Outro sintoma de que a libertação de Mandela pode estar próxima foi a declaração de Pieter Botha de que o governo sul-africano estava a analisar a possibilidade de libertar Govan Mbeki, outro dirigente do ANC preso há 24 anos. O «Washington Times» acrescenta que a libertação de Mandela faz parte dos planos de Botha para conseguir a participação de dirigentes negros nas negociações sobre o futuro constitucional da África do Sul.

## Espanha: cerco a vice-chefe do governo

Cerca de 400 trabalhadores da empresa Sidegasa, da Galiza, interceptaram ontem o automóvel em que seguia o vice-chefe do governo, Alfonso Guerra, e a sua família, chegando a abanar o veículo. O incidente ocorreu quando Alfonso Guerra se dirigia para o aeroporto de La Corunha, de onde deveria regressar a Madrid, após três dias passados na Galiza. Depois da retenção dos abanões ao automóvel, os trabalhadores arrombaram as portas de acesso à pista e rodearam, durante cerca de 25 minutos, o avião em que deveria viajar o vice-primeiro-ministro. A intervenção do governador civil de La Corunha, Andres Moreno Aguilar, que dialogou com os representantes dos trabalhadores-manifestantes, e a posterior acção da Guarda Civil e da Polícia, conseguiram que fossem desocupadas as pistas, para que o avião pudesse levantar voo. A empresa metalúrgica Sidegasa encontra-se em crise e em processo de reconversão industrial e os trabalhadores receiam que seja encerrada, com os consequentes despedimentos, ou vendida a um grupo catalão.

## Acidente em Detroit: não há sobreviventes

Todas as 153 pessoas que seguiam a bordo de um avião da companhia Northwest Airlines que se despenhou domingo numa auto-estrada morreram na queda, disseram fontes da aviação.

O avião incendiou-se segundos após a descolagem, no domingo à noite, tocou num edifício do aeroporto e esmagou-se sobre automóveis numa movimentada auto-estrada de quatro faixas em Romulus, um subúrbio a oeste de Detroit.

O acidente foi o segundo mais grave da história da aviação norte-americana.

Para além dos que seguiam no avião, morreram também dois automobilistas na tragédia, disse um porta-voz da Polícia.

«Não houve sobreviventes», disse a porta-voz da Northwest Airlines, Sandy Sahlen.

Desconhece-se por enquanto a causa do acidente. Alguns jornais sugerem que poderia haver uma bomba a bordo, mas funcionários da aviação civil federal rejeitaram a alegação.

# Morreu diplomata saudita ferido quando do ataque à embaixada do seu país em Teerão

**O diplomata saudita ferido durante o assalto à Embaixada do seu país em Teerão, no dia seguinte aos confrontos em Meca, morreu ontem à noite, informou a agência noticiosa da Arábia Saudita, SPA. No mesmo dia, o Irão levantava o cerco de duas semanas à embaixada suadita.**

A agência iraniana, IRNA, noticiava hoje que a morte do diplomata da Arábia Saudita se deveu «à insitência do regime de Riade em transportá-lo para o seu país». Mussaed Al Ghamadi encontrava-se hospitalizado desde 1 de Agosto, altura em que uma multidão em fúria tomou a embaixada do seu país em Teerão e sequestrou quatro diplomatas, três dos quais apareceram dias mais tarde e foram enviados para Riad.

Por seu lado, fontes do Ministério saudita dos Negócios Estrangeiros acusaram as autoridades iranianas de não terem facilitado a transferência do diplomata para um hospital de Riad.

Um jornal da Arábia Saudita noticiou, entretato, que o Irão levantou o cerco de duas semanas à Embaixada saudita em Teerão. As autoridades de Riad expulsaram domingo o responsável pelos peregrinos iranianos em Meca.

Os confrontos de 31 de Julho na cidade santa, entre forças da ordem sauditas e pregerinos iranianos, provocaram a morte de , pelo menos, 400 pessoas, muitas das quais iranianas.

### Mensagem de Gorbachev

O lider soviético, Mikhail Gorbachev, enviou uma mensagem pessoal à primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, sobre a situação no golfo Pérsico, disseram hoje fontes oficiais em Londres.

A mensagem, cujo teor não foi divulgado, foi entregue pelo embaixador soviético, Leonid Zanyatin que segunda-feira se encontrou com um responsável do Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros.

A missiva foi entregue horas depois de quatro daraga-minas britânicos terem largado do porto escocês de Rosyth em direcção ao golfo Pérsico, onde já se encontraum navio-patrulha do Reino Unido.

Entretanto, continua a guerra que há sete anos opõe o Irão ao Iraque: este último país anunciou que a artilharia

*Sri Lanka*

# Atentado mata deputado e fere membros do governo

Um deputado do Sri Lanka morreu hoje quando granadas explodiram durante uma reunião, no Parlamento, do Partido Nacional Unido, no poder, anunciaram fontes hospitalares. as mesmas fontes afirmaram que o chefe do governo, seis ministros e 15 deputados ficaram feridos quando pelo menos duas granadas foram lançadas para a sala onde decorria a reunião.

O presidente do Sri Lanka, Junius Jayerwardene, que presidia à reunião e que aparentemente era o alvo do atentado, saiu ileso.

«Duas bolas negras voaram para dentro de uma sala do Parlamento do Sri lanka. Fizeram ricochete na mesa à qual o presidente Jayewardene estava sentado e explodiram no chão nas imediações», disse um dos deputados presentes.

O Parlamento ia iniciar a sua primeirra sessão desde que o governo do Sri lanka celebrou um acordo, mediado pela Índia, com os rebeldes tamil.

Após o atentado, as autoridades intensificaram as medidas [illegible] em Colombo, capital do país. Controlos de polícia são visiveis em vários pontos da capital e noutras cidades, destinados a conter eventuais disturbios.

Mais de 70 pessoas morreram em consequência da acção das forças da ordem durante três dias de tumultos que se seguiram à celebração do acordo de paz entre o presidente Jayewardene e o primeiro-ministro indiano Rajiv Gandhi.

Membros da comunidade cingalesa, maioritária no Sri lanka, protestaram violentamente contra o acordo.

Os tamil, que contituem cerca de 18 por cento da população total do país, têm vindo a desenvolver uma campanha pela criação de um Estado independente no norte e oriente do Sri Lanka.

Ao abrigo do tratado, os tamil gozam agora de uma autonomia limitada.

*Raptado no Líbano*

## Charles Glass consegu aos seus captores

O jornalista norte-americano no Líbano desde 17 de Junho, c drugada enquanto os seus capto Damasco, capital da Síria, segu plomáticas,

Glass, de 36 anos, foi levad dos sírios e deverá ser agora Estados Unidos na capital síria são norte-ameriocana.

O jornalista entrou pela 2h3 rute Ocidental e disse ao rec Glass. Preciso de um lugar para latou um porta-voz da polícia chamou as tropas sírias que o masco.

Segundo o infromador da cepcionista que fugiu pela jan onde estava sequestrado. «Os dormir. Escapei-me pela janel caminho da liberdade», ter

Glass, antigo corresponde ABC, foi o segundo jornalista estrangeiro a conseguir fugir Líbano.

*pinas para transportar passageiros uele país*

pesada iraniana atingiu a ci - dade de Bassorá, a segunda maior do Iraque.

O Iraque anunciou a sua disponibilidade para reduzir os bombardeamentos aéreos contra o Irão e também contra petroleiros de bandeira iraniana que naveguem no golfo Pérsico, segundo informaram hoje circulos oficiais em Washington.

Por seu lado, o secretário-geral das ONU, Perez de Cuellar, manifestou-se disposto a visitar Teerão, a convite do governo de Khomeini, desde que o Irão esteja pronto a encetar conversações para por termo à guerra do golfo.

## ano há dois meses

## seguiu hoje fugir

ericano Charles Glass, sequestrado unho, conseguiu fugir hoje de ma - s captores dormiam e chegou já a ia, segundo informaram fontes di -

i levado para Damasco por solda - agora entregue à Embaixada dos tal síria ou a uma cadeia de televi -

ela 2h30 locais num hotel de Bei- ao recpecionista: «Sou Charlie ar para me esconder», segundo re - polícia libanesa. O recepcionista que o conduziram depois para Da -

or da polícia. Glass disse ao re - ela janela do 10º andar do edifcio do. «Os meus captores estavam a a janela e desci por uma escada a terem afirmado o jornalista.

pondente da cadeia de televisão nalista norte-americano e o quinto fugir dos seus sequestradores no

*Prisão de Spandau será demolida*

# RUDOLF HESS MORREU EM BERLIM COM 93 ANOS DE IDADE

**Rudolf Hess, antigo adjunto de Hitler e último sobrevivente da liderança nazi, morreu ontem em Berlim com 93 anos, 40 dos quais passados na prisão de Spandau, no sector britânico daquela cidade. A morte do último «inquilino» de Spandau levou os responsáveis pela sua administração a anunciar que a penitenciária militar será demolida nas próximas semanas.**

O advogado de Hess, Rudolf Seidl, anunciou ontem que a morte do último lider nazi ocorreu no hospital britânico de Berlim Ocidental. No entanto, um comunicado do governo militar britânico de Berlim refere que a morte de Hess ocorreu, não no hospital, mas sim na prisão de Spandau.

O corpo de Hess será entregue à família ma Alemanha Federal. Os pormenores da cerimónia fúnebre continuam envoltos em segredo, mas informadores aliados em Berlim disserem qie o corpo será cremado durante uma cerimónia familiar num cemitério perto de Munique, onde reside o filho de Hess, Wolf-Riediger.

Cercva de 20 neo-nazis reuniram-se junto da prisão de Spandau depois de ser conhecida a morte do ex-adjunto de Hitler, tendo emtoado o antigo refrão do hino da Alemanha, que foi abandonado após a queda do regime nazi- «Alemanha, Alemanha, Acima de Tudo».

Rudolf Hess foi condenado, em 1946, a prisão poerpétua nos julgamento de Nuremberga. Em 1947 ingressava na cadeia de Spandau e desde 1966 tornou-se no único ocupante deste estabelecimento que conta com 660 celas.

O seu estado de saúde agravou-se no ano passado. Hess mal podia andar e estava quase cego. Ontem, sentiu-se mal depois do almoço e acabaria por morrer horas depois, supostamente em consequência de um ataque cardíaco.

### Fim de Spandau

Responsáveis pelas quatros potências que administram a penitenciária militar de Spandau- Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética- divulgaram, entretanto, um comunicado conjunto onde se anuncia que a prisão de Spandau será demolida nas próximas semanas.

Destinada a albergar os criminoso nazis da Segunda Guerra Mundial, esta prisão tinha, actualmente, e como já referimos, um único recluso: Rudolf Hess.

«Com a morte de Hess, um dos principais criminosos de guerra nacionais-socialistas, condeando a rpisão perpétua em 1946 pelo Tribunal Internacional Militar de Nuremberga, a Penitenciária de Spandau cumpriu a sua missão», refere o comunicado, que acrescenta: « por decisão dos representantes da Grã-Bretanha, França , Estados Unidos e União Soviética, a prisão será derrubada».

Um porta-voz dos aliados disse ainda que o derrube da cadeia de Spandau destina-se também a evitar que esta se transforme num ponto de referência para os grupos neo-nazis.

### O último lider do III Reich

Hess está ligado a um episódio de guerra que nunca foi publicamentte explicada: a 10 de Maio de 1941, o adjunto de Hitler voava sozinho de Berlim para Inglaterram tendo descido de paraquedas sobre a Escócia com o intuito de se encontrar com o primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, supostamente com o propósito de oferecer a paz ao governo de Londres. Churchill recusou-se a recebê-lo, mas nunca chegou a esclarecer-se se Hess empreendera aquele gesto a mando de Hitler ou por iniciativa própria.

Nos últimos anos, numrosos pedidos de clemência a favor da libretação de Hess foram tornados públicos, mas estas petições foram sempre ignoradas pela União Soviética- país que sofreu 20 milhões de mortos na guerra- que via no ex-adjunto de Hitler um simbolo do nazismo a que não devia ser concedido nenhum tipo de perdão. Ao qure parece, Hess nunca se arrepèndeu da sua actuação durante o III Reich.

Desde 1966, Hess, «o preso número sete» da prisão de Spandau, era o único recluso da penitenciária. Quase cego e autor de várias tentativas de suicídio, esteve submetido a um regime estrito de incomunicabilidade até 1969. Só desde então fora autorizado a receber visitas da mulher e do filho, uma vez por mês.

*O último lider nazi*

É possível que muitos pormenores do caso Hess só venham a ser revelados depois de 2017, ano em que as actas dos interrogatórios deixarão de estar classificadas de «secretas» pelas autoridades.

Nascido a 26 de Abril de 1894, em Alexandria, no Egipto, filho de um homem de negócios alemão, Rudolf Hess combateu na I Guerra como piloto da Força Aérea alemã. Acabada a guerra, iniciou estudos de História em Munique, e entrou em 1920 para o então insignificante, mas mutio activo, Partido Nacional Socialista, no qual se converteu rapidamente em colaborador intimo de Adolf Hitler.

Em 1925, Hess chegou a secretário particular do futuro «fuhrer» e, em 1933, quando os nazis chegaram ao poder, Hitler tornou-o seu adjunto para as questões relacionadas com o Partido Nacional Socialista, e nomeou-o mebro do governo de Berlim. Em 1939, Hess foi designado membro do Comité de Defesa Estatal.

*Em cima, a prisão de Spandau que durante 21 anos teve um único ocupante, Rudolf Hess. Em baixo, à direita, o ex-adjunto de Hitler e outros colaboradores nazis quando do julgamento de Nuremberga. À esquerda, um jovem com a bandeira do Reich quando da concentração de ontem frente a Spandau*

## Máximos

**Soviéticos mais rápidos no pedal**

Ciclistas soviéticos bateram por duas vezes o recorde mundial dos 4 km em pista coberta, para equipas de quatro corredores, no decurso dos campeonatos de Krylatskoye.

Vyacheslav Yekimov, Alexander Krasnov, Sergei Khmelinin e Viktor Manokov, do Clube Locomotiva de Leninegrado, fizeram o tempo de 4:11.241 minutos.

Dez minutos antes outra equipa, esta de um clube da cidade de Kuibyshev, integrada por Marat Ganyeyev, Sergei Vodopyanov, Igor Nechai e Ivan Mashnin, tinha também batido o anterior recorde, desta feita com a marca de 4:12.783.

O recorde mundial dos 4 km em pista coberta estava antes em poder da selecção nacional da URSS, com o tempo de 4:12.830, e fora alcançado em Moscovo, durante os Jogos da Boa Vontade, em 1986.

**Americano mais veloz sobre a água**

O nadador norte-americano Dave Wharton estabeleceu o recorde mundial dos 400 metros estilos com o tempo de 4.16,12 minutos nos jogos Pan-Pacific.

Wharton (18 anos) bateu o anterior recorde que estava na posse do canadiano Alex Baumann com 4.17,41 minutos desde Julho de 1984, em Los Angeles.

Em 2.º lugar ficou o australiano Rob Woodhouse com 4.18,05 minutos e na 3.ª posição classificou-se o antigo recordista Alex Baumann com 4.18,46 minutos.


Informação COMERCIAL

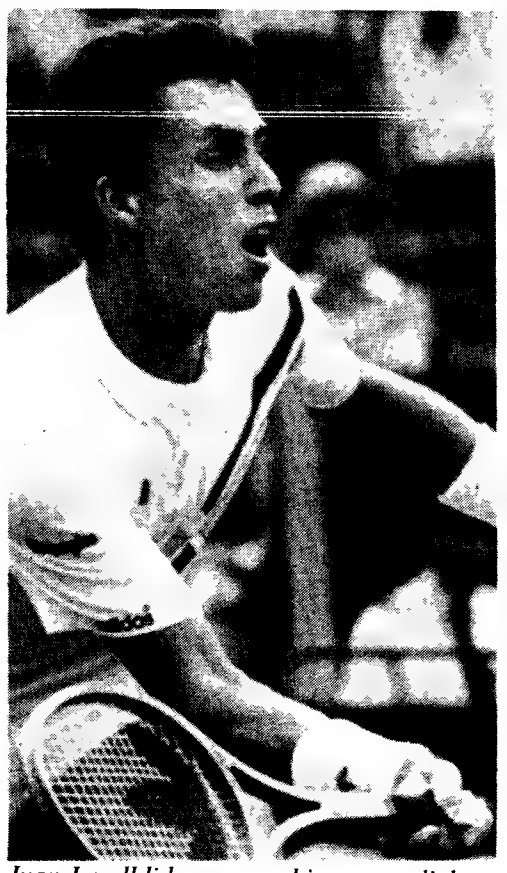
**NOVO SERVIÇO COMBINADO COM EMPRESAS DE CAMIONAGEM**

A Direcção Comercial da CP informa que, está em vigor desde o dia 1 de Agosto de 1987, um novo Serviço Combinado, ligado às Estações de FARO e PORTIMÃO, servindo os **domicílios,** das localidades abaixo indicadas.

| Entre FARO e os domicílios de: | Entre PORTIMÃO e os domicílios de: |
|---|---|
| Almansil-Nexe | Açoteias |
| Alte | Alcantarilha |
| Benfarras | Algoz |
| Boliqueime | Alvor |
| Bom João | Alvalade |
| Estói | Areias de S. João |
| Faro | Armação de Pera |
| Ferreiras | Balaia |
| Marchil | Carvoeiro |
| Moncarapacho | Estombar |
| Olhão | Falésia |
| Paderne | Ferragudo |
| Patã | Figueira |
| Patacão | Guia |
| Pechão | Lagoa |
| Pereira | Lagos |
| Poço de Boliqueime | Mexilhoeira da Carregação |
| Portela de Messines | Mexilhoeira Grande |
| Portas de Mar | Meia Praia |
| Queltes | Montechoro |
| Rio Seco | Odeáxere |
| São Bartolomeu de Messines | Olhos de Água |
| São Brás de Alportel | Oura |
| Santa Bárbara de Nexe | Pera |
| São Francisco | Poço Barreto |
| São João da Venda | Porches |
| Silves | Portimão |
| Tunes | Praia da Rocha |
| Vale Formoso | Vila Magna |
| Vale de Éguas | |
| Vale de Judeu | |
| Vale de Lobo | |

Este Serviço Combinado domicílios, efectua-se todos os dias úteis de 2.ª a 6.ª feira.

Caminhos de Ferro Portugueses

*Ivan Lendl lidera o «ranking» mundial, enquanto Nuno Marques é o português melhor posicionado*

# TÉNIS: PORTUGUESES SOBEM NA ESCALA

Os tenistas portugueses **João Cunha e Silva** e **Nuno Marques** subiram 47 e 18 lugares, respectivamente, na classificação da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), divulgado em Arlington.

Tanto Nuno Marques como Cunha e Silva receberam mais 4 pontos para o «ranking» mundial, devido à sua actuação no Torneio de Knokke, na Bélgica, onde atingiram a segunda eliminatória, depois de terem sido apurados no treino de qualificação.

Nuno Marques continua a ser o português mais bem classificado, ocupando agora o lugar número 372, com uma média de 2,25 pontos, correspondentes a um total de 27 pontos e Cunha e Silva subiu 47 lugares para o posto número 449 no «ranking» mundial, tendo agora uma média de 1,416 pontos para um total de 17 pontos.

**Pedro Cordeiro**, que não actuou em Knokke, mantém o lugar número 535, com uma média de 0,91 pontos.

Na classificação de pares, tanto Cunha e Silva como Nuno Marques receberam 1 ponto, pela sua actuação em Knokke, onde foram derrotados na primeira eliminatória e apesar de terem melhorado a sua média deseram alguns lugares na classificação. Cunha e Silva desceu dois lugares, ocupando agora o posto número 286, com uma média de 5,0 pontos, correspondente a um total de 60 pontos e Nuno Marques, que disputou na Bélgica o seu segundo torneio em pares, baixou 13 lugares para o posto número 615, com uma média de 0,9167 pontos, correspondente a um total de 11 pontos.

Pedro Cordeiro manteve a média de 3,083 pontos, correspondente aos 37 pontos alcançados, mas baixou sete lugares, ocupando agora o posto número 376.

O «ranking» mundial continua a ser liderado pelo checoslovaco Ivan Lendl, e nos 10 primeiros houve duas permutas de lugares: o norte-americano John McEnroe subiu um lugar para a 7.ª posição, trocando com o australiano Pat Cash, e o francês Yannick Noah passou para o 9.º lugar, por troca com o sueco Kent Carlsson.

### Nuno Marques perde em Istambul

Ontem, em Istambul, Nuno Marques perdeu em três partidas com o sueco Cony Falk, pelos parciais de 7-6, 4-6, 6-7 (com 5-7 no decisivo «tie-break»).

João Cunha e Silva, que também se qualificou para o quadro principal do torneio, dotado com prémios no valor de 25 000 dólares, joga hoje com o jugoslavo Branislav Stankovic, que no fim de 1986 era o 390.º no «ranking» mundial, mas que em fins de Julho já ocupava o lugar número 213.

### Steffi Graf no degrau cimeiro

A jovem tenista alemã-federal Steffi Graf ascendeu ao primeiro lugar do «ranking» mundial feminino, acabando com um reinado que, nos últimos 14 anos foi repartido por apenas duas jogadoras, Chris Evert e Martina Navratilova.

Graf de 18 anos, que ganhou oito torneios este ano, incluindo o «open» de França, tornou-se na segunda jogadora a quebrar o domínio de Evert e Navratilova.

A vitória por 6-3 e 6-4 sobre Chris Evert no torneio de Los Angeles abriu-lhe as portas para o primeiro lugar do «ranking», posição que Navratilova discordou, já que para ela, quem das duas jogadoras ganhar o «open» dos Estados Unidos, a disputar no fim do mês, é que deve ser considerada a número um.

### Yannick Noah: Pausa

O francês Yannick Noah anunciou que poderá abandonar a competição se não conseguir voltar a ter a mesma ambição de outrora.

Noah, que ganhou o «open» de França em 1983, encontra-se afastado da competição por tempo indeterminado, depois de ter sido eliminado na primeira ronda do torneio de Bordéus.

**«Agora vou descansar e não sei se continuarei a jogar. Se neste espaço de tempo recuperar o interesse para prosseguir no circuito internacional, voltarei. Caso contrário não contem mais comigo»** declarou o jogador.

Noah, considerado o melhor jogador francês, já decidiu que não competirá nos torneios de Cincinnati e no «open» dos Estados Unidos e instado a revelar os seus planos adiantou: «vamos esperar. Ainda sou novo».

# PONTA ESQUERDA

## Barreiro: Câmara promove o desporto

A Câmara Municipal do Barreiro, com o intuito de proporcionar às crianças daquele concelho a ocupação dos tempos livres, tem em actividade, até o dia 9 de Setembro, um plano desportivo que abrange várias modalidades, dirigido por 20 monitores, soube o «DL» de fonte da edilidade.

O plano estende-se às freguesias do Barreiro, Lavradio, Santo André, Coina, Verderena, Santo António, Palhais e Alto do Seixalinho e também à «Cidade do Sol».

Desta forma, as crianças em férias, no concelho do Barreiro, podem praticar, de forma orientada, futebol, basquetebol, andebol, xadrez, miniténis atletismo.

A mesma fonte adiantou que este plano, para além de proporcionar às crianças a prática salutar do desporto, permite o convívio entre estudantes de várias freguesias.

### Barreiro: um concelho limpo

Entretanto, no âmbito da campanha «Barreiro: um concelho limpo», a junta de freguesia do Lavradio, com o apoio da respectiva edilidade, vai iniciar uma série de acções de limpeza, que engloba a lavagem de ruas, revisão dos contentores e renovação de entulhos e areias — revelou ao «DL» um informador da vereação.

Por outro lado, adiantou a mesma fonte,a câmara municipal apelou aos partidos políticos que colaborem na limpeza do concelho retirando a propaganda afixada durante a última campanha para as legislativas.

## Pelé sugere: "Mundial-94" nos EUA

Edson Arantes do Nascimento, o «rei» Pelé do futebol dos últimos 30 anos, afirmou que o campeonato do Mundo de 1994 se deveria disputar nos Estados Unidos e não no Brasil.

O ex-futebolista, actualmente empresário nos Estados Unidos e no Brasil, justificou a sua posição acrescentando que «o futebol necessita de algo novo e o mundial nos Estados Unidos daria maior dinamismo à modalidade».

Para Pelé, se o campeonato do mundo de 1994 se realizar no Brasil «nada mudará no futebol».

O Brasil anunciou já a sua intenção de se candidatar perante a Federação Internacional de Futebol a sede do mundial de 1994, depois de ter organizado o campeonato de 1950, no qual se classificou em segundo lugar, por ter perdido o encontro final por 2-1 com o Uruguai, com o golo da vitória marcado pelo legendário Gigghia.

Pelé considera também que a crise que actualmente afecta o futebol brasileiro se deve principalmente **«à falta de organização de disciplina e de respeito».**

A antiga vedeta afirma quê no seu tempo **«era uma honra ser convocado para a selecção brasileira»,** enquanto na actualidade «os futebolistas brasileiros evocam pretextos para não alinharem na selecção».

## Nápoles: Sócios ficam à porta

A direcção do Nápoles, campeão italiano de futebol, proibiu os sócios do clube de assistirem aos treinos de preparação da equipa para a próxima temporada, que começa a 12 de Setembro.

Interrogado sobre as razões da política de **«porta fechada»,** o técnico Osvaldo Bianch, invocou a necessidade de a equipa liderada pelo argentino Diego Maradona «trabalhar descontraidamente», pois só assim poderá defender com êxito o título conquistado pela primeira ez na última época.

## Stein: indisciplina tem custo elevado

O guarda-redes titular do Hamburgo, Uli Stein, foi suspenso por 10 jogos e multado em 3 000 marcos (cerca de 240 contos) por ter agredido o avançado do Bayern de Munique, Juergen Wegmann.

O incidente teve lugar no mês passado, durante um torneio de preparação para o campeoonato alemão federal, e custou também a Stein a exclusão do Hmaburgo, que colocou o controverso guarda-redes na lista de dispensas.

Stein, de 32 anos, que foi mandado regressar à Alemanha Federal durante o último mundial do México pelo técnico germânico, Franz Beckenbauer, por razões disciplinares, planeia retomar a actividade no estrangeiro.

## Sotenis: uma aposta forte

O Grupo Desportivo Torralta criticou a direcção da Associação de Futebol de Faro por não ter à data apresentado o relatório de contas aos clubes associados.

As críticas à Associação algarvia estão contidas numa missiva endereçada ao presidente da mesa da Assembleia Geral da AFF, Aníbal Guerreiro, e subscrita pelo presidente da direcção do Torralta, António Silva, o qual se confessa «espantado que, agora, alguém da direcção da AFF seja candidato a futura direcção da FPF» e interroga-se «se será o prémio da incompetência».

*Esta é a «moçada» benfiquista que, ao derrotar o Sporting (1-0) e o Oriental (2-0), conquistou a Taça de Honra da Associação de Futebol de Lisboa. Trata-se de um lote de grandes promessas que irão contribuir para evitar a vinda de uns tantos brasileiros*

***A notícia vem de Estocolmo***

# MAGNUSSON E BENFICA ACORDO À VISTA

Mats Magnusson, o avançado internacional da Suécia, deverá assinar contrato com o Benfica a 3 de Setembro e a sua transferência envolve a verba de 1 milhão de dólares (cerca de 150 000 contos) – informou a agência «UPI».

A federação sueca não autoriza que os jogadores mudem de clube durante o decorrer do campeonato, a partir de 1 de Agosto, mas admite-se a possibilidade de um acordo, a negociar na semana em curso.

A concretizar-se esse acordo, Magunsson deverá estar disponível para representar o Benfica a partir de 3 de Setembro.

A agência UPI refere que o jogador, com uma temporada fraca ao serviço do Servette em 1985, teve, no entanto, uma «época de ouro» este ano, em representação do Malmoe, marcando 12 golos em 14 jogos.

Procurámos saber junto do Departamento de Futebol do SLB qual o «ponto da situação», simplesmente, fomos remetidos para o empresário Borj Lanz **«pois só ele poderá confirmar essa notícia»,** todavia ele é bem capaz de andar bem longe da sua residência em Cascais. Quanto aos dirigentes do Benfica, Gaspar Ramos que ontem teria regressado de Espanha, ainda não tinha aparecido na Luz pelo que estabelecemos contacto com **João Santos,** líder do executivo, que prontamente nos atendeu para informar do que todas as pessoas e entidades ligadas ao processo da vinda daquele futebolista sueco estão empenhadas numa rápida decisão, não sendo verdade que esteja marcada a data de 3 Setembro para a assinatura do contrato, podendo acontecer que tal suceda mesmo antes desse dia. João Santos informou o «DL» de que na reunião de hoje poderá ser tomada uma qualquer decisão que faça apressar o processo.

### FC Porto inscreveu Futre

**«Até que se vença o prazo em que o Atlético de Madrid nos deve pagar a primeira parte da quantia da transferência o Futre é nosso jogador e, esse prazo só expira no dia 23 do corrente. Por isso inscrevemos o jogador na Federação Portuguesa de Futebol e na UEFA.»**

Estas as afirmações produzidas em Barcelona — onde os «dragões» se estreiam esta noite frente ao «Barça» para o torneio Juan Gamper no qual também participam o Ajax e o Bayern — pelo presidente portista Jorge Nuno Pinto da Costa.

### Jesus Gil esclarece

Jesus Gil y Gil, presidente do Atlético de Madrid, afirmou que **o pagamento** do dinheiro ainda em dívida ao FC Porto pelo custo da transferência de Paulo Futre **está apenas dependente da autorização do ministro dos Negócios Estrangeiros.**

Conforme declarações de Jesus Gil à agência EFE **«já foi entregue a restante documentação necessária para ser concedida autorização para o envio do dinheiro, que, de resto, já se encontra disponível há algum tempo».**

Comentando as declarações dos dirigentes do FC Porto, segundo as quais o clube português ainda não recebera o dinheiro e que não enviaria para Madrid o passe internacional de Futre, enquanto a dívida não fosse saldada, Jesus Gil afirmou que tudo resulta de um certo desconhecimento da matéria de facto: **«Eles ignoram os trâmites legais necessários em Espanha para enviar para o exterior uma tal quantidade de dinheiro.**

**Mas espero que tudo se normalizará a muito curto prazo».**

●

Entretanto, à hora em que estamos a fechar esta edição, chega-nos a notícia de que a letra de câmbio de 100 milhões de pesetas (primeira prestação) já está depositada num banco espanhol para cobrança, tendo a Federação Espanhola já dado instruções à Direcção-Geral de Transacções Externas para autorizar a saída daquela verba.

### Multas federativas

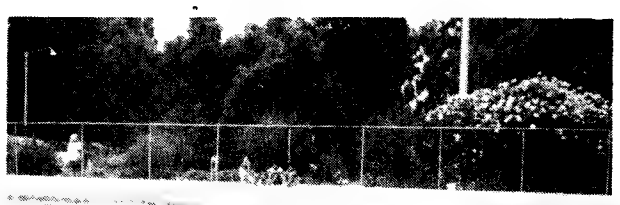
Por infracções ao Regulamento Disciplinar, a FPF aplicou as seguintes multas que «contemplaram» o Varzim, Farense, Lusitânia e Sporting:

Varzim Sport Clube cinquenta mil escudos e, ainda, condenado a pagar as indemnizações de 10 000$00, cada, ao Clube União Micaelense e ao Clube Futebol Vasco da Gama; Sporting Clube Farense com trinta mil escudos: Lusitânia Futebol Clube com as indemnizações de 80 000$00 e 20 875$00, correspondentes aos danos causados no Campo Marcolino de Castro e às despesas médicas e outras sofridas por um fiscal de linha, respectivamente, acrescida de 10 100$00, por virtude de distúrbios verificados e Sporting Clube de Portugal com a indemnização de cinquenta mil escudos.

### Marroquino para o Penafiel

O FC Penafiel contratou o defesa internacional da selecção de Marrocos que actuou no México, Biaz, que vem colmatar as carências defensivas da turma de Penafiel – disse um dirigente do clube, que acrescentou estar «praticamente posta de parte» a hipótese de contratação do central Amaral, internacional brasileiro que actuou no mundial da Argentina.

**«Depois de Djão e agora de Biaz, o Penafiel completa o lote dos 25 jogadores considerados necessários para a campanha da primeira divisão de 1987/88»,** salientou o mesmo dirigente.



## Actividade desportiva da CML

Aproveitando a pausa entre os Jogos Lusíadas e os II Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa e tendo em vista o aproveitamento dos tempos livres dos jovens, o Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, liderado pelo vereador dr. Vítor Gonçalves e com total empenhamento e dedicação dos funcionários do sector que tem no professor Mário Silva, o «homem forte», vem desenvolvendo diversas manifestações desportivas, com destaque para a intensa actividade dos filhos dos funcionários da autarquia. Na foto os «golfinhos» ensaiam as primeiras braçadas.

## Benfica Águia: inconformismo

O Benfica Águia, clube da ilha de S. Miguel, nos Açores, anunciou hoje que vai apresentar recurso ao Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol da decisão que impede a sua equipa de disputar o próximo campeonato nacional da terceira divisão.

O Benfica Águia, uma equipa da cidade da Ribeira Grande, tornou-se na última época, campeão açoriano de futebol, ficando por isso habilitado a disputar os nacionais, mas a decisão (recente) federativa de aumentar o número de equipas que disputam os nacionais fez com que o Praiense da ilha Terceira, que havia sido despromovido na última época, se mantivesse na 3.ª divisão.

## Fórmula Um: "GP" da Austria na "corda bamba"

Jean Marie Balestre, (presidente da Federação Automóvel Internacional) garantiu, em declarações à rádio francesa, que **«se a segurança não for melhorada não haverá mais grande prémio da Áustria».**

**«Chegou a hora de fazer um ultimato»** — sublinhou Balestre.

O Grande Prémio da Áustria, ganho domingo pelo britânico Nigel Mansell, da Williams ficou marcado por uma série de acidentes, ates e durante a competição.

**«Temos 21 candidatos para um calendário que comporta 16 grandes prémios. Escolheremos os melhores do ponto de vista de segurança e organização»** — referiu o presidente da FIA, num último aviso aos responsáveis pela prova austríaca.

Balestre adiantou que tinha advertido os organizadores de que deveriam efectuar melhoramentos no piso do circuito de Oesterreichring, gravemente afectado pelo rigoroso Inverno, mas que as indicações e os conselhos da FIA não tinham sido completamente cumpridos.

O presidente da FIA criticou também o comportamento de alguns pilotos, que se queixam por tudo e por nada. **«Dá-se demasiada importância a alguns pilotos que costumam queixar-se quando os seus carros não funcionam bem»** — concluiu Jean Marie Balestre.

## Recorde da Mancha

O neozelandês Philip Rush, atravessou o Canal da Mancha em tempo recorde, ao nadar os 30 quilómetros que separam a Inglaterra da França em 7 horas e 55 minutos.

Após um breve período de repouso, Rush (de 23 anos) lançou-se novamente à água, em direcção a Dover, já que é sua intenção bater igualmente o recorde da travessia em sentido contrário.

O nadador neozelandês pretende também melhorar o recorde da tripla travessia da Mancha, fixado actualmente em 38 horas e 27 minutos.

## Óbito no motociclismo

O alemão-federal Klaus Klein faleceu na sequência de um acidente ocorrido logo no início do Grande Prémio de Fórmula Um em Motociclismo disputado em Belfast.

Klein (33 anos) encontrava-se na 5.ª posição quando perdeu o controlo da sua moto Yamaha no início da segunda volta, derrapou, saiu da pista e foi arrastado na relva durante muitos metros.

A corrida foi cancelada quando os 10 primeiros da prova se recusaram a prosseguir.



*Lá como cá*

# ASSOCIAÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO QUEREM PRESIDENTE NA RUA

Os dirigentes de 22 federações das 26 existentes no Brasil decidiram exigir a renúncia do presidente e do vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Octávio Pinto Guimarães e Nabi Abi Chedid, respectivamente.

A informação é vinculada pelo jornal «O Globo», do Rio de Janeiro, que adiante consideraram aquelas federações que os dirigentes cuja demissão exigem **«são responsáveis pela crise que se abate sobre o futebol do país»**.

Segundo o mesmo periódico, Pinto Guimarães e Abi Chedid provocaram a crise do futebol brasileiro a partir da sua tomada de posse nos cargos que hoje ocupam, em Janeiro de 1985, após terem ganho as eleições por apenas um voto de vantagem sobre o candidato oficial, Medrado Dias.

Os dirigentes que apoiaram a candidatura à chefia da CBF de Guimarães e de Abi Chedid são os mesmos que agora exigem a sua renúncia e anunciam a convocatória de uma assembleia geral para eleger os seus substitutos.

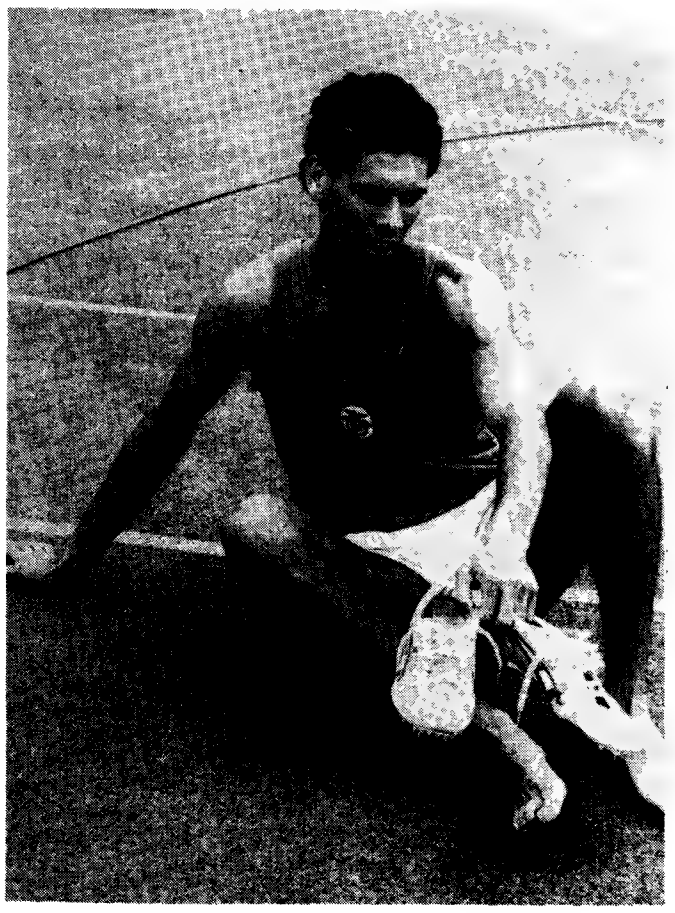
Segundo os regulamentos da CFB, no caso de se concretizar a renúncia, o segundo vice-presidente, Domingos Leal, ocupará a presidência.

Os opositores garantem, também, que, no caso de Guimarães e Chedid recusarem demitir-se, recorrerão aos tribunais judiciais comuns para impedir que os dois dirigentes se mantenham em funções.

A eleição da actual cúpula da CBF ocorreu após eleições muito disputadas, nas quais se especulou, inclusive com a compra de votos por dezenas de milhares de dólares e com os compromissos estabelecidos com os eleitores.

Esses compromissos foram principalmente a ampliação para 44 do número de clubes participantes no campeonato brasileiro de futebol, o que provocou dificuldades várias, e a convocatória de jogadores para a selecção nacional.

Todavia não foram cumpridas as promessas feitas às federações regionais e os presidentes das mesmas cedo demonstraram a sua oposição aos dirigentes máximos da CBF, agravada pelas disputas internas entre Octávio Guimarães e Abi Chedid.



# Barrigana e Ana Morais são os "mais completos"

*Paulo Barrigana (Benfica) e Ana Morais (Sporting) foram os atletas mais em evidência durante os campeonatos de Portugal de provas combinadas, vencendo, respectivamente, o decatlo (6465 pontos) e o heptatlo (4403 pontos). Seguiram-se, na pauta classificativa:* **decatlo***: Joaquim Carvalho (Sporting) com 6171 pontos e Pompeu Castro (Boavista) com 6070.* **heptatlo***: Maria João Fonseca (CIPA) com 4247 pontos e Susana Lemos (Boavista) com 4121*

## Na sua agenda

### I Raid pedestre em areia entre Tróia e Melides

O concelho de Grândola vai viver, no próximo dia 23 uma iniciativa desportiva e de convívio que constitui um acontecimento praticamente inédito no nosso país. Trata-se do I Raid Pedestre em areia no percurso costeiro que liga Tróia e Melides.

Este estilo de competição é pouco conhecido em Portugal, mas o número de inscrições é já bastante significativo da adesão que suscitou esta iniciativa da Câmara Municipal de Grândola.

De acordo com o esquema previsto para este I Raid Pedestre, os concorrentes vão concentrar-se, no dia 23, às 7.30 horas, junto ao Clube Náutico de Tróia, sendo a partida dada às 8 horas. O controlo final da prova fechará às 18 horas, hora em que serão recolhidos todos os concorrentes.

### Motonáutica: «Prémio Ibérico» da Praia da Rocha

A Associação Naval Infante de Sagres, organiza a 29 e 30 de Agosto o Grande Prémio Ibérico de Motonáutica, na Praia da Rocha, com uma presença de meia centena de concorrentes portugueses e espanhóis.

A organização conta com o apoio de várias empresas com representação na região algarvia, a que se associam entre outros organismos, a Federação Portuguesa de Motonáutica, região de Turismo do Algarve e Câmara de Portimão.

As provas disputar-se-ão em três «mãos» numa configuração triangular abrangendo a distância de uma milha marítima no ante-porto de Portimão, estando assente a participação de embarcações das classes «02 mil», que é considerada a mais espectacular, «S 850», «T 850», «T 750» e «Tn».

No último dia decorrerá no período de intervalo entre a segunda e terceira largadas uma sessão demonstrativa de «Sky» e «Para Sailing» que fará parte de um festival que inclui também uma prova de canoagem integrada no campeonato regional de velocidade.

### Saltos para a água na piscina de Torres Novas

Organizado pelo Clube de Natação de Torres Novas e com o patrocínio da federação da modalidade, realiza-se, a partir das 10 horas do próximo domingo, o torneio de abertura de saltos para a água, que terá lugar na piscina daquela localidade.

# SEIXALÍADA: EVOLUÇÃO NA CONTINUIDADE

Após um ano de interregno — para «limar determinadas arestas» — eis que a Seixalíada regressa com a força que a notabilizou como uma das mais participadas manifestações desportivas que se realizam por terra lusa.

A V edição terá o seu começo no próximo dia 18 de Setembro e prolongar-se-á até 11 de Outubro, com 25 modalidades em evolução por todo o concelho do Seixal, prevendo-se a inscrição de mais de dez mil atletas.

Trata-se sem dúvida de um acontecimento do maior interesse, visando, como ponto principal, a ocupação dos tempos livres da população e promover o gosto pela prática desportiva. Estes «Jogos Concelhios do Seixal» constituem o expoente máximo da actividade desportiva popular e terão o patrocínio de todas as juntas de freguesia e outras estruturas.

Recorde-se que em 1982 participaram 166 equipas e 1370 atletas, em 1983, 446 equipas e 4376 atletas; em 1984, 743 equipas e 9042 etletas para, finalmente, em 1985, estarem presentes 1034 equipas num total de 11 417 atletas. Estes números evidenciam, de forma inquestionável, o interesse e adesão tida pela população a tão grada e louvável iniciativa.

A organização da **SEIXALÍADA** é do Pelouro de Desporto da autarquia, liderada pelo dinâmico presidente Eufrásio Filipe cabendo ao seu assessor Jorge Araújo toda a coordenação.

Durante três semanas, teremos no populoso concelho seixalense uma gigantesca manifestação popular, colocando milhares de jovens (e outros) a correr, saltar, remar, nadar. Foi assim nas anteriores edições (e nunca a edilidade do Seixal contou com qualquer tipo de apoio estatal) e, tudo indica, a avaliar pelas informações que o «DL» recolheu junto de Jorge Araújo, que a Seixalíada, teimará em avançar como uma autêntica forma de cultura.

Refira-se que as inscrições para participar naquelas competições encontram-se abertas nos serviços da CM Seixal — Pelouro de Desporto até ao próximo dia 4 de Setembro.

A Seixalíada aí está de regresso. Saúde-se o facto.

1987
de 18 de Setembro a 11 de Outubro

**5ª seixalíada**
**JOGOS CONCELHIOS DO SEIXAL**

## Modalidades

### Andebol: ABC já «trabalha»

O Académico de Braga, campeão nacional de andebol da I divisão, iniciou os seus trabalhos de preparação com vista à temporada que se inicia no dia 12 de Setembro.

Como novidades para a nova época, o ABC apresenta **Armando Jorge** (ex-FC Porto), **Rui Santos** (ex-Ac. S. Mamede) e o búlgaro **Marinov.**

Do plantel da última temporada transitam quase todos os elementos com excepção de Luzia, que assinou pelo Benfica, e Rui Ferreira que foi para o Sporting.

António Cunha continua como treinador principal da equipa, auxiliado por Artur Passos, uma dupla que na época passada levou o ABC à vitória no «nacional» da I Divisão.

O primeiro treino da equipa realizou-se no Pavilhão Flávio Sá Leite, onde aliás vão decorrer outros até ao dia 28, para no dia 29 e 30 o Académico participar num torneio em Vigo (Espanha) e em 5/6 de Setembro organizar em Braga um torneio onde estarão presentes o Fafe, Francisco Holanda e outro clube cujo nome ainda é desconhecido.

### Canoagem: portugueses no mundial

José Garcia, José Azevedo, Eduardo Gomes e António Brinco atletas que compõem a selecção portuguesa de canoagem, partiram esta manhã para Duisburgo (RFA) onde vão participar nos campeonatos do mundo de canoagem.

Segundo fonte da Federação Portuguesa da modalidade, José Garcia vai participar em K1 500, K1 1000 e K1 10000, Eduardo Gomes e António Brinco farão K2 500 e K2 10000 e os três, conjuntamente com José Azevedo, participam em k4 500 e k4 1000.

Os campeonatos do mundo de Duisburgo, em que participa o número recorde de 49 países, assumem um importante valor competitivo após os boicotes das olimpíadas de Moscovo e de Los Angeles.

A delegação portuguesa é ainda composta pelo técnico Zdzislaw Szubski e pelo dirigente José Ferreira.

### Windsurf: portugueses eliminados

Os portugueses João Alexandre e Gonçalo Lopes foram afastados na primeira eliminatória do circuito mundial profissional de «Windsurf» que terminou domingo em La Canau (França).

O triunfo pertenceu ao australiano Barton Lynch, seguido do norte-americano Tom Curren. Em 3.º lugar classificaram-se (ex-aequo) o australiano Gleen Winton e o sul-africano Mike Burness.

Pela primeira vez participaram nesta prova surfistas femininas, tendo a vitória pertencido à sul-africana Wendy Botha.

## E P

| | T. 6 h | Min. | Prec. | As 13 h. |
|---|---|---|---|---|
| Bragança | 16 | 15 | 0.0 | P. nub. |
| V. Castelo | 17 | 16 | 0.0 | Nevoeiro |
| Vila Real | 16 | 16 | 0.0 | Limpo |
| Porto | 17 | 16 | 0.0 | Nevoeiro |
| Coimbra | 18 | 18 | 0.0 | Neblina |
| C. Carvoeiro | 18 | 18 | 0.0 | Nevoeiro |
| C. Branco | 21 | 21 | 0.0 | Neblina |
| Portalegre | 25 | 24 | 0.0 | Limpo |
| Lisboa | 20 | 20 | 0.0 | P. nub. |
| Évora | 19 | 19 | 0.0 | Limpo |
| Beja | 17 | 17 | 0.0 | Limpo |
| Faro | 23 | 23 | 0.0 | Limpo |
| Sagres | 20 | 20 | 0.0 | P. nub. |
| P. Delgada | 21 | 21 | 0.0 | M. nub. |
| Funchal | 21 | 21 | 0.0 | P. nub. |

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 29, Porto 26, Faro 30, Ponta Delgada 25, Funchal 27.

*Temperatura do ar em C • Precipitação em mm*

## N E

| | T. 7 h | Min. | As 13 h. |
|---|---|---|---|
| Madrid | 18 | 18 | Limpo |
| Londres | 17 | 16 | Neblina |
| Paris | 17 | 17 | M. nub. |
| Bruxelas | 18 | 18 | Trovoada |
| Amesterdão | 17 | 17 | Chuva |
| Genebra | 19 | 18 | M. nub. |
| Roma | 24 | 22 | Neblina |
| Oslo | 15 | 13 | M. nub. |
| Copenhaga | 16 | 15 | Neblina |
| Estocolmo | 12 | 9 | M. nub. |
| Berlim | 18 | 17 | Nevoeiro |
| Viena | 16 | 13 | Neblina |
| Varsovia | 14 | 14 | Encob. |
| Atenas | 24 | 19 | Limpo |
| Moscovo | 11 | 11 | M. nub. |

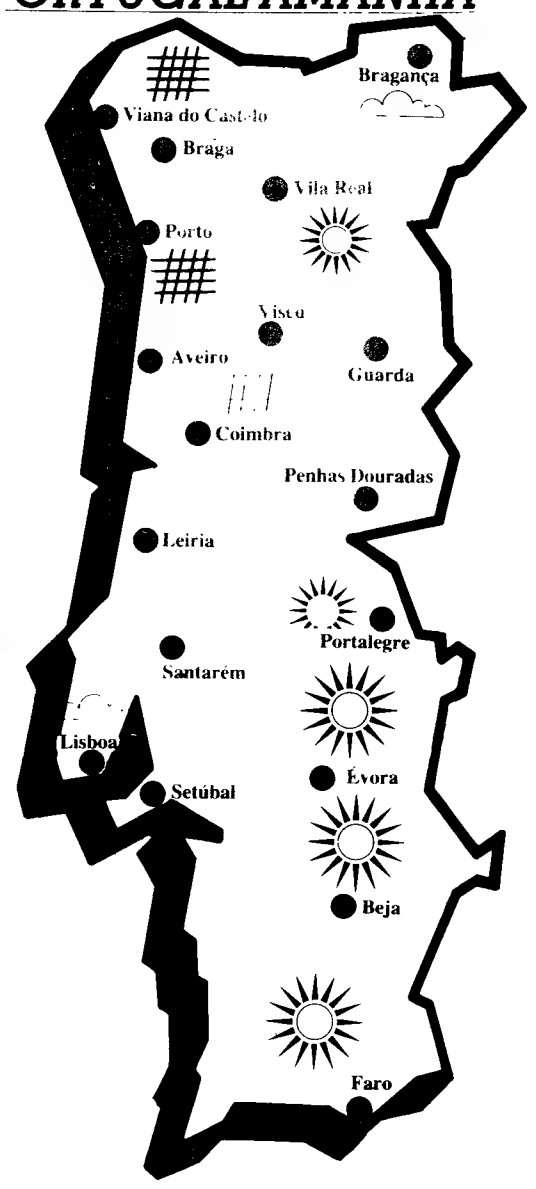
*Temperatura do ar em C • Precipitação em mm*

## N O M U N D O

| | Min. | Máx. | As 13 h. |
|---|---|---|---|
| Caracas | 18 | 27 | Nublado |
| Joanesburgo | 10 | 16 | Limpo |
| Los Angeles | 15 | 26 | Limpo |
| Montreal | 28 | 33 | Limpo |
| Nova Deli | 28 | 36 | Limpo |
| Nova Iorque | 21 | 32 | Limpo |
| R. de Janeiro | 21 | 38 | Nublado |
| S. Francisco | 13 | 24 | Limpo |
| São Paulo | 17 | 30 | Nublado |
| Tóquio | 25 | 32 | Nublado |

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

## PORTUGAL AMANHÃ




## EUROPA ÀS 6 HORAS




*• Informação da agência Lusa*

## T E M P O

### HOJE

***No Continente:***
**Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do Cabo da Roca. Vento fraco soprando moderado de noroeste durante a tarde na faixa costeira ocidental. Neblina matinal. Pequena subida de temperatura nas regiões do interior.**

***Estado do mar:***
***Costa Ocidental:*** **Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de 1 a 2 metros.**

***Costa Sul:*** **Mar encrespado. Ondulação inferior a 1 metro.**

***Nos Açores:***

**Céu geralmente muito nublado. Vento bonançoso ou moderado de oeste. Aguaceiros, especialmente nos Grupos Central e Ocidental.**

***Estado do mar:*** **Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois metros.**

***Na Madeira:***

**Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste.**

***Estado do mar:*** **Mar de pequena vaga. Ondulação de nordeste de dois a três metros.**

### AMANHÃ

**Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral oeste. Vento fraco soprando moderado de noroeste, durante a tarde, na faixa costeira ocidental. Neblina matinal.**

### DEPOIS

**Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do norte e centro. Vento fraco ou moderado do quadrante oeste. Neblina ou nevoeiro especialmente no litoral oeste. Pequena descida de temperatura em especial no norte e centro. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nas regiões do norte e centro.**

### MARÉS

**Hoje**

| Praia-Mar | | Baixa-Mar | |
|---|---|---|---|
| 11.27 | 3,1 m | 4.39 | 1,9 m |
| 24.12 | 3,0 m | 17.42 | 1,9 m |

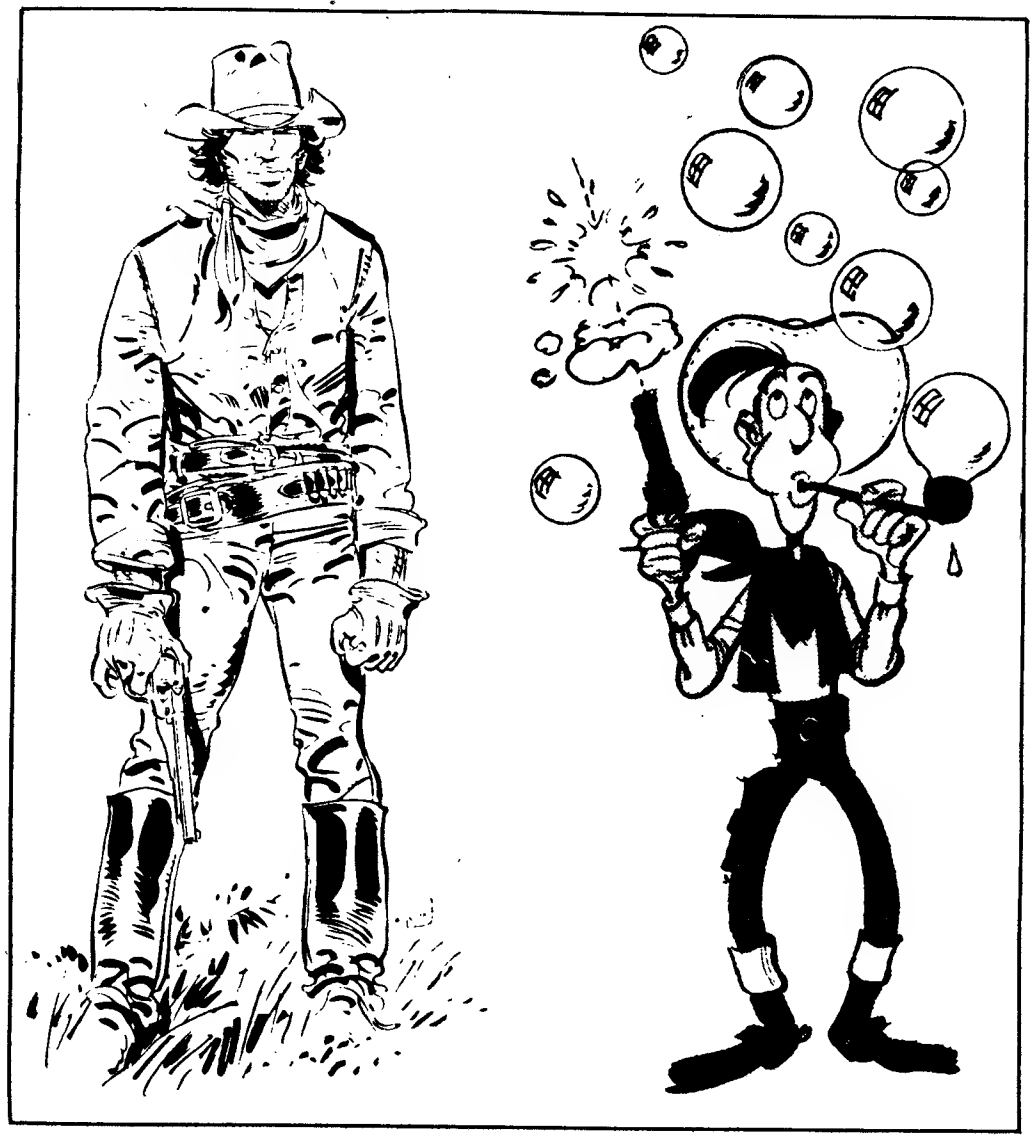
**Amanhã**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 12.47 | 3,2 m | 6.02 | 1,9 m |
| | | 18.59 | 1,8 m |

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

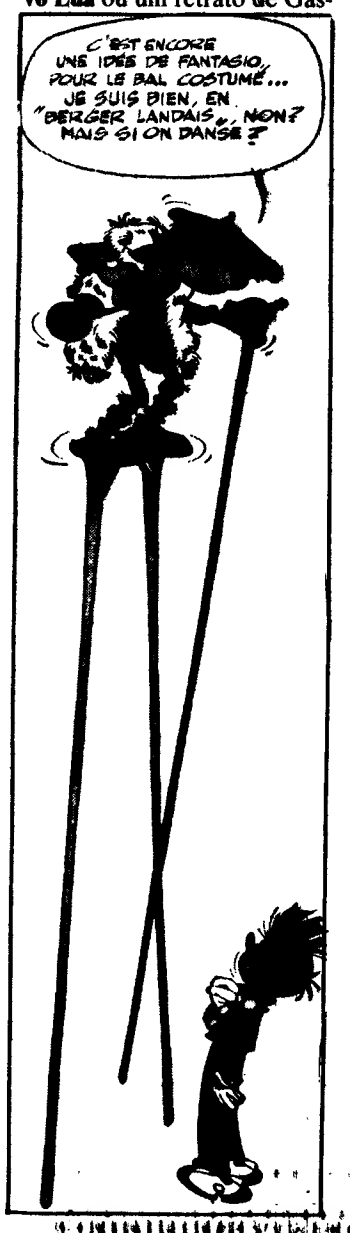
# BANDA DESENHADA: ACABOU A IDADE DE OURO

**Num clima de crise generalizada da actividade editorial, os amadores de Banda Desenhada oscilam entre a serenidade e a inquietação. Claro que no panorama literário a venda dos álbuns da «9.ª arte» ainda pode suscitar invejas: autores como Pratt, Manara, Bilal, Bourgeon ou Margerin superam facilmente em França os 100 mil exemplares, sem falar nos grandes clássicos, como Tintin, Astérix e alguns outros cuja venda se cifra em milhões de exemplares por ano.**



Mas já lá vão os tempos em que tudo era permitido aos editores. Segundo estatísticas dos livreiros, foi em 1983 que a Banda Desenhada editada em França conheceu o seu período mais difícil, com uma forte baixa da produção e do número de exemplares vendidos. Depois, fez-se sentir uma lenta recuperação. Em 1985, com um volume de negócios da ordem dos 337 milhões de francos (cerca de 8 milhões e 88 mil contos), registou-se um ligeiro aumento relativamente a 1984. O número de novos lançamentos está agora estabilizado (perto de 600 títulos por ano).

Os livreiros constatam, no entanto, que à margem da BD propriamente dita floresce um negócio crescente: o mercado das serigafias, cartazes e outros objectos-feitiços que visa sobretudo os leitores fanáticos, prontos a investir quantias importantes para possuir uma maqueta do foguetão inventado por Herge no **Objectivo Lua** ou um retrato de Gaston Lagaffe assinado pelo seu criador.




Apesar dos preços, este mercado paralelo representa hoje entre um quarto e um terço das vendas de certas livrarias especializadas. Há quem veja nisto um sinal da popularidade da BD mas não falta quem se preocupe com esta deslocação de vendas prejudicial aos álbuns. Louis Gérard, director da editora Casterman, dá um bom resumo da situação: «A BD, conheceu dez anos extraordinários, durante os quais foi reconhecida como cultura. Essa época está a terminar».

Contudo, mais do que a uma verdadeira crise, aquilo a que hoje se assiste é um alinhamento das publicações de Banda Desenhada pelas regras e formas da edição em geral. Predomina agora a gestão e não a paixão, com os colossos editoriais em posição dominante: Hahcette, Ampère, Gallimard, etc. compram e absorvem as pequenas editoras, que vão suportando com grande dificuldade a concorrências das estruturas maiores.

Uma das novidades desta reestruturação é o aparecimeno de BD em formato de bolso, lançada recentemente por **J'ai lu.** Triplicando a venda de um álbum tradicional, o livro de bolso alarga consideravelmente a difusão da BD, dada a modicidade do seu preço. A experiência, no entanto, só tem contemplado títulos que já foram «best-sellers» em grande formato.

### Leitores «velhos»

É claro que aos puristas não agradam estas readaptações dos álbuns, apesar de efectuadas com o acordo e sob o controlo dos autores. Mas não é a eles que se dirigem os promotores de «J'ai lu-BD»: o seu objectivo é atrair um novo público, o dos quiosques das estações e dos supermercados. O concorrente da BD de bolso é menos o álbum do que o livro policial ou o magazine ilustrado que se compra para ler na praia. Confiantes no futuro deste novo mercado, vários editores vão lançar-se na aventura. Em França, por exemplo, o «Livre de Poche», que beneficia dos fundos do grupo Hachette, e ainda Dargaud, que anuncia para breve a colecção «Multipoche».

Por outro lado, este aumento da difusão não consegue disfarçar os problemas de criação que a Banda Desenhada actualmente conhece. Há jovens autores, mas já não se dirigem... aos jovens, outrora o público natural da Banda Desenhada. Segundo um estudo efectuado por Dargaud, um terço dos leitores de BD têm hoje entre vinte e trinta e cinco anos. Leitores com idades compreendidas entre os seis e os dez, e entre os onze e os dezanove anos constituem apenas um quarto da totalidade do público, e o fosso entre a BD «adulta» e a infantil alarga-se cada vez mais.

«Esquecemos a nossa origem», constata com pena Louis Gérard, director editorial da Casa Casterman. «A BD arrisca-se a vir a ser rapidamente uma leituira para a terceira idade. cada vez é mais difícil encontrar autores capazes de contar histórias simples».

### Jornais infantis afundam-se

Outra preocupação para os editores é o futuro sombrio que parece prometido à imprensa de Banda Desenhada. Os jornais infantis sofrem a concorrência do audiovisual e já não realizam os fabulosos resultados de há uns anos atrás. **Mickey,** com uma tiragem de 300 mil exemplares, perdeu 50 mil leitores entre 1983 e 1985. A longa distância situa-se o **Journal de Tintin,** que não tira mais do que 35 mil exemplares.

É verdade que no que diz respeito aos magazines para adultos a situação não é mais brilhante: para a maioria dos títulos, as vendas situam-se entre 40 e 60 mil exemplares, e um título prestigiado, como **Métal Hurlant,** publica este Verão o seu último número, já que no ano em curso as suas vendas se limitarem a vinte cinco mil exemplares. Lançado em 1975, **Métal** era na época, explica o seu chefe de redacção, «um registador de culturas marginais. Mas a BD, o «rock», a ficção científica e o fantástico conquistaram direito de cidadania e possuem hoje a sua imprensa especializada. O estilo **Métal** diluiu-se e foi recuperado».

Outro problema que se põe aos magazines de Banda Desenhada é o da pré-publicação dos álbuns em séries de episódios. As séries já não gazam dos favores do público. De início, o álbum não era a primeira preocupação dos autores. Os magazines publicavam a história em séries e os álbuns recolhiam-na depois. Pouco a pouco, os jornais transformaram-se em derivados dos álbuns. E na verdade porque é que um leitor há-de comprar duas vezes a mesma coisa?

Dois títulos, no entanto, parecem escapar ao marasmo:

**L'Echo des Savanes** e 2Fluide glacial. É verdade que o primeiro está longe de ser um simples magazine de BD. Quanto a **Fluide,** vende 100 mil exemplares todos os meses. Para o seu fundador,Jacques Diamant, o humor é a chave do êxito: «Quem lê BD talvez só procure nela distração. As pessoas compram **Fluide** para se divertir.»

### A imprensa contra-ataca

Para escapar a uma condenação que se afigura inapelável, os seus confrades parecem decididos a reagir. Todos ou quase todos preparam uma renovação das suas fórmulas: «A nossa publicação vai fazer dez anos. É a altura de pensar no futuro», confessa Jean-Paul Mougin, chefe de redacção de **A Suivre.** Dargaud, após o infeliz matrimónio de dois títulos em declínio (**Pilote** e **Charlie**), prepara-se para lançar em Novembro «um magazine inteiramente novo» que ultrapassa o âmbito estrito da BD. Spirou, por seu lado, anuncia um «reajustamento», enquanto **Picsou-Magazine** vai atirar-se de cabeça às histórias de «rockers».

A verdade é que os editores não desejam renunciar à imprensa. Eles sabem bem que os autores estão estreitamente ligados aos magazines, quanto mais não seja por constituírem um modo de remuneração mais seguro do que hipotéticos direitos de autor.

«Em larga medida, a BD contou sempre com o apoio da imprensa», recorda Louis Gérard. «Se perdêssemos a nossa conivência com a imprensa, era o futuro que perdíamos». Tintin, repórter do **Petiti vingtième,** não teria dito outra coisa.

### Boom no Oriente

Na Indonésia, no Japão ou nas Filipinas, a Banda Desenhada francesa e belga conhce actualmente um êxito sem precedentes. Os meninos de olhos em amêndoa adormecem a sonhar com as aventuras de **Fantômette,** dos Seis companheiros e com paisagens de neve. O cúmulo do exotismo, por exemplo, em Dajkarta, onde as temperaturas médias rondam os 37 graus à sombra.

Tudo começou, como não podia deixar de ser, com a aparição nas livrarias, por volta de 1975, de um jovem aventureiro ocidental envergando umas curiosas calças à golfe. As suas aventuras começaram por ser reproduzidas em 3 500 exemplares, e hoje as tiragens médias das histórias em que Tintin aparece atingem, em cada um dos países acima referidos, as 300 mil cópias.

Perante o entusiasmo suscitado pelos heróis aos quadinhos do Ocidente, as autoridades oscilam entre a compreensão e a desconfiança. Na Indonésia, por exemplo, que é um país com 90 por cento demuçulmanos, os mais conservadores estão longe de apreciar que as crianças tomem por modelo o capitão Haddock e a sua eterna garrafa de «wisky». Outros temem o desaparecimento das lendas e dos mitos locais em proveito de uma cultura importada. E convenhamos que têm boas razões para isso.

# HÁ JÁ CÁ JAZZ

José Duarte

A segunda semana do «Jazz em Agosto 87» foi planeada pela Gulbenkian (ACARTE) para músicos portugueses. A decisão foi absolutamente certa e muito bem aceite pelo público que acorreu em quantidades apreciáveis ebateu muitas palmas. O público português de jazz, aliás, é notável e mais notável o é porque é diferente todos os anos. Qualquer observador ingénuo chegaria assim à conclusão que os ouvidos para o «jazz» eram todos os anos mais, que a audiência se renovava. Puro engano puro. O público da primeira metade dos anos setenta desapareceu, o que se lhe seguiu era mais pequenino e mais velho, o desta década é mais diversificado e colorido. Uma característica, no entanto, é comum aos três e sem se conhecerem: um entusiasmo danado no capítulo das palmas. Não que o apreço pela música se revele muito durante o concerto propriamente dito, é sim no fim, a bater com as mãos umas nas outras e muito compenetradamente, escreva-se de passagem, que o sinal de aceitação e estima surge. Nunca presenciei um concerto de «jazz» em Portugal no qual o público tivesse gostado nada ou até pouco, isto partindo do princípio que o público quando bate palmas gosta. No teatro ao ar livre da Gulbenkian há razões extyramusicais fortes que justificam os aplausos algumas até mais fortes que a própria música. Por um lado o teatro é da Gulbenkian, tal como a iniciativa, o que leva muito boa gente a pressupor que, logo, a música é inevitavelmente boa, por outro lado na semana passada os músicos eram portugueses, dos nossos, coitadinhos, sim que a gente também, ou isto é só para os américas, há ali muito trabalho e jeito, há cá já «jazz»!.

Na terça Laginha (mais nove) apresentou aquilo que concebeu como uma espécie de «suite», onde os temas se sucediam em combinações de músicos sempre diversas e que acabou com a ideia musical do princípio num aliciante ternário. Não contando com os dois «encore» que o público exigiu ( o segundo teve que ser inventado a solo por Laginha com uma simpatia transbordante) os oito temas apresentados, a sua concepção e execuçãoo, foram os momentos de maior interesse musical, embora num espaço como aquele tudo o seja íntimo, delicado, de pormenor, se perca. Em compensação tudo o que é espectáculo, imediato ou algo exótico ganha proporções exageradas. Assim as percussões e João Salgueiro estiveram em primeiro plano para as atenções o que, naquele caso, era musicalmente injusto. Os temas de abertura e coda, mais «Refúgio», uma linda e difícil balada com um notável arranjo, foram os temas que me deram mais nos ouvidos.

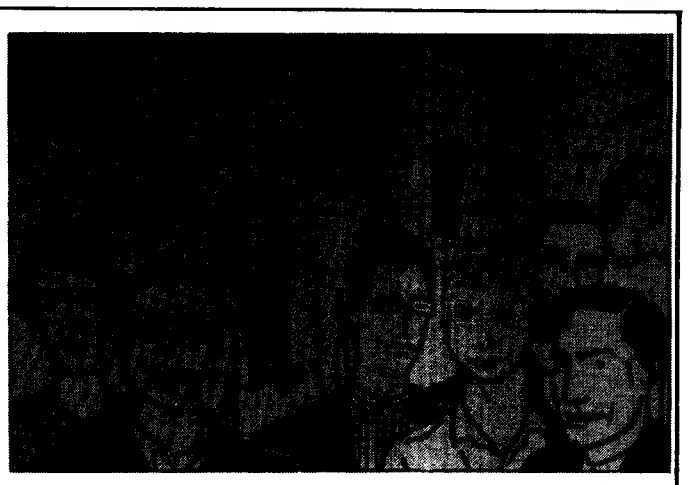
Fatalmente a figura de Mário Laginha como compositor, arranjador e solista em piano acústico foi a de maior destaque e só raramente os solos atingiram o nível musical do material escrito e ensaiado com empenhamento e sentido colectivista. A nível individual algumas foram as surpresas por revelarem progressos nos discursos, sonoridades e fraseado, em particular os casos dos saxofonistas Edgar Caramelo (mais seguro e definido) e José Nogueira (só raramente, em alto, a lembrar o mundo sonoro de Vargas), mais os dois contrabaixistas, pedro Barreiros a exibir maturidade e muita prática musical e Mário Franco, recém-chegado a este tipo de música e com largas hipóteses de futuro notável. Surpreendeu ainda o uso de guitarra eléctrica por Mário Barreiros que em breve irá mostrar para que serve esse incrível «sampler», máquina de reprodução de gravações em «disquette» que usará como novo apoio rítmico, e o uso de saxofone soprano curvo por Caramelo, um músico que ganha um lugar entre os melhores sopradores, ao lado de Nogueira, Martins e Jorge reis que, embora anunciado, não alinhou na frente de sopros.

Na quinta apresentou-se em palco o trio Shish, reforçado na segunda parte do concerto por Zíngaro ao violino. Tal como em certos momentos da actuação da banda de Laginha, aqui a influência das modas sonoras ultrapassadas da Europa Central foi dominante, obsessiva, permanente. À música apresentada falta-lhe duas características para se aproximar duma opção interessante: emoção e/ou energia. Falta-lhe não, não tem, por decisão dos músicos e talvez por sua incapacidade. Pontualmente a atenção foi despertada por uma ou outra passagem de paulo Curado em soprano e pelo tecnicismo brilhante de José peixoto à viola, aliás um compositor curioso, rebuscado, fechado. Só quando tudo estava quase a acabar é que surgiu uma ponta de vivacidade com o último tema («Quinta das Torrinhas») e com o «encore«(!) «Voo».

Sabe-se de como tudo o que é chato não presta, embora se saiba também que nem tudo o que não é chato não presta, embora se saiba também que nem tudo o que não é chato presta, ou seja, há pouca música que presta.

E por que é que será que certa área de pessoas insiste na moda bacoca do termo prestação para designar, por exemplo, hora e meia de música num palco? Será influência da venda a prestações?

Deve ser.



*Mário Laginha Decateto*

*Shish + Carlos Zíngaro*

# Miss Visage 87 é Carla Alexandra: o título ficou na Costa de Caparica

Uma jovem de 16 anos, Carla Alexandra, transformou-se da noite para o dia em «Miss Visage 87», após aturado despique que envolveu, na final, outras 11 jovens e indiscutíveis beldades. Para trás, nas eliminatórias, tinham ficado três dúzias de esperançadas concorrentes.

A seguir à nova miss, classificaram-se como 1ª e 2ª damas de honor, respectivamente, Ana Rosa (19 anos) e Eugénia Gabriela (17), ambas estudantes, aliás como a Carla Alexandra, residente na Caparica, onde decorreu o concurso, uma vez mais promovido pela Discoteca Visage e sob a superior orientação do colunista social Carlos Castro.

O júri, que suou as estopinhas para chegar à conclusão de quem eram as mais belas, classificou ainda mais duas finalistas: a Maria João (17 anos) como miss Simpatia e a Helena Cristina (a mesma idade) na qualidade de miss Fotogenia.

O público que enchia «até aos barrotes» a popular discoteca da Costa, na maioria jovem mas com apreciáveis franjas de idades as mais variadas, portou-se á altura do acontecimento: aplaudiu, pateou, divertiu-se em suma, que o caso não era nem para mais nem para menos.

Gente conhecida no júri e na apresentação dos desfiles (traje da Madeira, de noite e de banho): Ana Zanatti, Carlos Ventura Martins, Luís e Xana Norton de Matos, Helena Ramos, Manuel Luís Goucha, Rosa Vieira, e muitos etecéteras.

Uma palavra para os costureiros Augustus, Alberto Higino, Maria Armanda, Jorge Villani, Paulo Matos e Opium, que vestiram as concorrentes (fatos de noite) com muito gosto. Ente as várias fases, actuaram o Duo Nevada e o jovem e estreante Tó Carlos.

A coreografia e selecção músical foram da responsabilidade do incansável Carlos Castro (afinal o grande motor de todo o concurso), com a assistência de Luís Salgado e de Vera e Margarida Martins.


**Percurso – Arquitectura, Desenho e Planeamento, CRL**

Certifico para efeitos de publicação que me foi exibido um livro de actas da sociedade em epígrafe, e com sede no Largo de Santos, número treze, primeiro andar, em Lisboa, com o capital social de cinquenta mil escudos, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número cinquenta e três mil e cinquenta e oito a folhas cento e noventa e nove do livro C – cento e trinta e dois, portadora do Cartão de pessoa colectiva com o número 500821445, e que a folhas vinte e duas desse mesmo livro consta uma acta com o número vinte e três da reunião da Assembleia Geral realizada em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e oitenta e seis, e na qual foi proposta a seguinte ordem de trabalho.

Eleição dos Corpos Sociais para mil novecentos e oitenta e sete.

Plano e Orçamento para mil novecentos e oitenta e sete.

Passou-se à discussão do primeiro ponto de ordem de trabalhos.

ELEIÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS – TENDO sido eleitos os membros abaixo indicados para os cargos seguintes:

I DIRECÇÃO: – Presidente – Eduardo João Alves Miguel Martins.

SECRETÁRIO: Abel Fernando Fonseca do Nascimento.

TESOUREIRO: Nuno Domingos Pereira Xavier.

II – CONSELHO FISCAL: Presidente – António Valdemar Martins de Oliveira;

SECRETÁRIOS: Fernando Jorge Dias da Cruz e Fernando Manuel Monteiro Figueira.

III – MESA DA ASSEMBLEIA GERAL: Presidente – Luís Manuel Biscaia Roda Reis.

SECRETÁRIOS: António Manuel Alves Miguel Martins e Isabel Nunes Biscaia

Está conforme. Lisboa Vigésimo Primeiro Cartório Notarial de Lisboa, dezassete de Julho de mil novecentos e oitenta e sete.

**A Ajudante**
**(Ilegível)**

**«DL» – 18/8/1987**



novo grupo apresenta

CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

**Interpretação**
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

**APOIO DIÁRIO DE LISBOA**

**Quintas e Sextas e Sábados às 21.30**
**Domingos - Matinée às 16 h**

TEATRO ABERTO

APOIOS: ALFWA ET OMEGA-T.L.R.-DATA GENERAL-DESCONTA-RANK XEROX

COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

# CINEMAS

**Uma cena do filme «Amor de Rastos» realizado por Jacques Rivette com a interpretação de Jane Birkin, Géraldine Chaplin, André Dussollier e Jean-Pierre Kalfon. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto**

## Alfas Triplex

— T. 806496

**Alfa 1**

**O SEGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa 2**

**HUMILHAÇÃO**
**(maiores 18 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 3**

**REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Alfa 4**

**FILHOS DE UM DEUS MENOR**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Alfa Club**

**PRIMAS**
**(n/acons. m. 18 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 1**

**O SEGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

**Amoreiras 2**

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

**Amoreiras 3**

**HUMILHAÇÃO**
**(maiores 18 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 4**

**REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

**Amoreiras 5**

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Amoreiras 6**

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

## Apolo 70

**O NAVIO**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Avila

— T. 539930

**ACADEMIA DE POLÍCIA – IV**
**(A Patrulha do Cidadão)**
**(maiores 6 anos)**
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

## Avis

**ALDEIA DA MALANDRICE** — T. 547163
**(porno)**
**(interdito men. 18 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Berna

— T. 776098

**O SEGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Capitólio

— T. 372358

**PRISIONEIRAS DO SEXO**
**(Int. m. 18 anos)**
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## Castil

T. 530194

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Cinebolso

**AS TARDES ESCALDANTES DE UMA BURGUESIA**
**(porno)**
**(maiores 18 anos)**
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

## Cine Camões

T. 324194

**PELA NOITE DENTRO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30 e 21.30 h

## Cine 222

— T. 579460

**O CONFRONTO**
**(n/acons. m. 18 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**OS DIABOS**
**(maiores 12 anos)**
24.00 h

## Cine Portela

— T. 2524761

## Estúdio Anusha

**ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÃO**

## Estúdio Sheza

**UMA MULHER DOS DIABOS**
**(maiores 6 anos)**
15.30 e 21.30 h

## City Cine

— T. 549999

**TAXI DRIVER**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Condes

— T. 322523

**O REGRESSO DE JEDI**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Eden

— T. 320768

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Estúdio

— T. 555134

**NOVE SEMANAS E MEIA**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

## Estúdio ACS

— T. 887255

**NOITES ESCALDANTES**
**(maiores 18 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Estúdio 444

— T. 768078

**OS LOUCOS ANOS 50**
**(maiores 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Fórum Picoas

— T. 541037

**O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD**
**(n/acons. m. 13 anos)**
19.00 e 22.00 h

## Fonte Nova

— T. 7145109

**Sala 1**

**CROCODILO DUNDEE**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

**Sala 2**

**COMBOIO EM FUGA**
**(maiores 12 anos)**
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

**Sala 3**

**FILHOS DE UM DEUS MENOR**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

## Gemini

— T. 734009

**COMBOIO EM FUGA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Hollywood

— T. 806847

**Sala 1**

**A COSTA DO MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

**Sala 2**

**TRÊS AMIGOS**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

## Império

— T. 555134

**ARMA MORTIFERA**
**(maiores 12 anos)**
15.15, 18.30 e 21.30 h

## Las Vegas

— T. 631162

**Sala 1**

**TRÊS AMIGOS**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

**Sala 2**

**SELVAGEM E PERIGOSA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

## Londres

— T. 801313

**SELVAGEM E PERIGOSA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Mundial

— T. 538743

**Sala 1**

**HUMILHAÇAO**
**(maiores 18 anos)**
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

**Sala 2**

**BLUE VELVET — VELUDO AZUL**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

**Sala 3**

**PIRATAS**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

## Nimas

— T. 574362

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Odeon

— T. 326283

**TEMPOS DE GUERRA**
**(maiores 16 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Olimpia

T. 325309

**GATUNOS SEXUAIS**
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
**(Int. men. 18 anos)**

## Pathé

— 821933

**4 PUNHOS CONTRA RIO**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30 e 21.00 h

## Politeama

T. 326305

**JUSTICEIRO SOLITÁRIO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Quarteto

T. 771378

**O MELHOR DA VIDA**
**(maiores 16 anos)**
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
**O ANO DO DRAGÃO**
**(maiores 16 anos)**
23.30 h

**O REGRESSO DE JEDI**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**NOITES DE HALLOWEEN**
**(Int. m. 18 anos)**
23.45 h

**O AMOR DE RASTOS**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**CONAN – O DESTRUIDOR**
**(maiores 6 anos)**
23.45 h

**Sala 4**

**O EXPRESSO DA MEIA-NOITE**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**A LEGIÃO ESTRANGEIRA**
**(n/acons. m. 13 anos**
23.45 h

## Roma

T. 889192

**GELADO DE LIMÃO VI**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Roxy

T. 548560

**OS CARRASCOS NUNCA MORREM**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## S. Jorge

T. 579144

**Sala 1**

**O SERGREDO DO MEU SUCESSO**
**(maiores 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Sala 2**

**REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

**Sala 3**

**A COSTA DE MOSQUITO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

## 7.ª Arte

— T. 730715

**ARMA MORTÍFERA**
**(maiores 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Star

— T. 804210

**CURTO-CIRCUITO**
**(maiores 16 anos)**
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Terminal

— T. 371573

**ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

## Tivoli

— T. 570595

**HUMILHAÇÃO**
**(maiores 18 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Turim

T. 706666

**SÓ SE PERDE UMA VEZ**
**(maiores 12 anos)**
15.00, 17.30 e 21.30 h

## Xenon

T. 368480

**MULHERES DA RUA**
**(maiores 18 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Zodíaco

— T. 570151

**Exibição permanente de filmes indianos**
**(m. 13 anos)**
15.15, 18.15 e 21.30 h

## Linha de Sintra

**AMADORA — Cineteatro** — «O Fuzileiro Implacável», às 21.15 h (maiores 16 anos)
**AMADORA — Cinestúdio** — «As Primas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
**AMADORA — Babilónia** — «Arma Mortífera» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 18 anos)
**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby** — «Blue Velvet — Veludo Azul», às 21.30 h (maiores 16 anos)
**CACÉM — Cinestúdio Flores** — Encerrado para descanso do pessoal
**MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme** — «Mona Lisa», às 21.30 h (maiores 12 anos).
**ODIVELAS — Cineodivel** — «Cujo — O Novo Símbolo do Terror», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

## Linha de Cascais

**ESTORIL — Casino Estoril** — «Caminho de Fogo», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)
**ALGÉS — Cinema 2000** — «Caminho de Fogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores. 12 anos).
**LINDA-A-VELHA — Cinetropical** — «Porky's», 15.30 e 21.30 h (int. m. 13 anos)
**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «Comando», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
**Sala 2** — «Veludo Azul», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 16 anos)
**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «Academia de Polícia IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
**CASCAIS — Miramar — Sala 1** — «Três Amigos», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 6 anos)
**Sala 2** — «A Costa do Mosquito», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

## Outra Banda

**ALMADA — Academia** — «Fora dos Limites», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
**ALMADA — Cinestúdio Almada** — «Filhos de Um Deus Menor», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
**COVA DA PIEDADE — Clube Piedense** — «Subterrâneo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «Porky's», às 15.45 e 21.30 h (Int. m. 13 anos)
**Sala 2** — «Platoon — Os Bravos do Pelotão», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — Encerrado para férias.

# ENCONTROS MUSICAIS EM SINTRA

Destinados a jovens músicos de nível superior do Conservatório ou a jovens profissionais residentes ou não em Portugal, decorrem até ao próximo dia 30, em Sintra, os primeiros Encontros Musicais Nestlé.

A iniciativa, que teve início no passado domingo sob a direcção do maestro e violinista Max Rabinovitsj e de sua mulher, a pianista Elizabeth Allen, compreende classes a tempo inteiro e ainda a realização diária, no Palácio Valenças, de «master classes» abertas ao público e onde os participantes apresentarão, à sua escolha, sonatas ou concertos.

Integrados nestes encontros musicais promovidos pela Nestlé, efectuam-se no Palácio Nacional de Sintra oito concertos de música de Câmara em que actuam dois agrupamentos consagrados internacionalmente: o «Trio Da Vinci» e «Broyhill Chamber Players». Precisamente esta tarde, a partir das 18 horas, inicia-se a série de concertos, realizando-se os restantes nos dias 20, 21, 22, 25, 27, 28 e 29, com o mesmo horário.

Em relação aos agrupamentos participantes, pode dizer-se que são integrados por artistas e professores de créditos firmados. O Trio Da Vinci é formado por Max Rabinovitsj (violino), Elizabeth Allen (piano) e Donald Mccall (violoncelo); o Broyhill Chamber Players é constituido, por seu lado, pelo compositor Robert Chumbley, pianista Shirley Irek, violoncelista James Kreger, violinista Gil Morgenstern, pianista Michael Isador (todos dos EUA) e o maestro e flautista francês Philippe Bender.

*Fotografia de Luís Reis*

## EXPOSIÇÕES

CENTRO CULTURAL DE ALMODÔVAR: até 31 de Agosto, uma exposição de fotografias de Luís Reis.
CASA DE SERRALVES (Porto): exposição de obras do património do Estado, até 31 de Agosto.
VISEU: exposição itinerante de Fotografia «Prédios Velhos das Avenidas Novas»
ÓBIDOS: I Bienal Internacional de Cerâmica, até 15 de Setembro.
PORTO (Centro Regional de Artes Tradicionais): «O Barco Rabelo». Um retrato de família, até 30 de Outubro.
CONVENTO DE JESUS-LOULÉ: exposição itinerante de Manuel Filipe, até 30 de Agosto.
PALÁCIO DE D. MANUEL (Évora): III Bienal Nacional de Desenho, organizada pela Câmara Municipal de Évora.
CLUBE LAGO-MONTE ESTORIL: exposição de Pintura de Francisco Gaia, até 4 de Setembro.
JUNTA DE TURISMO DA ERICEIRA: aguarelas de Edmundo Cruz, até dia 21 de Agosto todos os dias das 14 às 24.
DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A: serigrafias & gravuras, com a representação de 100 artistas, até 7 de Setembro, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30.
GALERIA DIREFENÇA (R. S. Filipe Néri, 42): de terça a sexta entre as 15 e as 20, aos fins-de-semana das 16 às 19, o arquitecto Alcino Soutinho tem em exposicão o método de trabalho que serviu de base ao projecto dos Paços do Concelho de Matosinhos.
GALERIA DE ARTE ESPIRAL (Nova Oeiras): de segunda a domingo, patente uma colectiva com obras de Ilda Reis (gravura), Isabel Bomba (óleos), Isabel Laginhas (desenho e pintura), João Duarte (escultura), Manuela Pinheiro (óleo), Paulo Cardoso (desenho), e Vítor Belém (desenho e pintura). Até 15 de Setembro.
CHAVES (Galeria de Arte do Posto de Turismo): até 20 de Agosto, uma exposição de pintura de Espírito Santo Neves.
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 31 de Agosto, cerâmica de Eduardo Filhó, uma mostra subordinada ao tema «Os Saloios». O mesmo artista tem também patente ao público, na sala de Etnografia daquele museu, uma mostra intitulada «Um Olhar sobre Caneças». até 28 de Setembro.
GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): retrospectiva do I Ciclo de Arte Moderna Portuguesa com a participação dos artistas plásticos António Viana, Guilherme Parente, Lima Carvalho, José João Brito, Ema Berta, José Cândido, Maria Gabriel, Carlos Carreiro e Eduardo Nery. Patente até 31 de Agosto, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, sábados e domingos das 15 às 19.
MUSEU DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VITÓRIA: exposição «Mosteiro da Batalha», com fotografias de Augusto Cabrita e Vítor Figueiredo.
CENTRO CULTURAL DE S. PEDRO DE MOEL: a galeria Roca da Marinha Grande, com a colaboração da Câmara Municipal local e da Com. de Moradores de S. Pedro de Moel, apresenta uma colectiva de artistas plásticos portugueses e brasileiros, patente até 22 de Agosto, nos dias úreis das 21,30 às 23 e sábados e domingos das 18,30 às 20 e das 21,30 às 23.
GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada): mostra de serigrafia dos artistas António Carmo, Cargaleiro, Cesariny, Chichorro, Emília Nadal, Guilherme Parente, Henrique Mourato, Henrique Ruivo, Hogan, Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Jorge Marcel, José de Guimarães, Martins Pereira, Moniz Pereira, Palolo, Romualdo, Silva Palmeira e teresa Magalhães, até 28 de Agosto.
GALERIA 75: uma colectiva de Álvaro Machado, Antão Almada, António Mendes, Catarina Castel Branco, Cohen Fusé, Cruz Filipe, Fátima Melo, João Mourão, Júlio, Graça Pereira, Coutinho, Justino Alves, L. Pinto Coelho, Marta Teles, Noronha da Costa, Paulo Cordeiro, Paulo Ossião, Pedro Homem de Mello, Pedro Mathias, Rui Filipe, Rui Oliveira e Valente Alves, até 30 de Agosto.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até final de Setembro, «Estrada Marginal», tecidos de artistas e designers.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Outubro, «Desenhos de Galli Bibiena - arquitectura e cenografia».
GULBENKIAN (exposições temporárias): retrospectiva da obra de Amadeo de Souza Cardoso, comemorativa do centenário do seu nascimento e do 31º aniversário da Fundação Gulbenkian.
GALERIA BERTRAND DO CHIADO: pintura de Martha Teles, Margarida Medina, Ruibal, Dário Alves, Carlos Carreiro, Mike Felten e Nadir Afonso, entre outros. Patente até 31 de Agosto.
FORUM PICOAS: a gravura em madeira ao longo de 6 séculos. Além da história da gravura em madeira na Alemanha, contém peças originais cedidas pelo Museu de Arte Antiga e é completada com a história da gravura em Portugal de 1956 a 1987, através de originais cedidos pela Sociedade de Gravadores Portugueses. Até 31 de Agosto.
VILA NOVA DE CERVEIRA: Bienal de Artesanato até final de Agosto.
CLUBE FARENSE (Faro): exposição itinerante de Manuel Filipe até 18 de Agosto.
CASINO DO LUSO: exposição «Castro Daire-Terra e Gente», até 30 de Agosto.
GULBENKIAN (Centro Artístico Infantil): «A Fundação Gulbenkian vista pelas crianças», trabalhos de expresão plástica e literária da autoria de crianças dos 5 aos 12 anos, até 25 de Setembro.
ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO ARROIO: Colectiva com os trabalhos dos alunos de Cerâmica, Metais, Equipamento, Artes Gráficas, Desenho, Têxtil e Imagem e Comunicação, realizados no ano lectivo de 1986/87, até 9 de Outubro.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro): desenhos e guaches de Galante, até 21 de Agosto.
MUSEU DO TRAJE: retrospectiva de tapeçaria de Eduardo Nery, até 30 de Setembro.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma): até 29 de Agosto, «Terras - cerâmica portuguesa contemporânea» de Artur Jorge, Isabel Mota, Jorge Palmela, Grasiela Albino, Jorge Mealha e Mirita Ferro.
ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): Colectiva de Verão 87 com obras de Boavida Amaro, Ilda Reis, Jesus Ferreira, José Azevedo, Maria Duarte, Paulo Ossião e Ruth Tavela de Sousa. Patente de segunda a sexta das 11 às 23, até 28 de Agosto.
PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL: «Herança e Testemunho», exposição sobre o património mundial, da Comissão Nacional da Unesco, até 19 de Agosto.
GALERIA DE ARTE CAPITEL (Leiria): Colectiva com trabalhos de Alberto Miguel, Boavida Amaro, Clementina Antunes, Fernando Ançã, Hipólito Andrade e Zé Penicheiro, entre outros, até 26 de Setembro.
PALÁCIO ANJOS (Algés): artistas portugueses contemporâneos até 15 de Setembro.
IGREJA DE S. MATEUS (Albufeira): pintura decorativa-porcelanas e têxteis da autoria de Maria da Graça Mateus, até 30 de Agosto.
ÓBIDOS-SOLAR DA PRAÇA DE SANTA MARIA: Bienal Internacional de Cerâmica criativa contemporânea até 31 de Agosto.
GALERIA FORUM - VISEU: pintura de Nicolau Tudela até 23 de Agosto.
PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA: pintura sacra de João de Sousa Araújo até 30 de Setembro.
ALMANCIL-CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO: até 28 de Agosto, «Os Amantes», 74 peças de escultura de João Cutileiro.6
INSTITUTO JOSÉ DE FIGUEIREDO (R. das Janelas Verdes): até final de Setembro, todos os dias úteis das 14 às 20, a exposição subordinada ao tema «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo»
CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 6 de Setembro, pintura de Maria João Franco. Patente nos dias úteis (excepto segundas) das 9 às 12 e das 14 às 17,30, das 15 às 18 nos fins-de-semana.
POUSADA D. DINIS (Castelo de Vila Nova de Cerveira): até 10 de Setembro, uma exposição de azulejos. Tendo por tema o Alto Minho, os paineis artísticos são executados pelos artistas plásticos Ana Paula Marques, Ricardo Roque e Luís Guerreiro.
ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta 26 obras de pintura a pastel e óleo de Figueiredo Sobral. Até 8 de Setembro, das 9 às 19.
CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 29 de Outubro, duas exposições: Felícia apresenta «Além Tejo» (pintura) e Cuca tem expostos «Os Animais» (cerâmica). Patentes de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.
CASTELO DE LEIRIA: até Setembro, patente uma exposição sobre «A Talha em Portugal». Organizada pela Fundação Gulbenkian com o patrocínio da Câmara Municipal de Leiria, a mostra consta de peças em talha (algumas delas de talha dourada), fotografias e transparências e ainda de documentos sobre a evolução do fabrico de artigos em talha. Este conjunto já esteve noutras cidades europeias, Pequim e Hong-Kong.

*Serigrafia de António Araújo*

## CINEMA

FORUM PICOAS: Ciclo «Aonde vais nas férias» com o filme \O Último Ano em Marienbad» de Alain Resnais. Sessões às 19 e 22.

## MÚSICA

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: 1os. Encontros Musicais Nestlé - primeiro concerto de música de câmara com o «Trio Da Vinci» e «Broyhill Chamber Players».
GULBENKIAN (sala polivalente): work shop por Jan Garbarek Quartet com Jan Gabarek no saxofone, Eberhard Weber no contrabaixo, Lars Jannsson nas teclas e Nana Vasconcellos na percussão.
RUINAS DO CARMO: às 21,30, concerto pela orquestra sinfónica da RDP.

## Farmácias

**Lisboa — PERMANENTE — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **JERÓNIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO BENTO - PALÁCIO: São Bento**, R. Poiais de São Bento, 73 (T. 601673); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

**REFORÇO — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Calvário**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BURACA - AMADORA: Vaz Mrtins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — ALMADA: Magalhães**, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Soromenho**, R. Machado dos Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29251). Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. NNacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 oras; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2361312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Nunes**, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Permanente; **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Permanente; **Solla**, loja D, lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

**Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império**, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente; **AVEIRO: Saúde**, R. de São Sebastião, 104 (T. 22569). Permanente.

# TEATROS

### A Barraca

**R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00**

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

» **O CONDE DE NOVION**«, adaptação de Almeida Garrett. Pelo Grupo **Persona**. Encenação: Paulo Lage. Interpretação: Guilherme Filipe, Paulo Lages, Miguel Meneses, Custódia Gallego e Cristina Buero.

### Porto — Sala do Povo Portuense

**R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31**

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«**O TIO VÂNIA**«, de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

### Teatro ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 45**

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

### Teatro do Triângulo

**R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91**

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**O FÍSICO PRODIGIOSO**«, de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

### Maria Matos

**Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40**

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

### Casa do Pessoal do Porto de Santos

**R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21**

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«**AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO**«, adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

### A Comuna

**P. de Espanha — Tel. 726 08 18**

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**OS DOIS CORCUNDAS E A LUA**«, de Richard Démarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

### Teatro Galeria Monumental

**Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48**

De terça a domingo, às 21.30

«**JOGOS DE PRAIA**«, de E. A. Whitheade. Pela **Companhia das Luzes**. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Interpretação: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

**Ir à praia sem as chatices do costume e ainda por cima ver um espectáculo bem divertido, e um pouco mais do que isso.**

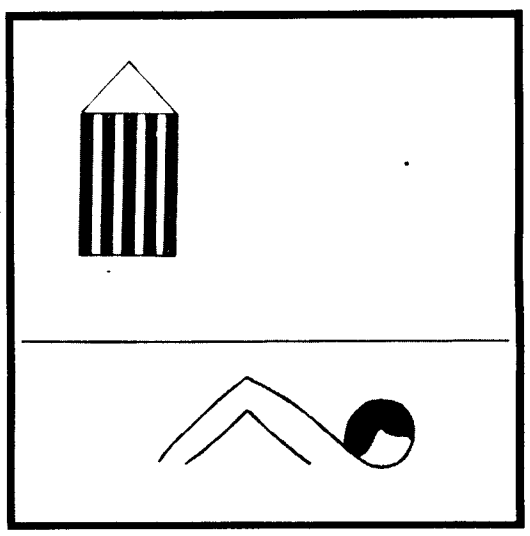
### Teatro Villaret

**Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86**

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.


**NADE ao longo das praias**

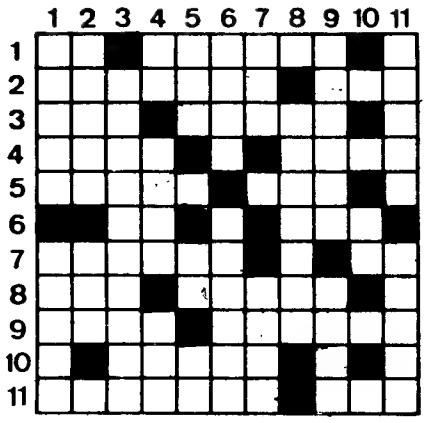



# PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17111

**HORIZONTAIS:**

1 Preposição e artigo. Mais bom.
2 Cidade da Turquia. Porto do Japão.
3 Pega. Nome de fruto.
4 Montão. Rangífer (inv).
5 Vírgulas dobradas. Conselho de Segurança Nacional (abrev).
6 Viração. Navegador português que descobriu a foz do rio Zaire.
7 Chuviscos. Sentidas condolências.
8 Ave da família dos láridas. Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
9 Alcoviteira. Aloja em tendas.
10 Cidade do Noroeste da Síria.
11 Restos mortais. Primeira das duas palavras que formam o nome de uma cidade da China.



**VERTICAIS:**

1 Estimara. Cão pernalto e esguio.
2 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Preposição.
3 Lâmpada pequena (pl).
4 Miriare. Ilha do Pequeno Belt. Fileira.
5 Letra grega. Nesse lugar. Espera deferimento.
6 Cidade do Peru. Foge do perigo.
7 Tempo do verbo haver. Tamanca (inv).
8 Ganhara ranço.
9 República da África Central. Cidade da URSS.
10 Ósmio (s.q). Artigo definido.
11 Mamífero rodeor, muito veloz na carreira. Um dos três cientistas que recebeu o Prémio Nobel da Fisiologia e Medicina em 1945.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

### N.º 17110

**HORIZONTAIS:**

1 BOI. SONSO.
2 Urso. Caraça.
3 Eliosa. Ases.
4 Al. III. Ir.
5 Miavas. Acta.
6 Val. Atoar.
7 Real. Apa.
8 Rose. Restou.
9 Ás. Eaco.
10 Pecaras.
11 Acasalara.

**VERTICAIS:**

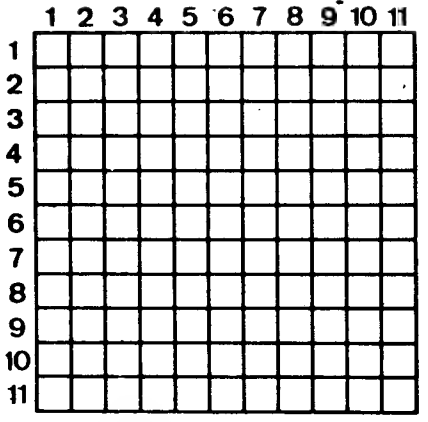
1 Bué. MARRADA.
2 Orlai. Eos.
3 Isolavas. Pã.
4 Oi! Valetes.
5 Sial. Cá.
6 Ocais. Areal.
7 Na. Apeara.
8 Sra. Atascar.
9 Oásico. Tosa.
10 CERTA.
11 Cãs. Arrumai.

**PROVÉRBIO: Boi sonso, marrada certa.**

## NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º15936

**HORIZONTAIS:**

1 Um dos gases da atmosfera. Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes.
2 Atiladas. Antes do meio-dia.
3 Sódio (s.q). Laço. Seguias.
4 Enchera (fig).
5 Li. Poisar no mar (o avião).
6 Acrescentando uma consoante é apelido do homem que foi cognominado «O Apóstolo dos Índios». Sufixo que designa abundância.
7 Carta de jogar. Gálio (s.q).
8 Segundo mês sagrado dos hebreus, que corresponde à Lua de Abril. Carregais.
9 Tardios.
10 Cobre (s.q). Imundices. Interjeição que exprime admiração.
11 Naipe das cartas de jogar. Nome de jogo.



**VERTICAIS:**

1 Dinastia que reinou na China do século XVI ao século XI, aC. Tolo, aparvalhado (prov).
2 Nome de mulher. Pequeno poema da Idade Média, narrativo ou lírico. Interjeição de dor.
3 Níquel (s.q). conselhos.
4 Ósmio (s.q). Irmão do pai. Gavinha.
5 Romance de Emílio Zola. Cidade de França.
6 Estaleiros. Rio da Sibéria.
7 Título do antigo soberano da Pérsia. Diz-se dos indivíduos que vivem em mancebia.
8 Agarrara. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
9 Ilha do Pequeno Belt. Preposição e artigo.
10 Colina na Suécia. Carta de jogar. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
11 Artigo indefinido. Verbais. Hólmio (s.q).

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

### N.º 15935

**HORIZONTAIS:**

1 Iacás. Harda.
2 Avô. Pecais.
3 Mima. Alapas.
4 Baila. Eia!
5 Dó. Erin. Rum.
6 Omar. Eme.
7 Usa. Assomar.
8 Sisa. Me.
9 Sátiras.
10 Ciaras. Domo.
11 Mo. Ao. Salas.

**VERTICAIS:**

1 **Iambo. Único.**
2 **Aviados. Im.**
3 **Comi. Massa.**
4 **Álea. Iara.**
5 **Arrastão.**
6 **Pá. Sais.**
7 **Helenes.**
8 **Acaí. Morada.**
9 **Raparem. Sol.**
10 **Dia. Am. Má.**
11 **Assumiremos.**

## Radio

**Antena Um**

**16.00**: Rocklândia; **18.00**: Regressos; **20.00**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário; **24.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**Rede Nacional-FM2 Estéreo**

**15.30**: Compositores portugueses; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Cancioneiro popular português; **17.25**: Concerto de câmara francês; **18.40**: Orquestras de câmara; **19.00**: Integrais; **19.30**: Música de bailado; **20.40**: Música, com oboé; **21.00**: A ciência e a vida; **21.20**: Pequenas obras orquestrais, de Bach, Tchaikovski, Gluck e Massenet; **21.30**: Transmissão de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP, realizado nas Ruínas do Carmo, em Lisboa; **23.15**: Obras, para violino e piano, de Kreisler, Dvorak, Glasunoff, Granados e Couperin; **00.00**: Oratória «Axion Esti», de Mikis Theodorakis; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**

**Onda Média (283, 290 e 379m)**

**14.00**: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

**15.00**: Casa da música; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**

**Canal 1-Rede Nacional de OM e FM**

**15.00**: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da Ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

**Voz do Alentejo**

**15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

**Voz do Porto**

**15.00**: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

# TELEVISÃO

RTP 1

**14.55 - Desenhos Animados**

**15.20 - Matinee**
*«O preço de cinco jogadores»*

**17.00 - Ponto por Ponto**

**18.00 - Sumário**

**18.05 - Brinca Brincando**
*«Fábulas da Floresta Verde»*

**18.30 - Espaço**
*A história da conquista do espaço contada através de várias famílias que se crfuzam e que estão envolvidas na aventura espacial*

**19.15 - Trânsito**
**20.00 - Telejornal**
**20.30 - Bolsa Dia a Dia**
**20.35 - Boletim Meteorológico**
**20.45 - A Jóia da Coroa**
*Em Mayapore prolongam-se durante a noite os protestos e as manifestações e Daphne continua sem aparecer. Enquanto Merrick a procura por toda a cidade, Daphne sente-se atraida pela escuridão dos jardins de Bibighar e pelos seus fantasmas*

**21.45 - Primeira Página**
**22.40 - Brigada Especial**
*Uma quadrilha que negoceia em droga maltrata dois dos seus passadores ao perceber que está a ser perseguida pelo S.S. Mas o destemido Anderson monta um plano para os enganar e rebentar com o bando*

**23.40 - Notícias**

RTP 2

**17.17 - Os Imigrantes**
**18.00 - Estádio**
*Campeonato da Europa de Natação*

**20.10 - Hitchcock apresenta**
*Arthur Ben Arlington está morto e no céu. A notícia é-lhe dada por um arcanjo que o informa que ele fora assassinado com uma faca de abrir cartas. Arthur, que em vida escrevia contos policiais, fica muito aborrecido por não saber quem cometera o crime. O arcanjo decuide conceder-lhe 24 horas menos cinco minutos para ele ir à Terra resolver o mistério*

**20.30 - Um Família às Direitas**
*Edith recebe um convite para fazer um filme publicitário na televisão. É a sua grande oportunidade de ficar rica e famosa. O pior são os seus princípios...*

**21.00 - Jornal das Nove**
**21.30 - Montra de Livros**
**21.35 - Cinemadois**
*«Três vezes Schnitzler»*

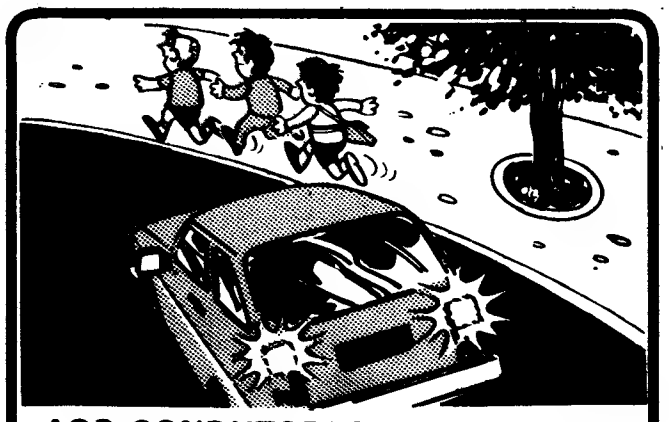
## AMANHÃ

### RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.55 - Foi Êxito na TV
14.55 - Clipomanias
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.40 - Espaço
19.25 - Ciência – Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - A Jóia da Coroa
22.05 - De Casa de Seus Pais desapareceu
00.05 - Notícias

### RTP-2

17.15 - Os Imigrantes
18.00 - Estádio
20.05 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Um Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Coração a Quanto Obrigas
22.00 - Clube de Imprensa
22.50 - Música da América

**AOS CONDUTORES**

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

**GRUNDIG** seleccionou para si...

RTP 1
22.40 - Brigada Especial

RTP 2
21.35 - Cinemadois: «Três Vezes Schnitzler»

Uma Família às Direitas

**GRUNDIG PORTUGUESA**
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 419757

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

**Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 - 2 / 3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
**DEPÓSITO LEGAL: 1426/82**

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

## ÚLTIMA HORA

A SIVA, Sociedade de Importação de Veículos Automóveis, adquiriu a maioria do capital social da empresa Volkswagen em Portugal, segundo um elemento daquele grupo financeiro português. O mesmo informador disse que o relançamento das marcas alemãs Volkswagen e Audi em Portugal, a partir de Outubro, permitirá colocar novos modelos no mercado e um mais completo reabastecimento de peças à actual rede de concessionários.

# Bispo Lefèbvre não poderá celebrar na Cova da Iria

Marcel Lefèbvre, fundador da «Fraternidade Sacerdotal Pio X», uma congregação de cariz tradicionalista da Igreja católica, oficializará as suas cerimónias religiosas num terreno alugado na área de Cova da Iria e não nos locais de culto de Fátima, por não ter sido solicitado o respectivo visto oficial ao Santuário.

O bispo francês, dissidente da Igreja Católica, que se encontra em Portugal para uma peregrinação internacional que se inicia amanhã, não poderá celebrar actos públicos nos locais de culto do santuário, como sejam a Basílica, a Capelinha das Aparições ou as capelas privadas.

António Gonçalves, responsável para a Imprensa do Santuário de Fátima, afirmou ao «DL» que os peregrinos daquela Fraternidade, bem como o bispo francês, não estão proibidos de orar no Santuário, mas Lefèbvre «não poderá presidir a nenhum acto público porque , como dissidente, está impedido pela Santa Sé de celebrar qualquer acto de fé».

«Não se trata de uma posição do Santuário, mas da Igreja. Aliás, o mesmo já lhes aconteceu na catedral de Paris. No entanto não estão impedidos de vir cá, pois ao Santuário não vêm só católicos rezar. O que não se permite é que qualquer outra Igreja celebre aqui actos de fé».

O bispo Marcel Lefèbvre não aceitou as Reformas Conciliares do Vaticano II, que autorizou que as missas fossem celebradas nas línguas modernas dos diferentes países, para que sejam entendidas pelos fiéis, e não só em latim. Desde essa altura que o bispo francês tem feito oposição às Reformas, e daí a decisão da Santa Sé de o impedir de realizar actos de fé.

# Petróleo outra vez em baixa

Continuação da pág. 1

Ontem, conhecidas a situação das reservas mundiais, o preço do barril da OPEP desceu abaixo dos 18 dólares nas operações a três meses. O crude do Dubai, marca de referência do Médio Oriente, foi transaccionado a 16.89 dólares o barril, o que representa o nível mais baixo desde Maio, e dois dólares menos do que o «pico» de 18.90 dólares, atingido há duas semanas.

«Não há nada que consiga aguentar o mercado, que está inundado de petróleo», afirmou um importador japonês.

Há ainda que registar que a produção de «crude» da OPEP, até ao corrente mês, já ultrapassou o «tecto» estabelecido por aquela organização para a segundo metade deste ano, que era de 16.6 milhões de barris por dia. A produção registada variou entre os 19 e os 20 milhões de barris/dia, o que se situa além das próprias expecativas de procura, fixadas pela OPEP em 17 milhões de barris diários.

Os mercados petrolíferos, a enfrentarem já um excesso de petróleo na Europa e nos Estados Unidos, e despertando um interesse mínimo na Ásia, estão a dar pouca atenção às preocupações com eventuais rupturas de fornecimentos do Médio Oriente, como resultado do conflito Irão–Iraque e a presença de forças navais internacionais no Golfo.

## LOTARIA POPULAR

| | |
|---|---|
| 1º—**537049** | 1 000 000$00 |
| 2º—**165480** | 250 000$00 |
| 3º—**010653** | 150 000$00 |
| 4º—**367423** | 100 000$00 |
| Terminação em **049** | 50 000$00 |
| Terminação em **480** | 10 000$00 |
| Terminação em **653** | 2 500$00 |
| Terminação em **423** | 1 000$00 |
| Terminações em **27, 28, 58 e 72** | 400$00 |

**Nota**— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

## /D/E/C/A/R/A/S/

**MAURICE BEJART**, coreógrafo francês, teve ontem o primeiro dia de ensaios com a sua nova companhia de dança, o «Bejart Ballet Lausanne», realizados num auditório de uma escola. Bejart, de 60 anos, anunciou em Junho a sua decisão de sair com a sua companhia de Bruxelas e ir para Lausanne, uma cidade de 120 mil habitantes junto ao lago de Genebra, e mudou o nome do grupo de «Ballet du Vingtième Siecle» para «Bejart Ballet Lausanne». A companhia inicia, a 28 de Setembro, uma digressãom por Espanha e sul de França. Quando regressar à Suiça, em Novembro, a companhia instalar–se-á definitivamente no «Palais de Beaulieu», um grande centro de artes e conferências e estreará, naquele espaço, uma nova obra, intitulada «Memórias de Leninegrado».

**ELIZABETH TAYLOR** disse a uma revista cosmopolita que o vício dos medicamentos e do alcool teriam contribuído para a sua morte caso não se tivesse tratado. A actriz norte–americana afirmou à revista «Of Course, Absolutely, No Question» que, devido às misturas que fazia de bebidas alcoólicas e de demerol, medicamento que utilizava para aliviar as dores da colite e sem o qual não podia passar, teria morrido.

**YASSER ARAFAT**, líder palestiniano, visitará Moscovo dentro em breve, em resposta a um convite oficial, disseram fontes palestinianas em Amã. As mesmas fontes referiram ainda que o convite soviético foi entregue ao chefe político da Organização de Libertação da palestina (OLP), Farouk Kaddoumi, quando chefiou uma delegação que se deslocou a Moscovo, em Junho. Arafat esteve pela última vez na capital soviética em 1985 para assistir ao funeral do chefe do Partido Comunista Soviético, Constantin Chernenko.

**LECH WALESA** disse que visitá este ano os Estados Unidos para participar no bicentenário da sua Constituição. «Recebi o convite com satisfação» — afirmou o galardoado com o Prémio Nobel da Paz de 1983, em entrevista concedida, domingo, por telefone, à Imprensa. O convite, feito pelo senador democrata de Massachusetts, Edward Kennedy, foi entregue a Walesa por Roger Castor, um representante das autoridades de Nova Jérsea, que se encontrou com o líder da central sindical polaca Solidariedade durante uma visita à Polónia realizada em Abril. Castor informou Walesa que a comissão preparatória do bicentenário da Constituição norte–americana, a comemorar em Setembro, o tinha eleito membro honorário da mesma.

**BOY GEORGE**, cantor rock britânico, declarou numa entrevista ontem publicada em Nova Iorque que abandonou a droga. «Experimentei e fui longe de mais», disse. O líder do grupo «Culture Club» acrescentou ainda que chegou a gastar 80 contos por dia em heroína. «Mas isso não importava. O que me assustou foi a morte», afirmou Boy George à revista «People». O cantor foi preso o ano passado, pouco depois do seu irmão David O´Down ter dito a alguns jornais que ele era um viciado em heroína. Para o medo da morte que Boy George diz ter sentido contribuiu bastante a morte de um seu companheiro, vítima de «overdose» na casa do cantor.

**JOSE CARRERAS**, tenor espanhol, foi operado a um maxilar infectado no passado domingo, mas o seu estado é considerado satisfatório, informaram fontes da clínica Quiron, em Barcelona. A operação, que durou 45 minutos, realizou–se na clínica, para onde o cantor, de 41 anos, fora transferido do «Hospital Clínico» de Barcelona algumas horas antes. Carreras baixou ao hospital em 19 de Julho com uma doença no sangue que o forçou a suspender diversos espectáculos, entre os quais a estreia mundial, em 19 de Setembro, de uma ópera inspirada na vida de Cristovão Colombo.

## *Abriu Ensino Superior*

# Candidatos passam a "porta estreita" até 5 de Setembro

Começou mais uma etapa da corrida a um lugar no Ensino Superior, com a abertura do período legal de candidaturas para todos os jovens que tenham completado com aproveitamento o 12.º ano de escolaridade.

Foi ontem, na verdade, a passagem pela «porta estreita» que leva à Universidade.

E «porta estreita» porque por ela passam apenas aqueles cuja avaliação escolar permite ultrapassar a barreira do «numerus clausus». É que, apesar de haver mais lugares disponíveis nas Universidades do que o número de candidatos (respectivamente 16 mil para cerca de 14 mil), nem todos aqueles que preenchem os requisitos conseguirão obter o direito a sentar-se nos bancos das Faculdades.

Seja como for, aqui fica o calendário de candidatura para dos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Lisboa, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu:

Hoje — Ana C. a Ana Paula P; dia 19 – Ana Paula Q. a Augusto R.; dia 20 – Augusto S a Cristina D.; dia 21 – Cristina P. a Fernando A.; dia 22 – Fernando B. a Gustava S.; dia 24 – Gustavo T. a João Carlos C.; dia 25 – João Carlos D. a José António R.; dia 26 – José António S. a Luís Fernando S.; dia 27 – Luís Fernando T. a Maria Amélia A.; dia 28 – Maria Amélias B. a Maria Elisa S.; dia 29 – Maria Elisa T. a Maria Joana F.; dia 31 – Maria Joana G. a Maria Paula L.; dia 1 de Setembro – Maria Paula M. a Nuno S.; dia 2 – Nuno T. a Paulo Jorge S.; dia 3 – Paulo Jorge T. a Rui José D.; dia 4 – Rui Jorge E. a Teresa F.; dia 5 (e último) – Teresa G. até ao fim.

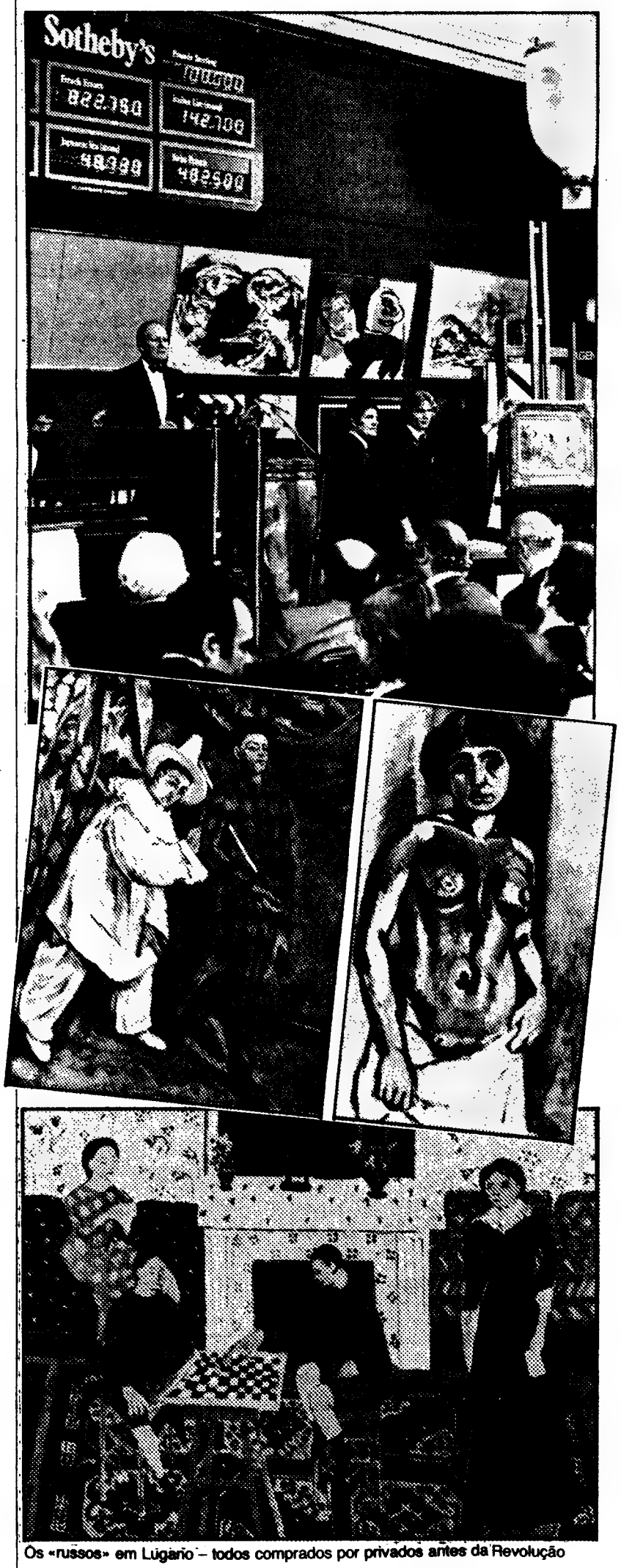
Para o distrito do Porto.

I Posto – Todos os candidatos que já tenham efectuado candidatura ou obtido condições de candidatura em anos anteiores; II Posto – (Faculdade de Economia) – de A. até Helena Z. Z.; III Posto – (Inst. Superior de Engenharia) – de Helga até Maria Eugénia Z. Z.; e IV Posto (Faculdade de Engenharia— – de Maria Fátima até Z. Z.

# SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

# Os grandes coleccionadores de arte




Os «russos» em Lugano – todos comprados por privados antes da Revolução

Tanto os há milionários como sem vintém. Do barão do aço ao carteiro, exibem os seus tesouros ou escondem-nos ciosamente. Ora constroem para eles sumptuosos mausoléus, ora os amontoam na despensa da cozinha. Geralmente são maníacos, especuladores... também os há mãos-largas.

Encontramo-los em todas as épocas, nas grutas da pré-história como nos palácios renascentistas, nos edifícios do barão Haussmann e nos *lofts* de Soho. São de todas as nacionalidades e vivem nos Estados Unidos, na URSS, no Japão e na Europa.

Não mostram senão uma paixão, pura ou misturada: a arte. Em todas as suas formas, inclusive as mais contemporâneas. Uma arte que gera um mercado frequentemente delirante. Eles são elogiados até ao exagero ou desprezados, mas num ponto toda a gente está de acordo: eles estiveram, estão, estarão no centro do movimento das artes.

## Uma paixão tão velha como o homem

O historiador Krzysztof Pomian acaba de publicar um volumoso ensaio: *Coleccionadores, amadores e curiosos* (Collectionneurs, amateurs et curieux, ed. Gallimard, col. «Bibliothèque des Histoires»). Através do estudo das grandes colecções dos séculos XVI ao XVIII, ele desenha o perfil de um personagem que subsiste nos nossos dias.

**O perfil do coleccionador foi mudando através dos tempos, mas você diz, no seu ensaio, que tal paixão é tão velha quanto o homem.**

Nas grutas pré-históricas, encontram-se séries de objectos acumulados pelos nossos antepassados: conchas, pedras estranhas... Também conhecemos as colecções feitas para os mortos, nos túmulos, ou para os deuses, nos templos. Até ao fim da Idade Média, o clero e os príncipes reuniram sempre tesouros. Mas o coleccionador tal como hoje o conhecemos não aparece senão no início do século XIV, na Itália do Norte. É a partir dessa época que começam a tratar-se mais atentamente os interiores, e, mais tarde, a construir-se edifícios — galerias, estúdios — especialmente arranjados para acolher os objectos de arte que os seus proprietários não sabem onde guardar. As colecções deixam de ser metidas em cofres, começam a ser classificadas, expostas, inventam-se móveis para as valorizar. Também muda o modo de as adquirir: cria-se um mercado da arte.

**Qual é o motor desta mudança? O prazer, a erudição ou o desejo de adquirir uma posição social?**

Que podemos nós saber das motivações profundas destes amadores? As únicas fontes sérias dos historiadores são as listas, os inventários mais ou menos bem organizados. Uma coisa é certa: o facto de possuir uma colecção faz-nos entrar num círculo estreito, muito prezado pela alta sociedade da época. Toda a Europa acorria para visitar o proprietário de uma «galeria». Outra vantagem que não pode ser menosprezada: o artista fica dependente do coleccionador. Primeiro porque, na ausência de museus, ele tem de frequentar os proprietários de objectos que deseja estudar. Depois, porque o coleccionador é também alguém que encomenda, que por vezes define com exactidão extrema o que vai ser a sua próxima aquisição. Assim, a relação que se estabeleceu entre o artista e quem encomendava repousa, em definitivo, em relações entre inferior e superior.

Esta situação inverte-se a partir do século XIX: o artista passa então a reivindicar a sua superioridade em nome da criação, que deve exprimir-se livremente, sem constrangimento. Cerca de 1850, muitos artistas trabalham, ainda, segundo o tradicional regime de encomendas, mas ocupando já o proscénio e acumulando riquezas, honrarias e consideração. Porquê, aliás, permanecer tributário de um coleccionador quando existem museus para ver as obras e *marchands* para as vender?

Os *marchands* vão, por seu turno, desempenhar um papel progressivamente mais importante. Mesmo se ainda há amadores — como Gachet, por exemplo, em França — que mantêm a possibilidade de se abastecerem directamente junto do artista. Na verdade, ainda não se saiu desta dualidade, à qual se veio juntar a encomenda pública, ou de Estado, que voltou a ser importante nos nossos dias.

**Está de acordo com André Chastel quando ele afirma que o coleccionador é o personagem central do mundo das artes?**

Inteiramente, e hoje mais do que nunca. Quando se conhece a diversidade e a riqueza da arte contemporânea, damo-nos perfeitamente conta, ao visitarmos um museu de arte moderna, de que o conjunto da produção está longe de se encontrar ali representado. E nunca sabemos se as obras que ali vemos hoje penduradas não estarão arrecadadas e esquecidas dentro de 50 anos, como aconteceu às que figuravam até há algum tempo no museu do Luxemburgo. Ora, o que substitui essas obras, senão outras que estavam em poder de coleccionadores?

O coleccionador, por não depender de ninguém, por não se deixar aterrorizar pela crítica ou pelo medo de se enganar, age essencialmente em função dos seus gostos, com uma rapidez e uma eficácia que nenhum conservador de museu pode ter. Se amanhã se manifestasse uma modificação profunda na nossa atitude face à arte, estou certo de que ela já estaria a ser vivida pelos coleccionadores, hoje. Aliás, ao estudarmos as modas artísticas, apercebemo-nos de que elas estão inteiramente ligadas à evolução do interesse dos coleccionadores.

Foram eles que começaram a coleccionar as antiguidades romanas, e só depois chegaram os pintores da Renascença. Foram também eles que descobriram o gótico, e só depois surge a pintura *troubadour* e a escola histórica do século XIX. Foram também eles que «japonizaram» a partir de 1840, e só mais tarde surgem na pintura reflexos do Japão. Foram eles que, antes mesmo dos cubistas se interessaram pelas artes ditas primitivas, e eles, por fim, que redescobriram a pintura académica antes da vaga do hiper-realismo e do regresso a uma certa figuração. O coleccionador é, portanto, e de facto, o personagem central do mundo das artes, porque ele ultrapassa, sem o saber, as modas e os gostos de uma época.

**Hoje, os museus estão, por seu turno, à procura de tudo o que é novo. Porque passariam eles ao lado das obras que serão capitais amanhã?**

Porque para fazer uma encomenda, o museu é obrigado a esperar que o artista adquira um certo renome. O museu só compra valores seguros, reconhecidos num certo meio. Não é nada evidente que tais valores se mantenham no futuro. Quando o coleccionador tem sorte e faro, age mais rapidamente e regista mais seguramente as variações da sensibilidade colectiva.

**Assiste-se actualmente a uma subida em flecha dos preços no mercado da arte, que poderá levar ao afastamento dos compradores não-institucionais.**

Continua na pág. 2

União Soviética

# Um subversivo

Georges Costakis na sua casa de Moscovo

SEM dúvida que um dos coleccionadores mais importantes da época contemporânea — visto que ele preservou, por si só, uma imensa parte da produção da escola construtivista — vive hoje dias felizes em Atenas. Mas nasceu em 1912 em Moscovo, numa família de comerciantes gregos que se tinham instalado na Rússia e que não fugiram da Revolução. Ele acabou por lá ficar até 1977.

Muito jovem, numa sociedade pouco virada para o culto da memória e das recordações,Georges Costakis coleccionava. Primeiro porcelanas, objectos de prata, ícones, pinturas flamengas. Até que ficou fascinado por um quadro de Rozanova, um dos primeiros pintores da vanguarda russa, sobre o qual ele ignorava tudo. A curiosidade e a paixão fizeram o resto: em mais de 30 anos, Costakis iria acumular centenas de telas de mais de 150 artistas de uma escola que começou por ser glorificada pelos bolchevistas para depois ser *danada,* em nome do realismo socialista.

Foi um longo trabalho de formiga — decerto facilitado pela sua ocupação de funcionário na embaixada do Canadá, que Costakis conseguira encontrar — mas o resultado é sumptuoso: é preciso ter visitado o imenso apartamento de que ele dispunha (segundo as normas soviéticas) e cujas paredes estavam inteiramente cobertas de obras de Kandinsky, de Tatlin, de Malevitch, de Rodtchenko, de Popova, de Lissitski, mas também de pintores contemporâneos não oficiais. É preciso ter ouvido, nesse cenário único, o fino e esperto Costakis contar as suas aquisições, as suas admirações e os seus entusiasmos, parando de súbito para cantar, acompanhando-se à guitarra, algumas estrofes de uma canção russa, e retomar a narrativa, com o seu ar de um falso Onassis. Não espanta que toda a «nata» ocidental de passagem em Moscovo — de Rockefeller a Kennedy — fizesse obrigatoriamente escala naquele porto de cultura e de *savoir-vivre*. Esses visitantes ilustres eram também uma espécie de garantia para Costakis, que foi sempre considerado pelas autoridades soviéticas mais como um «tarado» do que como um subversivo. Algumas figuras do aparelho político soviético não hesitavam, aliás, em visitar, por sua vez, o «museu» Costakis...

Depois veio-lhe a nostalgia do país em que ele nunca vivera. Mas Costakis não queria perder o seu museu, a sua obra. Começaram então intermináveis negociações, no fim das quais ele doou 80 por cento da sua colecção ao Estado soviético — incluindo as mais belas peças — em troca da autorização de levar com ele os 20 por cento restantes. Uma autêntica «estreia», num país em que a exportação do mais mínimo dos samovares de fabrico medíocre constitui uma conquista.

Desde então, tem podido ver-se a extraordinária colecção Costakis: primeiro em Dusseldorf, depois em Estocolmo e em Helsínquia, depois ainda na Royal Academy of Arts, em Londres, no museu Guggenheim de Nova Iorque, onde ela se conserva actualmente. Quanto às obras doadas ao Estado soviético, continuam guardadas nas reservas da galeria Tretiakov, em Moscovo, a que só conseguem aceder os iniciados. Algumas das obras já foram aparecendo, e é possível que, com a ajuda da «glasnost», estas ressurreições se venham a multiplicar.

NZ

# Krzysztof Pomian

Continuação da pág. 1

Mas a especulação com a arte não data de hoje. Desde o século XVIII que se tornou claro quanto este tipo de investimento permitia lucros rápidos e elevados. O que é novo é a «mundialização» deste mercado e os capitais consideráveis que entram no jogo.

Porém, os preços também sobem porque, tendo em conta os objectos congelados pelos museus, a oferta torna-se mais rara, enquanto a procura aumenta. Finalmente, as técnicas que permitem detectar as falsificações, essa enorme fonte que permitia fazer crescer incomensuravelmente a oferta, são cada vez mais sofisticadas.

Os coleccionadores que não dispõem de fortunas como Getty estarão destinados a desaparecer? Não creio. Os aspectos espectaculares do mercado da arte escondem uma realidade bem diferente. Nós temos tendência para ignorar os milhares de artistas que vendem as suas obras, digamos, entre 100 e 400 contos, mas serão eles muito diferentes daqueles que, por um acaso de conjunturas diversas, foram levados aos pináculos? Nem sempre. O julgamento que fazemos sobre uma obra resulta de elementos complexos. Para além do nosso sentido estético, fazemos intervir, muitas vezes, inconscientemente, uma quantidade de parâmetros: notoriedade do artista, preço do seu trabalho, imagem da galeria em que ele expõe, etc. Há quem se consiga abstrair de tudo isso. Talvez porque um coleccionador é sobretudo um jogador, e porque uma das suas grandes satisfações consiste em ter razão antes dos outros.

O desaparecimento do coleccionador, por uma ou outra razão, seria sempre um desastre cultural. Veja-se o que se passa na União Soviética. Eu aposto que, dentro de 10 ou 15 anos, a pintura não conformista estará exposta em todos os museus do país. Ora, de onde sairão essas obras «burguesas», «depravadas», «abstractas»? Das caves em que os coleccionadores, por vezes por sua conta e risco, as tiverem guardado.

Entrevista por
**Emmanuel De Roux**

Estados Unidos

# O dinheiro à luz do dia

ELES são ricos, muito ricos mesmo, e consagram o essencial dos seus ganhos à arte contemporânea, uns por gosto, outros por interesse.

No princípio do século, um médico nativo de Filadélfia e químico amador, Albert Barnes, inventa um medicamento novo, o Argyrol. Eis o facto que fez nascer uma das mais consideráveis, das mais importantes colecções de arte contemporânea dos Estados Unidos. O que outros, na mesma altura, como as irmãs Cone, de Baltimore, ou a ilustre família Stein, praticam já então brilhantemente, Barnes, cujos meios são inesgotáveis, eleva à altura de uma religião. Ele passa a viver apenas para as suas pinturas modernas.

### Aberto aos pobres e aos negros

A partir de 1912, Barnes reúne conjuntos de Van Gogh, Seurat, Cézanne e Renoir, chegando a adquirir 180 telas deste último. Depois, muito depressa, passa aos «jovens»; Matisse, Picasso, os *fauves*, Soutine. Manda construir um palácio neoclássico nos arredores da sua cidade natal, encomenda a Matisse a decoração de uma sala e determina o estatuto da sua ilustre Barnes Foundation.

Assim, o coleccionador transforma-se em criador de museu e aplica à arte contemporânea o princípio que fez a fortuna do Metropolitan e da National Gallery de Washington em matéria de artes antigas: um museu não pode existir senão através dos seus *trustees* — doadores, legatários, membros de conselhos de administração que são, antes de mais, conselhos de enriquecimento. No caso do dr. Barnes, este conselho não se limita unicamente a si — ele que é um personagem consideravelmente excêntrico. Barnes decide — como muitos outros milionários — que na sua fundação penetrarão livremente, apenas, os «desfavorecidos» da arte — pobres e negros de Filadélfia. Os outros, amadores e gente da alta sociedade, o dono da casa nunca lhes perdoou terem-no tratado como intruso e como novo-rico. Nos nossos dias, a colecção Barnes acolhe de boa vontade todos quantos querem ver os seus Cézannes históricos e algumas das principais obras *fauves* de Matisse: ela tornou-se pública, e poderia venerar-se no seu criador um dos santos patronos da arte do século, porque ele foi exemplar, não apenas na constância da sua escolha mas também na decisão de abrir o seu palácio aos visitantes. É este o «modelo Barnes»: um caso em que o privado se torna, a pouco e pouco, público, sem a intervenção de qualquer instituição.

E aí reside, ainda hoje, a singularidade mais forte da situação americana. Se os Estados Unidos puderam fazer figura de Éden da arte contemporânea, isso aconteceu quer devido aos seus coleccionadores quer devido aos seus artistas. Consequência da omnipotência americana? Decerto. Consequência, igualmente, de uma legislação inteligente, que cedo encorajou as dádivas, transformando as benfeitorias em bons negócios fiscais. O *nacionalismo* também pesou na definição desta situação. Mas, quaisquer que sejam as razões, confessáveis ou menos confessáveis, o facto é que ninguém consegue rivalizar com este país de amadores — compradores que reúnem inacreditáveis galerias de pintura e de escultura, mostrando-as a quem as queira visitar e tranformando-as depois em museus.

É o caso, em Dallas, de Patsy e Raymond Nasher. Na origem: operações imobiliárias, a construção de habitação e de centros comerciais. Resultado, alguns decénios mais tarde: a melhor colecção americana de escultura moderna, desde Rodin nos anos 80 até, evidentemente, Picasso e Matisse, mas também Gonzalez, Arp, Giacometti, Calder, David Smith, Kirili ou Tony Smith. Esta antologia de ferro e de bronze, depois de ter sido exposta no Dallas Museum of Art, está agora na National Gallery de Washington, um dos espaços mais prestigiados do país. E ninguém duvide que a colecção Nasher, cujo valor escapa a todas as avaliações, continua a aumentar com novas peças excepcionais — sobretudo com gessos de Picasso. À sua maneira, meio privada meio pública, ela pertence ao património nacional. E contribui para a qualidade dos estudos históricos nos Estados Unidos, quanto mais não seja porque os Nasher também financiam colóquios.

Herb e Dorothy Vogel

Quer-se agora o exemplo de uma colecção de pintura contemporânea? É preciso regressar a Nova Iorque, e entrar no apartamento de Agnés Gund, no cimo de um prédio da Park Avenue. Herdeira de uma fortuna de origem industrial, a dona da casa partilha o seu tempo e as suas receitas entre o ensino e a compra de obras maiores dos pintores americanos contemporâneos. *Trustee* do glorioso Museum of Modern Art de Nova Iorque, acontece-lhe comprar em função das necessidades da instituição. Determinado Jasper Johns pendurado em sua casa destina-se ao museu. Na parede vizinha, um Rauschenberg dos anos 50, um De Kooning, outro Johns. Mais longe, Kelly, Jenney, Andre, Stella, Warhol, Chia e uma vintena de outros. O corredor resume trinta anos de arte americana; os quartos transbordam de telas, e também as há na cozinha e no ascensor.

Mania? Sim, mas mais do que isso. Trata-se, para Agnés Gund, de constituir e completar um conjunto que, para além das preferências pessoais, conte a história. O gosto do amador e a sua preocupação de exaustividade devem andar a par, porque o coleccionador, aqui, tansformar-se-ia facilmente em cronista da sua época. Imagina-se o desvelo com que os «verdadeiros» conservadores tratam pessoas tão preciosas: são elas que, como Agnés Gund e outros «generosos doadores» do MOMA, garantem a boa marcha das instituições e as embelezam.

Geralmente, a sua actividade não é dissimulada: se eles não procuram a publicidade, também não se recusam a ser conhecidos. As suas propriedades emprestam-nas e mostram-nas de bom grado. Levada ao paroxismo, pervertida pelo desejo de celebridade, esta paixão pela colecção pode tornar-se em frenesi, um frenesi que se deve tanto à especulação, quanto ao amor pela arte.

Foi assim que apareceu uma nova espécie de coleccionadores de arte contemporânea, a dos exibicionistas pródigos. Estes compram, talvez, para seu prazer, mas também para a exibição. Compram para que se repare neles — muitas vezes para revenderem mais tarde. É a «Art Fever», como dizia em título, na Primavera, a revista *New York*. Em pós-título: paixões e frenesis do último-em-data dos desportos do homem rico. Desporto? Assim parece, de facto.

Um exemplo: o caso de Eugene e de Barbara Schwartz: eles compraram peças imensas de Schnabel e de Kiefer, tão vastas que não conseguem pendurar o seu Kiefer na parede do apartamento. Não importa: a parte inferior permanece enrolada sobre a alcatifa. A anedota deu a volta a todas as galerias e a todo o Soho.

Outro caso: o de Asher Edelman, celebridade de Wall Street e das galerias *down town*. Stella é o seu preferido— mas não o Stella ascético dos anos 58-60. A zona barroca da obra convém mais a este «mediador» supersatisfeito, orgulhoso de ter sido o primeiro a pagar uma peça de autor vivo por mais de um milhão de dólares.

O fenómeno é inquietante. Do coleccionador esteta, futuro doador, ao coleccionador - espectáculo, a distância é grande. O primeiro respeita o artista; na maioria dos casos, ele conhece e visita o artista no seu atelier. O segundo respeita a cotação, e pode até levá-la a cair verticalmente, se vender em massa por cansaço ou por indiferença, alguns anos mais tarde, obras que deixaram de lhe agradar. Assim a arte contemporânea e julgamentos que se queriam estéticos ou subjectivos são, pelo menos parcialmente, determinados por uma economia de mercado que brinca às «altas» e às «crises» como qualquer outra economia.

O favor de um coleccionador célebre chega para fazer, por vezes, a reputação de um artista. E em breve há um museu, de preferência europeu, para atribuir ao eleito um *brevet* de respeitabilidade oficial.

Mas será isto muito grave? Talvez nos consolemos pensando que, há um século, as telas de um Bouguereau ou de um Meissonier custavam verdadeiras fortunas, comparáveis às que hoje custam, por exemplo, um Schnabel. Não seria surpreendente que, mais uma vez, careza e mediocridade dessem as mãos: há uma definição financeira para a moda, segundo a qual a arte tocada pela especulação, a arte cujos processos são facilmente reconhecíveis, têm abertas as portas do comércio fácil.

Felizmente ainda há coleccionadores «puros», «verdadeiros», tão maníacos como Barnes, e inesperados como ele: Herb e Dorothy Vogel. Ir a casa deles, em Nova Iorque, é reentrar em contacto com o mito do descobridor sem tostão, que lega à posteridade o fruto de uma vida de heróicas privações. Ele é um empregado dos correios reformado, ela bibliotecária em Brooklin. Vivem em duas assoalhadas com sete gatos, tartarugas e tantas obras que lhes cederam o salão. Em vez de canapé, há ali uma pilha de desenhos emoldurados e de pinturas, que chega ao tecto. Quantas? Já não sabem. Em mensalidades de 10 e de 20 dólares, eles pagaram, desde há 30 anos, os seus Lewitt, os seus Judd e os seus Mangold. Será que eles são proprietários da melhor colecção de minimalistas? Talvez. Herb Vogel constituiu-se conservador dela a tempo inteiro. Por vezes, para ganharem um pouco de espaço e para inventariarem o seu inestimável cafarnaum, eles emprestam, não sem inquietação, a uma ou outra exposição. Eles vivem para o que coleccionaram, confundem-se com o que têm. Mais tarde, farão sem dúvida um museu, como todo o coleccionador americano que se preza.

**Philippe Dagen**

Suíça

# O filho do barão Thyssen Bornemisza

**O barão Tyssen Bornemisza está à cabeça de uma colecção que pode rivalizar com certos museus. Mas a vivenda em que ela está entreposta , na Suíça, é demasiado exígua. Ele pensa mudar-se, para crescer. Enquanto espera, organiza trocas: este ano, expõe impressionistas saídos dos museus soviéticos.**

Entre as três ou quatro grandes colecções privadas do mundo, uma das mais sumptuosas está na margem do lago Lugano, na Suíça.

A vivenda *Favorita,* cercada de ciprestes, encerra cerca de 1600 obras-primas de Goya a Rembrant, de Ucello a Watteau, de Monet a Cézanne, de Picasso a Bacon, já sem falar das tapeçarias, dos móveis e de outros objectos de arte. O barão Thyssen Bornemisza instalou-se ali, com os seus tesouros, em 1932.

Antes da Segunda Guerra Mundial, ele tinha começado a juntar pinturas alemãs em madeira, dos séculos XV e XVI. A sua paixão alargou-se depois às escolas flamengas e holandesas. Depois começou a comprar primitivos italianos, antes de abranger no seu interesse a Renascença italiana. Finalmente chegou aos espanhóis e aos franceses. Sem dúvida para ter em casa um panorama completo da história da pintura europeia, até 1800.

Em 1937, mandou construir uma galeria ao lado da casa, para alojar os seus tesouros. Depois da sua morte, em 1947, o seu filho Hans Heinrich prosseguiu a obra do pai, embora interessando-se especialmente pelos séculos XIX e XX... sem exclusividade.

«Compro aquilo de que gosto, sem me preocupar com a moda — diz ele hoje. — Por exemplo, telas neo-expresionistas alemãs, apesar de muito prezadas não tenho nenhuma. Não me agradam.»

Mas ele reconhece, em compensação, que a amizade desempenha um papel nas suas escolhas. Hans Heirich está ligado, em Inglaterra, a um pequeno grupo de pintores de que fazem parte Bacon e Lucian Freud, que, ambos, pintaram o seu retrato. Essa posição de amador é infinitamente mais maleável — e mais agradável, como o barão sabe muito bem — que a de qualquer conservador de museu.

Porém, se ele não tem as mesmas obrigações que um museu, a sua colecção suporta bem a comparação com um bom número deles. Hans Heinrich trata, aliás, de igual para igual com as instituições mais prestigiosas. Há quatro anos, mandou vir quarenta telas impressionistas do museu Puchkine, de Moscovo, e do Ermitage, de Leninegrado. Em troca, enviou-lhes um número igual de obras saídas dos seus fundos.

Hoje renova a operação com os mesmos *partenaires*. É assim que se podem ver, na *Favorita*, num «décor» esplêndido, obras que quase nunca saem das salas que geralmente as albergam: «Mardi Gras», de Cézanne, «La Jeunne fille à l'éventail», de Renoir, o espantoso «Portrait de famille» de Matisse, uma versão do «Déjeuner sur l'herbe» de Monet, o «Café d'Arles» de Gauguin e uma belíssima paisagem de Bonnard, entre outros.

Este gesto é igualmente uma homenagem aos coleccionadores russos Serguei Chtchukine e irmãos Morosov, que souberam comprar estas telas no princípio do século. No ano que vem, o barão Thyssen conta ir mais longe. Ele está neste momento a organizar, sempre com os mesmos interlocutores, uma terceira exposição. Pela primeira vez, verse-ão obras de soviéticos, abstractos futuristas, construtivistas, que praticamente não são mostradas no seu próprio país desde os anos 30. Ele próprio enviará para Moscovo elementos da sua colecção correspondentes às mesmas correntes.

Mas o sucesso destas exposições temporárias coloca problemas materiais cada vez mais agudos: como canalizar um multidão que engrossa de ano para ano? Há quatro anos, 300 000 pessoas vieram ver a primeira fornada de impressionistas «russos». Este ano, os visitantes terão de comprar o seu bilhete com antecedência, anunciando o dia e a hora da sua passagem. Apenas 2400 entradas serão vendidas para cada dia. E, como a colecção do barão continua a crescer, a *Favorita* tornou-se demasiado exígua para expor continuamente uma amostra significativa das suas riquezas: 350 quadros estão presos às paredes na galeria aberta ao público, mas nem um dos séculos XIX e XX, por falta de espaço.

Por isso, o barão pediu ao arquitecto inglês James Stirling que lhe construa uma segunda galeria. O custo da obra — 40 milhões de francos suíços — que o barão quer partilhar com as autoridades suíças, encheu estas últimas de tiques. As negociações arrastaram-se infindavelmente. Então, o coleccionador passou a preparar a sua mudança pura e simples, com armas e bagagens. E não faltou quem lhe fizesse as ofertas mais espantosas. Madrid, especialmente. Os espanhóis propõem-lhe 6000 metros quadrados diante do Prado! Mas o barão hesita: «Não quero transformar-me numa espécie de anexo de um museu, por mais prestigioso que ele seja. A minha colecção tem de manter a sua personalidade.»

Duas cidades alemãs e duas outras, americanas, da West Coast, tentam igualmente atraí-lo. Os suíços, inquietos pela partida deste prestigiado pólo de atracção, querem começar novas negociações. Agora, mostram-se prontos a participar nas despesas de construção da nova área, e nas despesas de manutenção da vivenda. Mas entretanto a implantação do novo espaço põe problemas: ao que parece, o terreno previsto é escorregadio, além de ser impossível arranjar nele lugar para um indispensável «parking». Por isso, as autoridades suíças passaram a oferecer, no centro de Lugano, a *villa* Ciani, onde o barão poderia expor os seus «mestres modernos». Hans Heinrich vai agora voltar a discutir a questão com os suíços, embora continue a pensar sair do país. Ele fala mesmo em fechar a sua colecção aos visitantes e de não autorizar senão exposições temporárias. Uma posição radical, que era exactamente a de seu pai. Mas o barão corrige-se imediatamente:

«Os pintores não pintaram para mim, e sim para o público. É natural que eu mostre ao público o que coleccionei.»

**E. de R.**

# Os japoneses à conquista da arte ocidental

**Em 30 de Março de 1987, o recorde mundial do mercado da arte foi estabelecido pelos japoneses: uma tela de Van Gogh ultrapassou os 40 milhões de dólares. O comprador foi a companhia de seguros Yasuda. Eles estão a tornar-se nos principais compradores de arte, logo depois dos americanos.**

INESPERADAMENTE, no sétimo andar de uma torre que alberga uma vintena de lojas de material eléctrico, no coração desse bazar da electrónica que é o bairro Akhiabara, em Tóquio, surge-nos uma impressionante colecção de obras de Salvador Dali, entre as quais a Madona de Port-Lligat. O conjunto dos desenhos e dos quadros está avaliado em 350 milhões de dólares. O proprietário do pequeno museu, aberto desde há um ano, é Masao Nangaku, um homem simples. Com 68 anos, começou como reparador de transistores e acabou tornando-se num dos magnatas de Akhiabara.

A arte não o interessa, diz ele sem hesitações. Comprou a colecção Dali como comprou um castelo medieval na Alemanha: para investir. De facto, ele espera que, à saída das salas Dali, os visitantes se interessem pelos andares de baixo, pelas lojas de *stereo* e de televisões.

Foi Nangaku ou outro negociante nipónico que comprou, no princípio de Agosto, em Los Angeles, um outro Dali, *Gala olhando o Mediterrâneo?* O comprador japonês, anónimo, não discutiu o preço: 2,3 milhões de dólares. Um recorde para um Dali.

Como a companhia de seguros Yasuda, que acaba de pendurar no seu museu de Tóquio um dos girassóis de Van Gogh, comprado em Março passado num leilão da Christie's por 40 milhões de dólares, um bom número de sociedades japonesas devem actualmente contar-se entre os grandes coleccionadores de arte do mundo — por motivos muitas vezes bem afastados de qualquer interesse estético.

Basta atravessarmos a galeria de pintura que, na Mitsui Corporations, conduz ao salão destinado aos visitantes, para o compreendermos: uma colecção de obras de arte passou a fazer parte do prestígio duma empresa. O mercado dos quadros, em especial, é sem dúvida um dos raros domínios das trocas internacionais em que os japoneses são, hoje, importadores, e não exportadores.

Segundo o representante, em Tóquio, de uma grande galeria internacional de arte, «os japoneses tornaram-se nos segundos compradores, continuando os americanos a ser os primeiros».

Durante o ano passado, os japoneses compraram mais de 400 milhões de dólares de quadros ou seja, mais do dobro do que tinham feito em 1985. Este ano, apenas no tocante aos meses de Janeiro e Fevereiro, importaram mais de 100 milhões de dólares de telas de mestres.

Nas grandes vendas da Christie's ou da Sotheby's, os compradores nipónicos «limpam» 20 a 40 por cento das obras ocidentais; e em Hong-Kong, compradores japoneses adquiriram recentemente objectos de arte chinesa provindos da colecção M.T.Y. Chao, fundador do grupo Wah Kwong Shipping, que atravessa graves dificuldades financeiras. Os *marchands* estão hoje conscientes de que os japoneses passaram a ser alvos fundamentais, e fazem-lhes a corte: na Christie's, o desenrolar das vendas passou a ser traduzido em japonês, e, judiciosamente, a galeria londrina apresentou primeiro em Tóquio os girassóis de Van Gogh, e só depois em Nova Iorque e em Londres, antes de os levar a leilão.

A entrada em força dos japoneses, dotados de uma moeda particularmente forte, no mercado da arte, vai ser duramente sentida pelos coleccionadores ocidentais, obrigados, se querem determinada obra, a andar atrás dos nipónicos, em ofertas que estes fazem subir em flecha. Em 1985, o museu privado japonês Bridgestone começou por declinar a oferta de venda do *marchand* Wildenstein, que lhe propunha *Mademoiselle Georgette Charpentier sentada,* de Renoir. O preço, 10 milhões de dólares, parecia-lhe demasiado elevado. Um ano mais tarde, o mesmo Bridgestone aceitava — mas entretanto o *yen* tinha subido até às estrelas, o que lhe permitia poupar 4 milhões de dólares sobre o preço, avaliado em *yens*. *Os girassóis,* de Van Gogh, foi comprado por um preço quatro vezes superior a outro quadro, do mesmo pintor, vendido em Nova Iorque no ano anterior.

É errado pensar que os japoneses acabaram de desembarcar no mercado da arte. Antes de mais, existe um importante mercado interno, que não suscita o interesse do estrangeiro e onde circulam as obras dos pintores japoneses que se exprimem em estilos ocidentais (yoga) ou japonês (nihonga). Algumas obras têm ali atingido 500 000 dólares. Além disso, desde o século passado que os nipónicos vêm mostrando interesse pela arte ocidental. Hoje, é no Japão que se encontram algumas das principais colecções de pintura impressionista (como a de Kojiro Matsukata, que possui os mais belos Monet).

Mas a primeira avançada massiva dos japoneses no mercado ocidental das telas data do fim dos anos 60 e do início dos anos 70. Essa ofensiva foi travada pela crise do petróleo. O frenesi reapareceu, com muito mais força, em 1985. Os japoneses interessam-se agora, não apenas pelos valores seguros e pelos pintores de que desde sempre gostaram (os impressionistas e a escola de Paris: Vlaminck, Utrillo, etc.), mas também por artistas modernos como Gustav Klimt, ou pelos pré-rafaelitas.

Quem são estes novos coleccionadores japoneses? Muitos deles preferem não ser conhecidos, para não atraírem sobre eles a atenção do fisco (como esse anónimo que, no ano passado, comprou um Mondrian por cinco milhões de dólares, mais uma vez um preço recorde para uma obra desse pintor). Pode-se, no entanto, reparti-los em três categorias. Em primeiro lugar há os «novos ricos», negociantes ou homens de profissões liberais que viram os seus lucros, avaliados em dólares, subir em flecha devido à subida do *yen*. Não se trata verdadeiramente de amadores. A posse de obras de arte é, para eles, uma questão de estatuto social, e a sua aquisição tem a ver com um «rito de passagem». Um pouco como os americanos dos anos 50, que compravam a metro, eles têm menos em vista uma obra ou um autor, do que uma quantia para gastar. Por muito tempo, preferiram a pintura japonesa. Agora, passaram a dedicar os seus excedentes à estrangeira.

Depois vêm os coleccionadores tradicionais: indivíduos e famílias que estão à cabeça de grupos industriais importantes, e que fundaram museus. O gosto e a preocupação com o prestígio pessoal mistura-se, neste caso, com ideias filantrópicas, mas também com interesses fiscais. Os principais museus japoneses privados, de arte ocidental, foram constituídos assim, a partir das colecções de três magnatas da indústria de antes da guerra.

Kojiro Matsukata, dirigindo uma companhia marítima de Kobe, começou a sua colecção de pinturas francesas durante a Primeira Grande Guerra. Em 1959, 300 dos seus quadros (entre os quais alguns Monet, Renoir e Gauguin) constituíram o fundo, a partir do qual foi criado o museu nacional de arte ocidental de Tóquio.

Também Shojiro Ishibashi, que fez fortuna como fabricante de pneus, coleccionou impressionistas. Em 1952, abriu o Bridgestone Museum of Art, em Tóquio.

Um outro grande magnata da indústria de antes da guerra, Magosaburo Ohara, criou por seu lado, em 1930, um dos mais ricos museus de arte ocidental do Japão, situado em Kurashiki, perto do Mar Interior.

No domínio das artes orientais, outras personalidades, como Kiichiro Nezu eKiachiro Okura, fundaram igualmente museus a partir de colecções constituídas, em parte, durante a expansão japonesa na China, nos anos 30.

Acabada a guerra, a riqueza dos grupos industriais substituiu frequentemente as fortunas individuais, desfeitas pela derrota. A partir daí, foram sobretudo sociedades, e não indivíduos, que estiveram na origem de novas colecções que apareciam nos museus (é por exemplo o caso do museu Suntory). Mas mantiveram-se alguns grandes coleccionadores individuais, como Matshushita (presidente do grupo que tem o seu nome), mais atraído pela arte oriental, ou o presidente do Banco Suruga, coleccionador de quadros de Bernard Buffet.

Uma última categoria de coleccionadores modernos é constituída pelas novas seitas religiosas. A *Soka gakkai* tem o seu museu, como a *Tenri,* ou *Sekai Kyusai Kyo*, que abriu em Atami um dos museus mais ricos em arte da época Edo (1603-1868).

O mercado da arte no Japão, cujo *chiffre d'affaires* global está avaliado em quatro mil milhões de dólares por ano, é, além disso, estimulado pela criação, desde há uma dezena de anos, de museus municipais e locais. O de Yamanashi tem *A semeadora* de Millet, e o de Nogoya comprou um Modigliani por 2,4 milhões de dólares. Este mercado tem, igualmente, as suas zonas de sombra: as pinturas servem por vezes de moeda nas operações em que é preciso pagar luvas. É que, enquanto a circulação de dinheiro, nos meios políticos, tende cada vez mais a ser regulamentada, a circulação de quadros, que podem ser revendidos, não o é.

**Philippe Pons**

# O laboratório do Ballet Gulbenkian

Em dança, as Companhias de Reportório têm a função de conservar e mostrar o que se tornou em dança sedimentado, reconhecido como obra de arte. Constituem referências temporais coreográficas. O Ballet Gulbenkian, marcado pelas obras dos coreógrafos dos anos setenta, experimentou em laboratório novas coreografias. Os experimentadores foram alguns dos bailarinos da Companhia.

SÃO causas emocionais afectivas, psicológicas, de gratuitidade de acção, que conduzem ao acto criativo, na arte como na ciência. É a mesma paixão que, pelos astros, motiva à pesquisa do astrofísico, e ao coreógrafo, a paixão pelo movimento.

No dizer de A. Moles [1] a única diferença fundamental que diferencia criação científica e criação artística reside no seu resultado. Na arbitrariedade concedida ao objecto artístico que a expõe, e que o resultado científico dissimula, pela necessidade de uma validade reconhecida universalmente; «uma e outra não são senão aspectos da criação intelectual a exercer-se sobre duas 'matérias' diferentes, mas a utilizar, essencialmente, os mesmos métodos de pensamento». [2]

Negada por este princípio qualquer visão romântica da criação, os estúdios experimentais de coreografia são a materialização de um processo (mais ou menos conseguido) laboratorial de criação. Suportam-se directa ou indirectamente de premissas teóricas, referências estéticas, valores afectivos, continentes culturais e metodologias. Tão importantes como os resultados foram os processo utilizados para os conseguirem, e as metodologias próprias de cada experimentador neste 12.º Estúdio Experimental de Coreografia do Ballet Gulbenkian. A importância deste processo laboratorial, feito em estúdio, merecia o seu registo e a sua amostragem. Os resultados insinuam percursos e revelam estilos mas sem os explicitar.

Criar é inventar, e é uma actividade decorrente do lúdico, do acrescento do universo, da suspensão do real. Dentro do «espírito de uma época», movem a actividade criativa, a curiosidade, a ordenação do mundo, o espanto, a recolha e organização de informações, e a necessária experimentação.

Os métodos experimentais são diversos e múltiplos, como o são a sua consequente aplicação; a sua opção é já laboratorial. A. Moles, na obra citada, indica-nos algumas dezenas de métodos de que podemos referenciar o da aplicação de uma teoria, da mistura de duas teorias (aqui de duas técnicas), o dogmático, o estético, etc.

Da longa lista de métodos indicada por A. Moles, o primeiro é o *método da desordem experimental* — a experiência para ver no que dá — que se tipifica por «reflexos quase mecânicos: virar os botões, pôr as mãos em toda a parte, experimentar sobre as cordas vibrantes, adicionar ácido na solução, modificar o aumento do microscópio, (...)» (2)

Foi este o método utilizado na quase totalidade dos trabalhos apresentados, e desta lógica do acaso os resultados não sortearam os trabalhos: *Oito Seres e uma Pergunta!, Mar de Setembro, Sem Título, Miragem, Tango, Cântico, Ati.* Vários e múltiplos são os pretextos da criação artística. Derivando todos, como já se disse, duma mentalidade lúdica e gratuita, aos pretextos, se vão depois acrescentar *princípios individuais* que justificam cada resultado. Podemos assim assistir, à *primeira dança que aquele corpo quis finalmente dançar: Sem Título e Cântico.* Há ainda os que querem *substituir o Mundo pelas suas longas, longas histórias; Oito seres e uma pergunta!, Mar de Setembro, Miragem, Ati.*

O humor quis fabricar resultados, mas *a desproporção não foi a justa: Tango.*

Há em cada um de nós, em tudo o que fazemos e dizemos, uma narcísica projecção do Mundo, e a sua amostragem é também o da nossa representação do Mundo.

Ela pode ser marcadamente *ritualizada,* duma religiosidade primitiva: *Cântico, Ati;* ou por vezes, *por via do excesso, melodramática: Oito Seres e uma pergunta!, Miragem.*

Nesta representação do Mundo, que é a obra que apresentamos, a educação marcou a forma de representação. Nestes trabalhos, são evidentes as marcas dos coreógrafos desta Companhia. Há depois uma espécie de nostalgia, citações dos ausentes — Hans van Manen, Trisha Brown, Cunningham, Earl Lloyd Hepburn e o Budô.

A dança não é um continente isolado. Como nenhuma outra arte o é. É do contacto e da troca com outros continentes artísticos, duma forma estruturada, e que tem na figura da «estrela» o modelo operativo, que a dança evolui e se impõe como fundamental à comunidade.

Este modelo operativo da «estrela» exemplifica-se: é a recolha decidida e voluntária da informação e a sua utilização — a pintura, a cenografia, a música, a tecnologia, os textos, a voz, os mecanismos de paródia, o cinema americano, o processo cinético, etc.

A utilização sistematizada destes saberes diz-se composição. Este modelo foi possível detectar nos trabalhos mais interessantes: *Do it Yourself — serviço permanente, Ponto de interrogação, ...Acima de Tudo, Nós,* A utilização deste modelo, a sua sistematização evidente, que responsabilizam opções técnicas e escolha de elencos, assim como o *pensar à margem,* produziram estas três invenções rebeldes.

O bailado como espectáculo perverso, a bailarina como boneca insuflável, o pavonear narcísico do bailarino, a solidariedade com corpos de posse efémera —raparigas do Peepe-Show — o corpo fracturado em corpo da noite e a morte do cisne, foram os sinais magníficos deste trabalho. A géstica, a «música de fundo», e as poses mostraram o outro lado maldito da dança tornado espectáculo. (O acrescento do texto provocador era no entanto desnecessário, como aliás foram despropositados todos os textos utilizados, pela sua específica e estranha relação com a dança.) *Do it Yourself — serviço permanente,* é uma coreografia para um espectáculo nocturno de sedução.

O invencível e o incongruente, atitudes estéticas da linguagem de Trisha Brown estavam ausentes em *Ponto de interrogação,* mas a qualidade do seu movimento, «o corpo mecânico», eram óbvios, quer na caricatura quer na fidelidade.

Neste trabalho era o próprio percurso da experiência que era coreografado. Era a visão do interior que era alegremente mostrada, como dádiva. Assumia-se como episódio, fragmento temporal do Mundo — lúdico, lânguido, permissivo. Para cada corpo o espaço à sua medida e assim o resultado era a elegância, ou o humor, quando ensaiavam fingir outros corpos e outras medidas.

O trabalho continha uma premissa teórica do espectáculo contemporâneo: o público não é um conjunto de espectadores consumistas, são os outros jogadores do espectáculo. Foi aliás esta ideia do jogo que justificou todo o guião do espectáculo, que transformou uma apresentação formal de dez trabalhos num espectáculo - festa - fim - de - ano - antes - das - férias.

O que nos é imediato em ...*Acima de Tudo Nós,* e que é comum às coreografias anteriores, é a actualidade deste trabalho. Não sendo «novidade» (na terminologia da experimentação), por afirmar uma *filosofia da negação* — o novo como a negação do passado —, esta coreografia está inserida no espírito duma época. É um trabalho em que a gratuitidade primeira se cruza na rede cultural dos meados da década de 80, e insinua o impacto duma cultura visual. Por isto, este trabalho é claro na acumulação ao movimento (composto segundo a técnica do caleidoscópio), a partir de frases simples, de artifícios cenográficos, de figurinos e de uma musicalidade urbana.

Na experiência não se experimenta só para atingir resultados, mas também se experimenta a aplicação destes. Experimentou-se neste trabalho a aplicação da dança à Moda, ao cromatismo do vídeo, à máscara e à sua função de representação social. Por isto se viabilizou outras aplicações do corpo que dança.

Experimentar, na criação, é diferente e opõe-se ao ser experimentado. Porque este último não controla a experiência, é experimentado pela vida. Poucos foram os que nesta situação desafiaram os seus limites e se tornaram míticos e místicos: S. João da Cruz, Cunningham, Isadora, Nietzsche, James Dean, Pina Bausch. Para os outros, tornou-se a criação não experimental, uma acumulação de resíduos.

Estas três coreografias realizadas no 12.º Estúdio Experimental de Coreografia no Ballet Gulbenkian, introduziram nesta Companhia de Reportório, funcionando como um Museu Contemporâneo de Dança, esboços de novas vias e atitudes para a dança. Tão excelentes bailarinos merecem-no.

■ 12.º Estúdio Experimental de Coreografia, Ballet Gulbenkian, 7 e 8 de Agosto de 1987.

...Oito Seres e uma pergunta — Rui Pinto,
«Do it Yourself» — Serviço Permanente — Margarida Bettencourt
Mar de Setembro — Ângela Clementa
Sem Título — Carlos Carvalho
Ponto de Interrogação — Vera Mantero
Miragem — Gagik Ismailian
Tango — Ângela Clemente
Cântico — Luís Damas
Ati — Paula Pinto
...Acima de Tudo, Nós — César Moniz

**António Pinto Ribeiro**

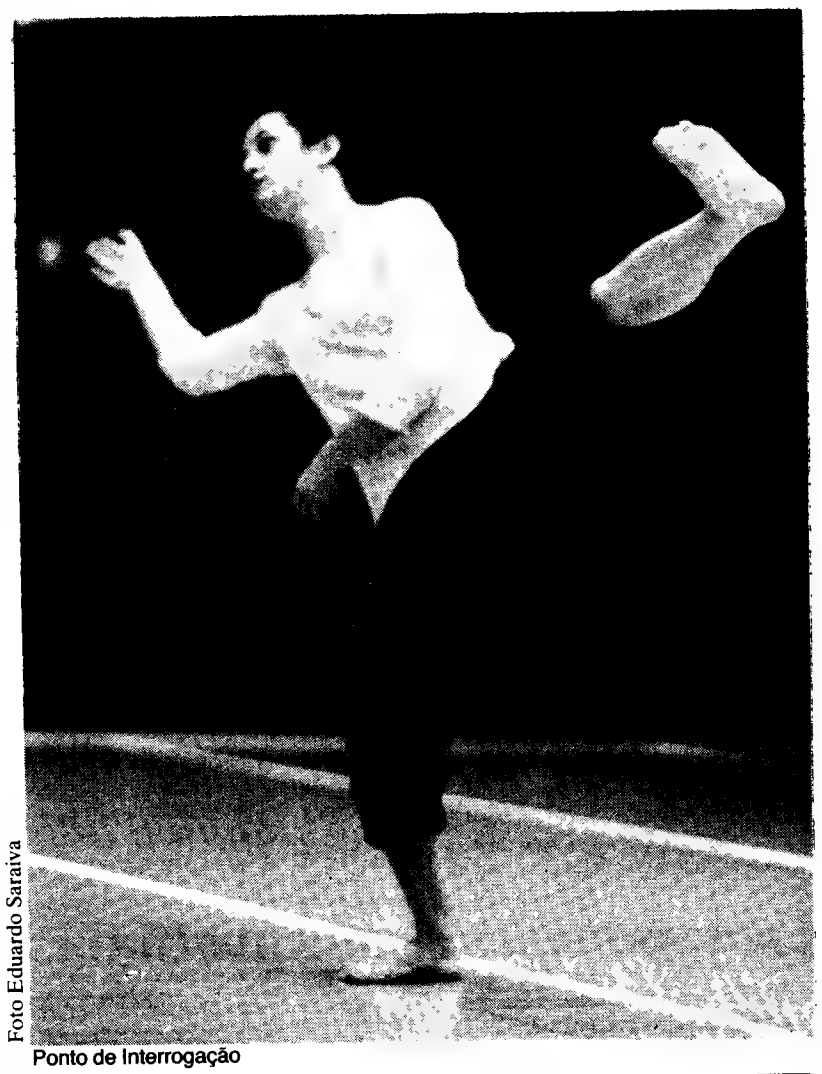


Foto Eduardo Saraiva

Ponto de Interrogação

Foto Eduardo Saraiva

«Do it yourself – serviço permanente»

**Notas**

(1 e 2) **A criação científica,** A. Moles, Ed. **Perspectiva,** S. Paulo 1981, pp. 257 a 259 e 97.

Retratos no Teatro

por Manuel Cintra

# Ofélia Cardoso

Vi a mulher que agora está à minha frente no palco. De tal modo a diferença é grande que chego a duvidar se era mesmo ela. Como ao vê-la representar não a ouvi, pois tratava-se de um bailado em que a narração se desenrola sem voz, no seu caso; por isso também me custa a acreditar na voz firme, pequenina, segura e tranquila com que responde às minhas perguntas. Prefiro então, quando escolhemos entre várias lembranças aquela que servirá de fotografia a acompanhar estas linhas, uma em que está a representar. E isto, contrário ao que aqui tem sido feito, por uma razão simples: só se vê a verdadeira Ofélia Cardoso no palco, maquilhada, quando o seu corpo se solta e começa a bailar. Assim, à vista desarmada, compreende-se que está ali a Uxa, como lhe costumam chamar. E é uma criaturinha robusta, inquieta e encantada. Como as histórias de onde nunca sairá.

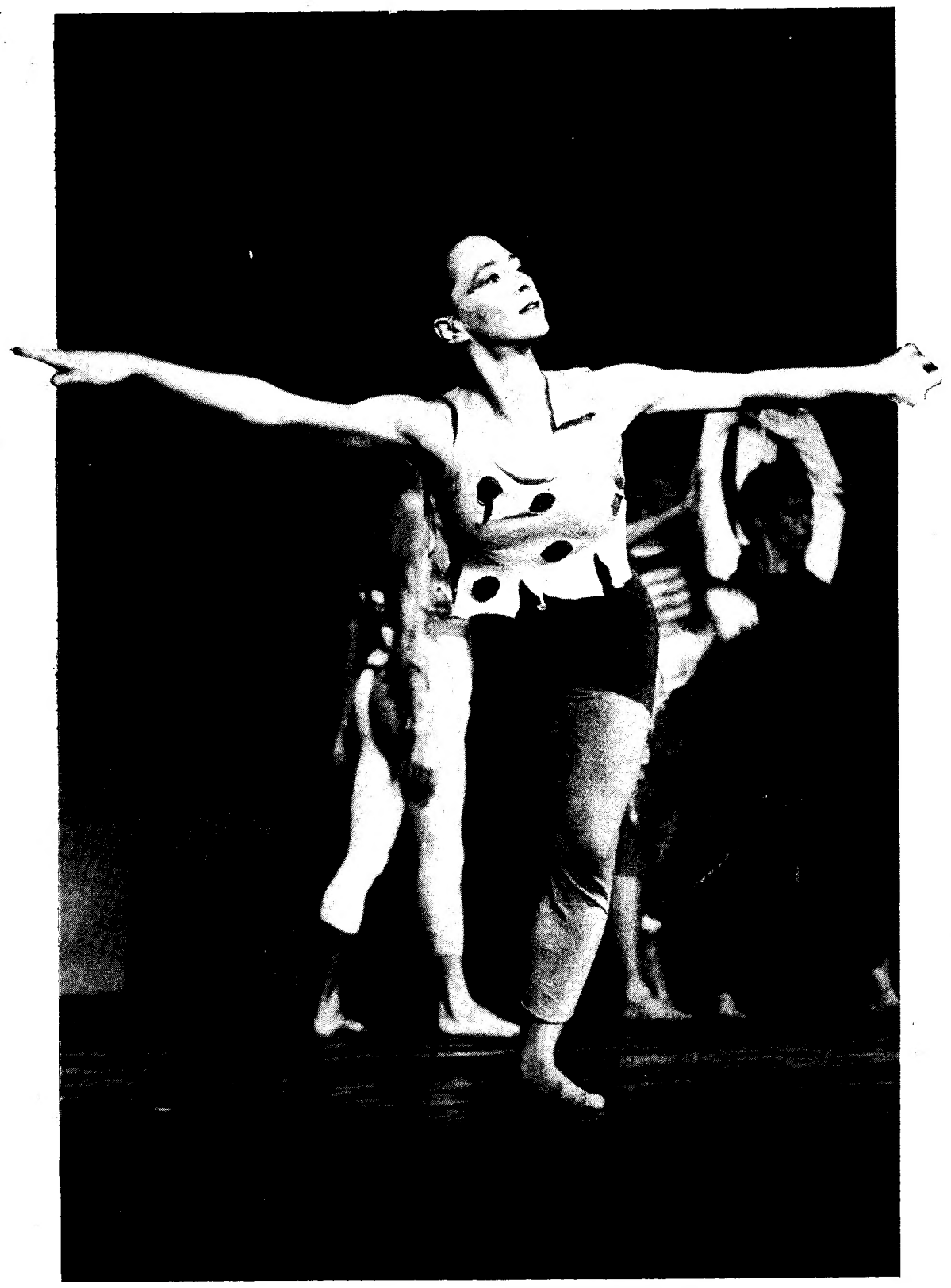
FOI aos três anos que Ofélia Cardoso, graças à sua mãe, professora de Educação Física, começou a lidar com o seu corpo, exercitando-o através de uma prática constante de exercício físico a pouco e pouco ligado à ginástica rítmica e à música.

Começar a fazer tão cedo algo que mais tarde virá a ter proveito é apenas privilégio de alguns. E sente-se que Ofélia sabe disso, sabe disso com calma, sem dramatismo, sem o achar provavelmente melhor ou pior do que qualquer outra coisa. Ou então achando, e disso não restará dúvida nenhuma, que melhor não lhe podia ter acontecido. Seja como for, sabe-se que um virtuoso do piano ou da dança dificilmente o será se não lhe tiver caído por sorte na infância um pai ou uma mãe que lhe proporcionem isso. Coisa que elimina à partida tanta e tanta gente que tenho, e isso agrada-me, a noção de estar a falar com um privilégio, uma pessoa à parte, um caso muito, muito especial.

Sem nunca mais desleixar o seu corpo, Ofélia Cardoso continuou fazendo ginástica no Lisboa Ginásio e mais tarde no Sporting, vindo a participar com a classe a que pertencia em saraus e apresentações públicas pelo País fora. O público não é, portanto, para ela, novidade. Quando lhe pergunto se sente o público quando está a actuar, a resposta é tal que se compreende qual a função do público para ela: diz-se que não se pergunta a idade a uma senhora, pois bem, Ofélia tem 22 anos e alimenta-se desde pequenina com essa presença, vibrando e respondendo com todo o seu corpo maleável de articulado, a todas as vibrações, sensações, atitudes calorosas ou agressivas desse público cada dia diferente. Esta pequenina flor transforma-se, no palco, numa grande senhora, e parece magia: o público transforma-se, também ele, na sua presença. E a conversa, mágica e profunda, só se interrompe quando o espectáculo chega ao fim. Quanto aos seus colegas de trabalho, no caso específico que neste momento a leva ao palco, acompanhando o **Grupo de Teatro ESPAÇO** no espectáculo CIDADE-REI, a repor em Setembro-Outubro após curta carreira, nestes três dias, de ante-estreias, todos mantêm durante o espectáculo a mesma conversa, resultando tudo num circuito entre todos carregado de electricidade, de ternura e de intensidade dramática impressionantes. E tudo isto, por parte de Ofélia Cardoso, foi conseguido em apenas 15 dias de ensaios.

Já aqui referimos, a propósito do texto sobre Águeda Sena, encenadora e coordenadora daquele jovem grupo de teatro (que é, juntamente com o PERSONA um dos dois grupos mais jovens e mais recentemente formados em Lisboa) assim como a propósito de Manuela Pedroso, uma das actrizes que fazem parte daquele mesmo grupo, já aqui referimos, dizia eu, toda a espantosa energia e capacidade organizativa daquele grupo, que atingiu em tão pouco tempo uma capacidade de trabalho e um ritmo de estreias quase impossível de comparar a qualquer outra companhia ou grupo de Lisboa. Pois a chegada de Ofélia Cardoso, ainda não sabe se definitiva ou apenas para efeito deste espectáculo, mostra que é mais uma pessoa dessa raça que tem o entusiasmo no corpo e o rigor na atitude. Raça, como se sabe, em aparente via de extinção.

Terão reparado talvez que de há algumas semanas para cá só entrevisto jovens. Terão também reparado talvez no entusiasmo, por vezes até no aparente exagero com o qual a eles me refiro, falando sempre com alegria de uma camada jovem de actores e actrizes que estão dispostos a singrar, sem no entanto terem, na maior parte dos casos, a capacidade para se reunir e trabalhar em grupo. Mas o caso de Ofélia parece confirmar que isso será, espera-se, passageiro também. De facto, ao alargar o elenco do Grupo de Teatro Espaço ela vem dar corpo, ainda que temporariamente, a uma esperança nova, de grupos de teatro novos, cheios de ideias bizarras ou não, frescas ou impuras, mas novas.



Voltando à infância de Ofélia Cardoso, foi no Conservatório Nacional, com nove anos, e precisamente em 1974, logo após o 25 de Abril, que frequentou em três anos o curso de dança daquele estabelecimento. Diz-me rapidamente que, não gostou. Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, como se tivesse exactamente a mesma idade de agora, afirma que o curso era clássico de mais, coisa que na altura não lhe agradou. agradou.

Justifique-se aqui a presença de uma bailarina numa série de artigos centrados em pessoas ligadas ao teatro. A minha escolha não está apenas ligada ao facto de a Magda estar a participar num espectáculo que, sendo produzido por um grupo de teatro, é, no entanto, revestido de muita mímica e dança, como acontece sempre em muitos dos espectáculos concebidos por Águeda Sena. Aquilo que me leva a incluir sem hesitações o caso de Ofélia no mundo do teatro é primeiro de tudo o facto de eu não acreditar, em tempos confusos como os nossos, numa fronteira específica entre o teatro e a dança. Por outro lado, para quem a tenha visto participar neste trabalho, e embora não fale, a voz interior que salta cá para fora leva a crer que Ofélia representa tanto ou mais como uma actriz do que como uma bailarina. E apesar do seu enorme talento e técnica para a dança é numa capacidade dramática que acima de tudo nos fica na retina.

Ora acontece que Ofélia já por várias vezes se sentiu atraída pelo teatro. Por exemplo, no Liceu Dom Pedro V, que frequentou, após dois chumbos consecutivos, foi na opção teatro, pela mão de António Solmer, que conseguiu avançar. Também nos últimos seis anos, trabalhando com Ruben Marques, primeiro numa oficina de dança e mais recentemente na escola por ele formada, o teatro a tem chamado devagarinho e é neste momento que tudo, para ela, se vai decidir. Quis, portanto, assistir ou não a um nascimento. Será nos próximos dias, precisamente, que esta pequenina bailarina se vai inclinar para o teatro ou continuar exclusivamente inclinada para o bailado.

Assistimos por isso ou não a um desses truques que a arte sem aspas faz, por vezes imperceptíveis, e que a olho nu não se conseguem distinguir dos outros truques, os da arte com aspas, muito mais banais. É que dentro de uma ou duas horas, depois de aquecer o seu corpo como fazem todas as bailarinas antes de um espectáculo, Ofélia irá para o palco. Quando entrar, não se dará por ela nos primeiros três segundos: o tempo de sentir que o público está ali. Depois, com toda a magia de uma boa actriz, começará a contar uma história. E nós, sentados na plateia, embebidos de mentira e levados ou não pela comoção, acreditaremos nessa mentira, comovendo-nos quando ela nos comover. E a história será mais verdadeira do que muitas histórias, contada do princípio e a apontar, certeira, para um novo fim.

*A lição de Chernobil é que os chefes deste mundo, tanto do Leste como do Oeste, estão decididos a prosseguir a sua utopia de ilusório domínio, ainda que sobre os cadáveres imediatos ou adiados de milhares ou milhões de seres humanos.*
*Quantas vítimas terá que ter um próximo desastre para arrepiarem caminho, ou para que se dê uma nova tomada da bastilha?*

# Chernobil: é preciso estar atento

O nosso é um mundo onde as notícias são constantes e logo se esquecem, no meio de uma girândola de outros estímulos televisivos. O trivial e o insignificante tendem a sepultar numa montanha de banalidades os acontecimentos verdadeiramente importantes. É certo que as consequências do desastre de Chernobil volta e meia são focadas nos meios de Comunicação Social. No entanto, a tendência é esquecer. Esquecer que, a qualquer momento, é plausível um acidente nuclear de grandes dimensões na Europa, Espanha, França, Alemanha... Num caso desses, as consequências para Portugal poderiam tornar-se bem mais preocupantes que as diminutas, embora de forma alguma inexistentes mas mal conhecidas, consequências para, para nós, do desastre de Chernobil.

Nem tudo, porém, é negativo! Por compensação, o desastre trouxe um novo alento ao movimento antinuclear mundial, europeu e português, o que já se reflectiu na invulgar dimensão que está tomando a contestação à lixeira nuclear espanhola na região do Douro internacional. Em França esse novo alento também surgiu. O que é tanto mais interessante, quanto nesse país o movimento antinuclear começou com força em 1970 tendo depois caído num ponto morto, enquanto a França se nuclearizava intensamente e a Eléctricité de France criava uma dívida colossal. Está mesmo em esboço, e a partir de França, uma rede internacional de associações e pessoas que se opõem ao nuclear.

Uma das expressões mais interessantes dessa rede é uma *declaração comum* já assinada por numerosos grupos ecológicos franceses e de outros países. Trata-se de uma iniciativa do incansável militante antinuclear Jean Pignero e da Associação de Protecção contra as Radiações Ionizantes — APRI, por ele dinamizada. Lembramos que Jean Pignero esteve em Portugal em Abril de 1985, por iniciativa do jornal *«Terra Mágica»*, tendo orientado seminários em Vila Nova de Milfontes e no Porto, e feito conferências em Setúbal e Lisboa.

Na *declaração comum*, pede-se aos governos membros da Agência Internacional de Energia Atómica que informem os cidadãos dos seus países com presteza e verdade em caso de desastre nuclear. A AIEA tem 113 países inscritos, dos quais 94 estiveram presentes numa reunião realizada em Viena em 26 de Setembro de 1986. Nessa reunião, 51 Estados adoptaram duas convenções e uma resolução final. Segundo a primeira convenção, qualquer Estado signatário deverá avisar de imediato os Estados vizinhos em caso de desastre nuclear. A segunda convenção refere-se à assistência mútua entre Estados em casos semelhantes. A resolução final reafirma a responsabilidade de cada Estado envolvido em actividades nucleares.

No entanto, e é isso que a *declaração comum* denuncia, nessas convenções, nenhuma referência é feita à informação do *público*, dos *cidadãos*, que assim ficam inteiramente dependentes das burocracias dos Estados e da sua vontade de de revelarem ou ocultarem os acontecimentos.

A *declaração comum* foi já assinada por dois grupos ecológicos portugueses: os Amigos da Terra/Açores e o grupo Terra Mãe — Movimento Autónomo de Ecologia. Este último grupo vai mesmo iniciar a difusão ampla em Portugal do texto da declaração e a recolha de adesões de instituições e pessoas. Todos os interessados podem contactar o grupo através do seguinte endereço: Terra Mãe — Movimento Autónomo de Ecologia, a/c Emílio Quintal, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 11 r/c dt.º, porta 6, 1800 LISBOA

**José Carlos Costa Marques**

## Sorrisos de Agosto

**Grande febre de auto-acusações em Washington**

Ant Farm, «Media Burn»

Vídeo 8

# Vertigem: irresponsabilidade visual

A imaterialidade e a incorporalidade têm dado muito que pensar. O fulcro da questão levantada pela arte-vídeo, ou mesmo o vídeo em geral, tem alicerces na problemática temporal. Talvez o tempo seja a nave, o «elemento» que todos partilhamos. André Bazin afirmou, quanto à fotografia, que «é na génese que deve ser procurada a solução e não no resultado». Mas o que resta do tempo na metamorfose temporal que a fotografia opera? Transformação do tempo em espaço? ou um resquício impalpável do movimento que o tempo nos lega, uma ruína dele próprio? Em todo o caso, entre a recordação de um momento e a morte na gelatina «ofuscada», é a complexidade da questão que se vem «agravar», simples, obsessional, centrando o olhar do tempo, imagem do interminável rodopio.

A complexidade tecnológica do vídeo apela no mesmo sentido que grande parte das questões inerentes ao acto fotográfico. Todavia, a exponencial tecnotrónica que as distancia tende não só a evitar-nos uma tal comparação além de que o médium videográfico é transido por uma dupla especificidade, o que no-la impediria também. A fotografia possui, de chofre, uma posição ambígua, dupla, duplicadora, multiplicante. Ao disparar, o elemento que envolve o acto é *seco*. A revelação, operação multiplicadora, está constrangida a um meio aquático, ou aquoso. O acto perfaz a flecha do olhar e a estrutura biológica do órgão de visão; tende à mesma irresponsabilidade apensa ao visual.

A duplicidade enraizada no vídeo reflecte e força-nos a procurar um outro espaço teórico que, sem invalidar de maneira nenhuma o percurso enveredado pela prospecção da modernidade fotográfica, toma, ou deverá tomar, resolutamente, uma feição própria. E o vídeo é dúplice na sua génese, *mesmo*. Para Michael Fried, nos anos sessenta, «o sucesso e a sobrevivência das artes dependiam principalmente da maneira hábil a empregar a fim de derrotar o teatro». Numa via aparentemente contrária encontramos, na mesma época, John Cage, para quem o destino da música é o teatro, repetindo pseudomarginalmente a intenção wagneriana.

A dificuldade que surge encontra-se no facto que todas as artes estão mais ou menos, mais que menos, interligadas pela teatralidade que as possui. Mesmo quando os artistas americanos abandonam os lugares e materiais tradicionais e optam pela arte corporal (body art), os factores que se evidenciam reivindicam-se apenas através de posturas teatrais. A *presença* e a *instantaneidade*, correlativas e intimamente solidárias, congéneres, não ultrapassara tal problema.

A originalidade visual do video não o ultrapassou, mas ingurgitou-o dialecticamente.

A questão do tempo, ingente nas artes plásticas, reverte sempre em experiência temporal. A instantaneidade electrónica é, em informática, tempo *real*. O vídeo, se subverte ou ultrapassa a questão da temporalidade, implica-nos na modalidade teatral, conjuga a experiência temporal e o tempo na instantaneidade do médium, açambarca a ocularidade de maneira pegajosa. A imagem-vídeo é *pergamóide*.

Foi dito (Cahiers de la Photo) que a fotografia recusa o estatuto de signo para melhor atingir o indicial. Neste transbordar acorda um espaço, uma intermitência, uma latência da experiência temporal que, de certo modo, se esgueira da analogia. Há uma imprevisibilidade que o resto — enquanto fotografia — deixa tresver (ainda que pareça paradoxal) como uma imperceptibilidade.

Na membrana lisa do tempo — a fotografia — raiam vectores esquivos da temporalidade do acto (fotográfico) que a analogia dissolve. A fotografia faz «crescer» o tempo ao retalhá-lo em imagens.

O vídeo é arco, flecha e àlvo. O tempo tecnotrónico é um desfiar constante que o dispositivo vídeo repete. É uma pose interminável em que a tecnologia rivaliza mais com a eternidade que com o tempo propriamente dito. E, sem negar o papel activo de todos os inconscientes, culturais ou tecnológicos, a imagem-vídeo «paira» sem suporte aparente na sua *flocosidade* acenando à vertigem que nela é sempre espectáculo. A porosidade da trama chama a si a contiguidade. A presença e a instantaneidade, mediatizadas, são a vertigem-vídeo do tempo que, emoldurado pela eternidade, não cessa, talvez, de repetir-se.

**Rafael Godinho**

Destaque

# Leopardo de ouro para José Álvaro Morais

Há partos difíceis. O filme de José Álvaro Morais «O BOBO», que acaba de ser exibido no Festival Internacional de Cinema de Locarno, obteve o galardão máximo Leopardo de Ouro, confirmando desde já todas as expectativas:

De facto, José Álvaro Morais tinha rodado este filme já em 1979, tendo a história difícil e quase épica do seu aparecimento definitivo demorado todos estes anos a desenrolar-se. O som, que precisava de ser todo refeito, foi novamente dobrado, em certos casos por outros actores, que emprestaram assim a sua voz em casos difíceis ou impossíveis de colmatar de outro modo. Todo um trabalho de minúcia, que demorou mais de um ano e se deve em grande parte à perseverança de Vasco Pimentel, permitiu que, embora ainda não na fase de aperfeiçoamento final, o filme enfim pronto para apresentação, a concurso, naquele festival, onde acaba de lhe ser atribuído o galardão de nome tão selvagem e luminoso.

Teremos assim um leopardo doirado a brilhar no nosso horizonte cultural, mostrando talvez as garras àqueles que nunca ou pouco apostam na capacidade de rugir. Mesmo daqueles que, como José Álvaro Morais, são mansos, mas que se alimentam de crenças perversas: como esta de no nosso país de brandos costumes ser possível alimentar à solta, nos seus jardins floridos, um Leopardo assim.

Mas a pergunta é: será que alguém agora lho vai roubar?

Desde já o maior abraço ao Zé Álvaro e a todos aqueles que ao longo destes anos lutaram, em lume brando mas não fraco, para que este filme nascesse um dia. Venha o próximo, caramba.

**M.C.**

José Álvaro Morais

# A violência como «higiene mental»

## ■ Psicólogos alemães debatem influência do cinema sobre a agressividade

MÃES desesperadas perguntam onde erraram na educação dos filhos e professores perplexos receiam que os alunos acabem caindo no crime. No espaço de três meses, as bilheteiras de cinemas alemães venderam 1,7 milhão de entradas para «City Cobra». Agora esse filme, extremamente violento, também pode ser alugado nas videòtecas.

Murat, de 15 anos, é um especialista neste género. Ele conhece todos os filmes, lê com atenção a propaganda das distribuidoras americanas publicada semanalmente na revista «Bravo» ou na «Film-News», um magazine trimestral com uma tiragem de mais de um milhão de exemplares, lançado no mercado por uma conhecida cadeia de restaurantes «Fast-Food».

«O começo já é um barato», sussurra Murat ao meu ouvido. Munido de uma metralhadora, um psicopata com a cara marcada pela varíola invade o «hall» de entrada de um supermercado. A câmara segue em «*close*» as botas militares que pisam tudo que lhes aparece pela frente.

Ouvem-se estampidos e gritos, o louco atira indistintamente na multidão, granadas explodem, mercadorias caem por terra, garrafas estouram, os fregueses morrem em câmara lenta, o assassino toma fregueses como reféns.

Os 48 espectadores — 46 homens, 2 mulheres — no cinema «Aladin» em Hamburgo já sabem que esse é o momento da entrada em acção de Silvester Stallone, aliás «City Cobra», herói dos filmes «Rambo I», «Rambo II» e «Rocky», veterano da guerra do Vietname e protagonista das fitas cujos guiões ele mesmo escreve.

«Eu não suporto tipos como você. Você é uma doença, eu sou o remédio.» Esta é a sua mensagem, válida para o indivíduo ou para a sociedade. E num golpe certeiro ele arremessa a sua faca atingindo o peito do assassino.

Silvester Stallone é um homem de acção, astro desse cinema da força bruta que substituiu os filmes «zombianos» na preferência popular. Um cinema no qual não se pensa muito, se fala pouco e se ama menos ainda.

Em contrapartida, dispara-se com perfeição, vence-se sempre ainda que o inimigo esteja muito mais bem armado. Quando muito, o herói recebe um pequeno ferimento no rosto. Não que esse cinema seja novo, o que alucina é a precisão no emprego das mais modernas técnicas.

O corpo de Stallone, frequentemente despido, é sinónimo de sucesso, as gotas de suor traduzem o esforço sobre-humano, ele próprio simboliza o arquétipo selvagem da espécie humana – um americano, «com um pai alemão e uma mãe índia», como me confidencia Murat.

Suas armas são — como não poderia deixar de ser com tais antepassados — tenacidade e perseverança, sangue-frio, rapidez e determinação, força física e a convicção de que só homens como ele poderão salvar a humanidade, porque o meio que os cerca compõe-se apenas de uma ridícula e intelectualizada massa de fracos.

«Quem de vocês viu "Rambo"?» Todos os alunos da classe do 1.º grau de uma escola de Hamburgo levantam a mão. Stefan, um menino magrinho, simpático e sempre pronto a ajudar os colegas, actualmente detém o recorde: «Eu vi o filme 18 vezes.» O seu colega Murat impressiona-se com o facto de Stallone escrever ele próprio os guiões das suas fitas. «Acho-o um tipo superlegal, que faz sucesso entre as mulheres. Quando eu vi "Rocky", queria parar com o futebol e começar a lutar boxe. Eu saía do cinema sentindo-me bem, orgulhoso, sei lá. E sempre que eu ouvia a música "Living in America" na discoteca eu sentia a mesma coisa.» Ele também agiria como o «City Cobra»? «Claro que sim. Eu também teria atirado nesses tipos prà matar. Senão o juiz manda-os prò hospício e daí eles fogem de novo.» Quem vê esses filmes? «Quase todos. Mas

Foto Christa Petri

O comportamento agressivo nas crianças é adquirido ou inato?

quando "Rocky" estreou, o cinema estava cheio de tipos da *zona*. Aí a gente ficou com medo e quase que fomos embora.»

Esses filmes estimulam a violência? «Faz quatro anos que eu não brigo mais, e o Taylan, que não pára de falar desses filmes, no fundo é um cara que não faz nada.»

Seja qual for a índole — ver esses filmes mexe com qualquer um. O «Departamento Federal de Controlo de Publicações Nocivas a Menores» recebeu vários pedidos de interdição para o videofilme «Rambo II», incluindo-o no index de 1986.

Na opinião do Departamento, a representação pouco realista não constitui argumento «atenuante», por exemplo, a cena em que Rambo sozinho liberta da floresta um prisioneiro de guerra americano, apesar da forte vigilância vietnamita: «Mesmo a representação exagerada do massacre... é passível de exercer influência negativa sobre alguns adolescentes.»

Ao argumento de que filmes desse género nasceram com a própria invenção do cinema, objecta-se que isso «deveria ser menos um motivo para autorizar a sua apresentação do que para reconsiderar os critérios de liberalização actualmente válidos».

Solicita-se agora um parecer da «pesquisa de efeitos», uma área razoavelmente nova, à qual competirá julgar os aspectos positivos e negativos do convívio social, como foi o caso nos anos sessenta quando do debate sobre os riscos imanentes à apresentação de temas pornográficos.

O Departamento Federal de Controlo reporta-se a «resultados de pesquisas empíricas no sector da teoria sócio-psicológica do aprendizado a partir de modelos», segundo a qual a apresentação da violência tem um efeito «brutalizante». No parecer indiciante, aliás digno de nota, lê-se que «Rambo se torna uma figura de identificação para os meninos justamente porque ele age (mata) em v[illegible] de falar».

Mas a suposição inversa é igualmente plausível, ainda que menos sensacionalista: «Vivenciando a violência no filme, reduz-se o próprio potencial de violência, o qual é sublimado ou compensado através da energia dos instintos.»

Assim, esses filmes praticamente têm uma «função psico-higiénica», porque a «violência filmada» contribui para «amortecer a agressividade e evitar que se manifeste na perturbação da ordem social», define o pesquisador de *media* Michael Schumann, a chamada teoria da catarse.

A incompatibilidade dessas duas teses é antiga. Nenhuma delas poderá fornecer resultados concludentes, aceites por todos, uma vez que as pesquisas partem de premissas próprias e por isso limitadas. Nessas circunstâncias, manifesta-se o desejo de observar e vivenciar pessoalmente o comportamento dos adolescentes no mundo das imagens a que se entregam.

Frauke Wigmann, da «Secção de *Media*» do Departamento de Assuntos Sociais de Hamburgo recomenda: «Você tem que ir assistir a um desses filmes populares junto com adolescentes. Ir lá e observar. Eles chegam em turmas. Se acham o filme chato saem, vão fumar um cigarro ou ficam por aí. Se a acção não os prende, você logo vai ouvir: 'Merda, isso aí é uma droga. Nós não estamos pra brincadeiras.'»

Para os adolescentes, o cinema é um importante ponto de encontro e comunicação. Prova disso é a paisagem que fica quando termina o filme: latas amassadas de «Coca-Cola», sacos vazios de batatas «Chips» e copos de papelão displicentemente largados sobre a carpete desgastada.

Os 3600 cinemas ainda existentes na Alemanha Ocidental são frequentados semanalmente por cerca de 600 000 jovens da faixa etária de 12 a 18 anos. Esses adolescentes — a primeira geração que cresceu com os *media* visuais — interessam-se principalmente por sinais identificáveis, «determinadas posturas, estilos de roupas, marcas de carros, um determinado tipo de música, muita acção, piadas, surpresas. Face a isso, o enredo e o conteúdo ocupam um plano secundário», constata Frauke Wigmann.

Após o congresso dos «Encarregados da Protecção de Menores do Departamento de Autocensura da Indústria Cinematográfica» do ano passado, o pesquisador de *media* Kübler resumiu as suas experiências.

«Os adolescentes acham disparatados os receios comuns entre adultos de que poderiam transferir directamente para a vida real e quotidiana as fantasias vivenciadas no mundo das imagens. Eles acham-se inteligentes e competentes a ponto de saberem distinguir entre ficção e realidade.»

Os adolescentes não desenvolvem vínculos emocionais com os seus heróis nem os transformam em «marcos existenciais de orientação». Além disso eles «digerem» o que vêem em animadas discussões com os amigos da turma. O bom conhecimento dos filmes mais cotados assegura-lhes lugares de destaque na hierarquia do grupo e nenhum deles desistirá dessa vantagem sem mais nem menos.

Assistir sem medo a cenas especialmente brutais é uma prova de «sangue-frio, virilidade e capacidade de orientar-se na dura realidade dos adultos». Esse comportamento é mais típico entre meninos e rapazes e modifica-se à medida que o adolescente se desenvolve.

Kübler acrescenta que o grande número de filmes vistos promove o distanciamento emocional. Além disso é preciso levar em conta que os adolescentes assistem com igual prazer a filmes cómicos. As fitas «Police Academy» e «Beverly Hills Cops» tiveram, cada qual, mais de cinco milhões de espectadores na Alemanha Ocidental.

Hoje, o mundo infantil e juvenil está extremamente socializado, o momento da necessidade de tornar-se adulto foi adiado; a ameaça do desemprego iminente, de catástrofes ambientais e da guerra, se fosse aceite como possibilidade real, só causaria pesadelos.

Onde resta espaço para os sonhos? Enfiados na maciez de fofas carpetes, espremidos entre aquários borbulhantes e imensas estantes de madeira imitada, oprimidos pelo mutismo e pela falta de amor ou ainda pela mania de pedagogia dos pais, resta aos adolescentes a alternativa de criar a sua própria subcultura, na qual só eles são competentes.

«Life is Xerox. You are just a copy»: na opinião dos entendidos, a frase contém a essência da experiência de vida desses adolescentes, mas também o germe da perspectiva de ser mais do que uma cópia barata.

Actualmente, o filme número um na preferência juvenil é «Top Gun», uma epopeia sobre um heróico aviador. A qualidade profissional da fotografia dessa fita prende qualquer espectador.

Mas, visto que o sucesso do filme resulta num acréscimo de dez por cento de jovens que desejam ingressar na Força Aérea norte-americana, os partidários de uma determinada linha política têm motivo para críticas e objecções. Mas o que deve ser criticado: o filme ou a realidade social dos adolescentes que os induz a escolher essa profissão?

**Reiner Scholz**
(Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt, extraído da «Tribuna Alemã»)

*Na quinta-feira*

LER ESCREVER